

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

ELIANE SILVA

**SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: UMA BREVE LEITURA DAS INVOCÇÕES E
CARACTERÍSTICAS DE MARIA**

Porto Alegre
2015

ELIANE SILVA

**SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: UMA BREVE LEITURA DAS INVOCAÇÕES E
CARACTERÍSTICAS DE MARIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich

Área de concentração: Teologia e Pensamento Contemporâneo.

Porto Alegre
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586s Silva, Eliane
Sor Juana Inés de La Cruz: uma breve leitura das
invocações e características de Maria / Eliane Silva. – Porto
Alegre, 2015.
147 f.

Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de
Teologia, PUCRS.
Orientação: Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich.

1. Teologia. 2. Cruz, Sor Juana Inés de La – Crítica e
interpretação. 3. Virgem Maria. 4. Escolástica. I. Pich, Roberto
Hofmeister. II. Título.

CDD 232.91

Aline M. Debastiani
Bibliotecária - CRB 10/2199

ELIANE SILVA

**SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: UMA BREVE LEITURA DAS INVOCAÇÕES E
CARACTERÍSTICAS DE MARIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich
(Orientador)

Prof. Dr. Urbano Zilles

Prof. Dr. Flavio Schmitt

Porto Alegre
2015

AGRADECIMENTOS

Esta caminhada não teria alcançado seu destino se algumas pessoas não estivessem no meu trajeto. Agradeço a elas e dedico qualquer mérito que venha a alcançar como fruto deste trabalho, para o Bem e a Felicidade de todos os seres.

Aos meus Colegas

Amigos, Amigas

Professores

Toda Secretaria da Teologia

Em especial, ao meu Orientador

Banca Examinadora

Irmãs Clarissas do Mosteiro São Damião

Ao ICES – Instituto Cultural Emilio Sessa

Minha Família

Em especial, à minha amada Filha Vivian e ao querido Amigo Gilson

Rosimeri

Jaci

Naima

Ao Lar da Felicidade

À Nossa Senhora de Guadalupe

E pela Alegria da Fé em Deus!

As pessoas, efetivamente, falam umas às outras. Mas para uma investigação existencial, a comunicação é um enigma e até mesmo um milagre. Porquê? Porque o estar junto, enquanto condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão fundamental de cada ser humano. Por solidão não quero indicar o fato de, muitas vezes, nos sentirmos isolados como numa multidão, ou de vivermos e morreremos sós, mas, num sentido mais radical, de que o que é vivido por uma pessoa não se pode transferir totalmente como tal e tal experiência para mais ninguém. E, no entanto, algo passa de mim para vocês, algo que se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência vivida, mas a sua significação. Eis o milagre. A comunicação é, deste modo, a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida. (RICOEUR, 2013, p. 29-30).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar e relacionar as diversas invocações e características de Maria na obra de Sor Juana Inés de la Cruz, a partir dos aspectos teológicos mais tradicionais atribuídos à Virgem. Nascida em São Miguel de Nepantla em 1651, por volta dos dezenove anos deixou a proteção da corte e optou por professar na Ordem das Jerônimas, onde produziu a maior parte da sua obra literária em prosa, verso, teatro, romances, sonetos, poesia amorosa, *villancicos*, cartas, escritos filosóficos e teológicos. Escreveu poemas latinos, castelhanos, na língua mexicana e em diversos dialetos daquela região. Ousou discutir e reivindicar para as mulheres da sua época, o direito aos estudos e ao conhecimento. A propósito, seus conhecimentos nas mais diversas áreas da ciência foram considerados extraordinários para a ocasião. Chegou a contestar, por escrito, o Sermão do Mandato do padre jesuíta Antonio Vieira, com sérias repercussões e desdobramentos naquele momento, mas cuja discussão sobre o assunto se estende até os dias de hoje.

A partir destas observações iniciais, passamos a examinar como Sor Juana teria representado algumas noções da figura de Maria, especialmente nos seus *villancicos* em honra da Conceição e Assunção de Nossa Senhora e em parte dos seus escritos em prosa, de como articulou estas noções em um determinado tipo de narrativa que, por vezes, tende a adquirir um sentido próprio. A intenção é analisar as relações entre tais narrativas e o contexto vivido pela religiosa, contexto esse que entendemos como fortemente moldado pela fé cristã, mas também por discussões, crenças, desafios teológicos, literários e políticos. Para tanto, o presente estudo pretende integrar à teologia, diferentes áreas como a História, a Filosofia e a Literatura Barroca da Nova Espanha. Com esse exercício, pretendemos contribuir, trazendo para o debate um tema e uma época importante para os primórdios da história da Igreja no México do século XVII, além de acrescentar um nome feminino ao período da Escolástica Colonial da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: TEOLOGIA, NOVA ESPANHA, ESCOLÁSTICA COLONIAL DO SÉCULO XVII, VIRGEM MARIA, SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ.

ABSTRACT

The objective of this research is to identify and relate the various references and features of Mary in the work of Sor Juana Inés de la Cruz, from the more traditional theological aspects attributed to the Virgin. Born in San Miguel de Nepantla in 1651. At the age of nineteen she left the court's protection and opted to profess the Order of Jeronimas, where she produced most of her literary work in prose, verse, theater, novels, sonnets, love poetry, carols, letters, philosophical and theological writings. She wrote latin and castilian poems in the mexican language and in several dialects of the region. Maria clared to discuss and claim for the women of her time, the right to study and knowledge. Moreover, their knowledge in several areas of science were considered extraordinary for the occasion. She came to challenge in writing the Sermon of Mandate on the jesuit priest Antonio Vieira, with serious repercussions and ramifications at the time but whose discussion on the subject extends to the present day.

From these initial observations, we examine how Sor Juana would have represented some notions of Mary's figure, especially in her carols in honor of the Conception and the Assumption of our lady and part of her prose writings, articulated how these notions in a particular type of narrative that sometimes tends to acquire a specific meaning. The intention is to analyze the relationships between these narratives and the context lived by religious woman in wich contex we understand as strongly shaped by the Christian faith, but also discussions, beliefs, theological challenges, literary and political. Therefore, this study intends to integrate different areas such as history, philosophy and the baroque literature of New Spain. From this research, we intend to contribute by bringing to the debate a topic and a time that are also part of the history of the Church and the religious and cultural thinking that permeated Mexico of XVII century, and adds a feminine name to the Scholastic Colonial Latin America.

KEYWORDS: THEOLOGY, NEW SPAIN, SCHOLASTIC XVII CENTURY COLONIAL, VIRGIN MARY, SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Fronstispício, 2º volume das obras de Sor Juana.....	23
Figura 2- Frontispício da edição Fama e Obras Phostumas.....	23
Figura 3- Sor Juana, autor desconhecido, fim do séc. XVII.....	27
Figura 4- Sor Juana, detalhe, por Juan de Miranda, 1680/88.....	27
Figura 5-Sor Juana, por Miguel Cabrera, 1750.....	28
Figura 6-S. Jerônimo em seu escritório, por A. de Messina, 1474/75.....	28
Figura 7-Antigo claustro de São Jerônimo.....	29
Figura 8-Sor Juana estampada no dinheiro mexicano.....	31
Figura 9-Evolução da assinatura de Sor Juana.....	32
Figura 10-Mapa do México às vésperas da conquista.....	43
Figura 11-Mapa da expedição de Cortés (1519).....	43
Figura 12-Falsa imagem do Arco idealizado por Sor Juana.....	53
Figura 13-Uma dama do século XVII.....	59
Figura 14-Biombo do palácio dos vice-reis do México, 1676-1700.....	60
Figura 15-Hábitos das monjas na Nova Espanha.....	62
Figura 16- Representação de sacerdotes mexicas realizando um sacrifício.....	67
Figura 17-Representação da batalha de Technotitlan.....	68
Figura 18-Os milagres da Virgem de Guadalupe, séc. XVIII.....	70
Figura 19-Representação da deusa Tonantzin.....	72
Figura 20-Pietà, de Michelangelo.....	78
Figura 21-Nossa Senhora, Fra Angélico, 1435.....	78
Figura 22-Maria em oração, séc. XVII, Catedral de Puebla.....	79
Figura 23-Representação da Catedral, Cidade do México, anônimo, séc. XVII.....	108
Figura 24-Portada dos <i>villancicos</i> da Assunção, 1686.....	111
Figura 25-Portada dos <i>villancicos</i> da Conceição, 1676.....	111
Figura 26-Destaque de Sor Juana e o medalhão da Ordem.....	126
Figura 27- Protesta de Sor Juana rubricada com seu próprio sangue.....	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-Monastérios das monjas na Cidade do México até o século XVII.....	63
Tabela 2-Principais características de Maria.....	77
Tabela 3-Características de Maria no Hino Acatístico.....	80
Tabela 4-Características de Maria através do tempo.....	81
Tabela 5-Características de Maria como a <i>Virgo Pugnatrix</i>	82
Tabela 6-Características de Maria nas <i>laudes</i> , século XI.....	84
Tabela 7- Características de Maria na Ladaíinha Lauretana.....	85
Tabela 8- Características de Maria, resumo da subseção.....	104
Tabela 9- <i>Villancicos</i> da Assunção e Conceição.....	110
Tabela 10-Características de Maria nos <i>villancicos</i> da Conceição.....	114
Tabela 11-Características de Maria nos <i>villancicos</i> da Assunção.....	122
Tabela 12-Características de Maria nos Exercícios para os nove dias.....	129
Tabela 13-Características de Maria nos Oferecimentos para o Santo Rosário.....	132
Tabela 14-Características de Maria na Doutra Explicação.....	133
Tabela 15-Características de Maria na Protesta rubricada com seu sangue.....	137
Tabela 16-Características de Maria na Petição em forma casuística.....	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A VIDA E A OBRA DE SOR JUANA.....	20
1.1 A Vida.....	21
1.2 A Obra.....	32
2 CONTEXTO TEOLÓGICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO DE SOR JUANA.....	39
2.1 A Escolástica Colonial do século XVII.....	41
2.2 A questão dos Letrados.....	51
2.3 Uma percepção do Barroco literário: Helmuth Hatzfeld.....	54
2.4 A Religiosidade e as Letras.....	57
2.5 Conventos femininos na Nova Espanha do século XVII.....	60
3 INVOCAÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE MARIA: ALGUNS ASPECTOS TEOLÓGICOS E MAIS TRADICIONAIS ATRIBUÍDOS.....	64
3.1 Maria aporta na Nova Espanha.....	65
3.2 A Virgem de Guadalupe.....	69
3.3 Imagens teológico-sociais.....	73
3.4 A questão das definições dogmáticas de Maria.....	86
3.5 A Imaculada Conceição e a Assunção de Maria na documentação mariana dos Concílios ecumênicos e papais.....	92
4 SOR JUANA INES DE LA CRUZ: UMA BREVE LEITURA DAS INVOCAÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE MARIA.....	107
4.1 Maria nos <i>villancicos</i> de Sor Juana.....	107
4.1.1 Invoicações e características de Maria nos <i>villancicos</i> da Conceição.....	111
4.1.2 Invoicações e características de Maria nos <i>villancicos</i> da Assunção.....	116
4.2 Maria nos escritos em prosa de Sor Juana.....	124
4.2.1 Exercícios para os nove dias antes da Puríssima Encarnação.....	125
4.2.2 Oferecimentos para o Santo Rosário.....	132
4.2.3 Doutra explicação e Voto de defender a Puríssima Conceição.....	133

4.2.4 Protesta rubricada com seu sangue.....	134
4.2.5 Petição em forma casuística ao tribunal divino.....	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS.....	143

INTRODUÇÃO

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado da parte de Deus para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem, chamado José, da casa de Davi. O nome da Virgem era Maria.

Lucas, 1, 26-27.

A relação entre história e teologia, inicialmente, é um problema interno da história. Qual é o significado *histórico* de uma doutrina no conjunto de um tempo? Segundo quais critérios compreendê-la? Como explicá-la em função dos termos propostos pelo período estudado? Questões particularmente difíceis e controvertidas, quando não nos contentamos com uma pura análise literária dos conteúdos ou da sua organização.

Michel de Certeau. *A Escrita da História*.

“A comunicação é a experiência fundamental do ser humano desde que entra neste mundo. Comunicamo-nos de muitas maneiras: com o olhar, com o tato, a fala, os gestos, os sentimentos, pela maneira de andar e de vestir”¹. Alguns, no entanto, vão mais além. Como um dom ou mesmo um carisma sentem necessidade de expressar seu mundo interno e externo através de imagens, caso da pintura e escultura, ou da palavra, como no caso da escrita. Todas essas formas de expressão são registros que nos permitem observar o passado e dialogar com aqueles que já não estão mais aqui, fisicamente presentes no tempo de agora. Nesse sentido, entendemos que a obra de Sor Juana Inés de la Cruz² reflete, entre outras coisas, o diálogo de uma mulher religiosa com sua fé, mas também com a sua história. É nesse sentido, então, que buscamos dialogar com Sor Juana e seu tempo, principalmente, através das suas representações de Maria. Maria é o nosso ponto de encontro e referência para estabelecer esta comunicação. Nesse esforço, pensamos como Ricoeur que compreender um texto é “vencer a distância cultural e tornar seu aquilo que inicialmente era estrangeiro, é tomar a via do pensamento aberto pelo texto, é colocar-se a caminho, rumo ao *orient* do texto”.³ Até porque, uma obra sem esse diálogo renovado é uma obra morta. Além disso, e de certa forma,

¹ ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 19.

² “Sor” no sentido abreviado da palavra *sóror*, que significa irmã, freira.

³ THOMASSET, Alain. Paul Ricoeur e a Bíblia: poética e argumentação. In: MIES, Françoise (org.). *Bíblia e Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 101.

nos inspiramos no próprio “cristianismo que é, antes de tudo, uma religião da comunicação”.⁴ “Grandes são as obras do Senhor, dignas de estudo para quem as aprecia”.⁵

Sendo assim, a proposta desta pesquisa é identificar e relacionar as diversas invocações e características de Maria encontradas nos escritos de Sor Juana Inés de la Cruz, a partir de aspectos teológicos mais tradicionais que foram atribuídos à Virgem. Por invocações ou características de Maria, no nosso caso, queremos entender desde os diversos títulos marianos que surgiram ao longo do tempo, até mesmo as devoções e a maneira como Maria foi chamada e referida em determinadas ocasiões. Para atingir este objetivo geral acima proposto, estabelecemos quatro objetivos mais específicos que correspondem aos capítulos aqui desenvolvidos. O método de trabalho foi basicamente de revisão bibliográfica e da leitura da obra de Sor Juana. Convém registrar que, frente a uma meta mais restrita, não é nossa intenção, neste momento, explorar e analisar o universo feminino através das dimensões poéticas ou teológicas de Sor Juana, mas apenas focar na figura de Maria com base nos objetivos propostos.

Para tanto, partimos do pressuposto que leva em consideração a importância da religiosidade de Sor Juana, da sua própria história de vida e da relação que se estabelece entre a mulher e escritora com seus contextos sociais, políticos e religiosos. Pensando desse modo e para atender nossos objetivos mais específicos, dividimos o estudo em quatro capítulos. No primeiro procuramos apresentar algumas nuances da vida e obra de Sor Juana. A escritora mexicana foi uma monja que viveu na Nova Espanha do século XVII, entre a corte e a clausura na Ordem das Jerônimas, onde escreveu a maior parte dos seus trabalhos religiosos e literários, ousando reivindicar para as mulheres da sua época, o direito aos estudos e ao conhecimento. Sua obra, apesar de não ser muito extensa, é bastante diversificada incluindo textos em prosa, verso, teatro, romances, sonetos, poesia amorosa, filosóficas e morais, cartas teológicas e *villancicos*, entre outros.⁶ A mesma religiosa também escreveu poemas em honra

⁴ ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 20.

⁵ BÍBLIA Sagrada. Petrópolis: Vozes, 1982, Salmo 110, p. 755.

⁶Os *villancicos* foram introduzidos na Literatura Espanhola pelo Marquês de Santilhana (século XV), designando um tipo de canção popular correspondente, na sua estrutura, ao vilancete português: uma estrofe inicial, de dois a quatro versos (chamada refrão ou estribilho), acompanhada de uma sequência de estrofes (glosas ou voltas), que desenvolvem a ideia poética contida no refrão. Para o fim do século XVI, o *villancico* ganhou caráter musical, penetrou o interior das catedrais e tornou-se peça obrigatória de cerimônias religiosas (Natal, Reis, Páscoa). O vocábulo assinalava a extração rústica das personagens que nele intervinham: pastores, camponeses, enfim, gente das vilas. Entretanto, a certa altura de sua evolução, semelhavam verdadeiros autos sacramentais em miniatura. A mais antiga publicação de *villancicos* eclesásticos deu-se em Toledo, no ano de 1595, empreendida por Esteban de Zafra. Via de regra anônimos e escritos em espanhol, conheceram extrema aceitação até o século XVIII, quando se extinguiram por completo: a sua trajetória corria paralela à da própria estética barroca, com a qual se identificavam estreitamente, embora sem exagero. Apesar de sua popularidade na Península Ibérica,

e homenagem a Virgem Maria, momento de um grande ensaio da sua capacidade poética, no qual, segundo nosso entender, chega a arriscar algumas “inovações semânticas” ao comunicar invocações e características mais tradicionais sobre a Mãe de Deus, Senhora e Rainha do Céu e da Terra.

O segundo capítulo procurou aproximar Sor Juana dos seus contextos. Aqui, a ideia foi refletir sobre algumas definições da Literatura, que muitas vezes é vista apenas como ficção ou imaginação, o que, mesmo assim, não deixa de ser reconhecidamente uma forma de conhecimento que busca compreender o espírito humano e o mundo em que vivemos. Neste sentido, não contrasta com a teologia. O capítulo procura, a seguir e na medida do possível, examinar a elaboração do Pensamento Escolástico Colonial na Nova Espanha, a partir do estabelecimento das novas Ordens Religiosas e da Universidade, movimentos importantes que ajudaram a formar o século XVII. Nesse sentido, procuramos nos concentrar na perspectiva dos Letrados, do Barroco Literário e dos Conventos Femininos, grupos humanos e locais especiais onde muitas religiosas encontraram oportunidade e espaço para exercerem sua dedicação às letras e ao conhecimento, como foi o caso da nossa assim considerada “Fênix Mexicana”. Na realidade, podemos dizer que essas casas conventuais abrigavam, quase na sua totalidade, monjas contemplativas de clausura e qualquer descrição da história e da vida cristã que não as leve em conta, estará incompleta. Assim também pensava Josefina Muriel, historiadora e acadêmica mexicana, que dedicou grande parte de sua vida a pesquisar a trajetória de algumas dessas mulheres de fé que chegaram já com os primeiros “descobridores”, mas que ainda são muito pouco conhecidas. Contribuiu para esse desconhecimento, talvez, o fato do lugar da mulher nas relações sociais da Nova Espanha do século XVII, como veremos, ser considerado quase que exclusivamente em função de um homem do qual ela deveria depender. Fora o casamento, restava apenas a possibilidade de ingressar num convento, o que lhe outorgava um prestígio não apenas pessoal, mas familiar.

O terceiro capítulo procurou identificar algumas invocações e características de Maria a partir de aspectos teológicos mais tradicionais, tendo como base alguns textos e documentações da Igreja, no intuito de melhor dialogar com as abordagens utilizadas por Sor Juana. Sabemos que Maria, mesmo sem ter sido oficialmente canonizada, recebeu inúmeros atributos, características, invocações e títulos honoríficos. O historiador e padre jesuíta Ruben Ugarte, por exemplo, afirmou que quase todos os “conquistadores” foram fervorosos devotos

jamais foi cultivado no Brasil. MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 515.

da Virgem Maria.⁷ Nessa linha, Saranyana entende a própria América como o continente de Maria e que, embora a devoção mariana tenha chegado com os primeiros “descobridores”, aqui adquiriu uma nova e diferenciada fisionomia.⁸ De certa forma, é nossa intenção olhar para essas “fisionomias” através das narrativas de Sor Juana, uma vez que a Maria por ela revelada, provavelmente é também impulsionada pelo seu contexto social, religioso e histórico. Para tanto, procuramos analisar desde a chegada da Virgem a Nova Espanha, passando pelos relatos das suas aparições como Virgem de Guadalupe, a *Morenita*, ao índio batizado Juan Diego, para depois nos determos na descrição de algumas imagens teológico-sociais da *Theotokos*. Logo após, tratamos de algumas especificidades das expressões de fé que alimentaram as mais diversas documentações Marianas oficiais e não oficiais da Igreja Católica. Encerramos o capítulo com as definições dogmáticas da Igreja sobre Maria, com o objetivo de alicerçar nosso entendimento para quarto capítulo.

No último capítulo, por fim, procuramos identificar e relacionar as diversas invocações e características atribuídas por Sor Juana a Maria. Para tanto, selecionamos os *villancicos* da Conceição e da Assunção e parte dos seus escritos em prosa. Os *villancicos*, por termos certeza de sua autoria e por tratarem mais diretamente dos temas Marianos mais tradicionais, os textos em prosa por estarem sinalizados como os “documentos finais” de Sor Juana, ou seja, escritos pouco antes da sua morte e por evidenciarem um forte contraste nas características até então apresentadas. É importante que se diga, ainda, que os referidos *villancicos* possibilitariam a análise de uma interessante controvérsia envolvendo, na época, concepcionistas e ascensionistas⁹ e suas tentativas de construir um projeto social para aquela

⁷ UGARTE, Ruben Vargas, S.J. *História del Culto de Maria en Iberoamérica y de sus imagenes y santuarios mas celebrados*. Madrid: Talleres Graficos Jura, 1956, p. 10.

⁸ SARANYANA, Josep-Ignasi (Dir.). GRAU, Carmen-José Alejos (Coord.). *Teología em América Latina, Escolástica barroca, Ilustración y preparación de la Independência. (1665-1810)*. Vol. II. Madrid: Iberoamericana, 2005, p. 817.

⁹ No século XVII era clara a controvérsia entre Franciscanos e Jesuítas no que se refere a orientação cristã na Nova Espanha. Concepcionistas e ascensionistas divergiam quanto à forma de integração social. Cada uma dessas posturas não apenas expressava sua preferência por um dos referidos dogmas, mas assumia a formulação de projetos sociais num momento em que o processo de identidade nacional passou a ser controlado pelos grandes senhores das minas, dos fazendeiros e dos comerciantes das cidades. Nesse sentido, a importância da Virgem Maria de Tepeyac é um exemplo rico de implicações políticas. A cor morena da Virgem expressava sua intercessão perante Deus a favor dos indígenas e os salvava do pecado de idolatria. Dessa maneira, podemos dizer que os Franciscanos promoviam o culto à Assunção e não à Conceição, a veia guadalupana estimulada pelos Jesuítas, que consideravam que aquela maneira estimularia o culto pagão. BECERRIL, René Roberto. *La maestra divina y su enseñanza infinita. Los inicios del barroquismo educativo de Sor Juana Inés da la Cruz*. Viento Del Sur, nº 11, inverno 1997, p. 68.

sociedade, onde Becerril ¹⁰ afirma que Sor Juana teria pretendido, através de seus versos, conciliar os dois projetos. Por outro lado, os escritos em prosa datados de 1694 são aqueles que parecem sinalizar um novo ciclo na vida da monja, que leva a quem os lê a questionar sobre quais seriam os motivos que fizeram com que abrisse mão das suas lutas e da defesa do direito ao conhecimento para as mulheres, desistindo de tudo pouco antes de morrer e desfazendo-se, inclusive, da sua biblioteca e dos seus aparelhos científicos.

É notório que assuntos mais polêmicos parecem despertar mais a atenção e o interesse. Sendo assim, poderíamos pensar Sor Juana a partir do viés de uma teologia apenas feminista (de certa maneira, não deixamos de produzir esse diálogo com a “teologia feminista” da nossa autora). Teríamos material mais do que suficiente para enquadrá-la como uma feminista *avant la lettre* ou, quem sabe, dependendo das categorias a serem utilizadas, sustentar o anacronismo de tal afirmativa. Poderíamos nos ocupar em analisar as construções e os significados religiosos e políticos dos Arcos Alegóricos, muito comuns naquela época e em épocas anteriores e, em especial o Arco que foi edificado para a chegada/entrada na Nova Espanha, de um novo vice-rei na época, Tomás de la Cerda, o Marques de Laguna, que viria a ser um dos grandes protetores de Sor Juana, intitulado *Neptuno Alegórico*. O referido Arco, nomeando um deus pagão e mitológico, foi construído na entrada da Igreja Metropolitana do México e idealizado por ela. Estudá-lo, em particular, comportaria uma riqueza de relações históricas e sociais, bem como o entrelaçamento de significados teológicos e mitológicos, que colocaria à mostra um período que remonta ao tempo dos gregos e romanos.

Outro tema interessante e não menos polêmico, seria discorrer sobre o famoso debate (ou embate) que envolveu Sor Juana, o bispo de Puebla, Manuel Fernandez de Santa Cruz, escrevendo sob um pseudônimo de mulher (Sor Filotéa de la Cruz) e o Sermão do Mandato, do padre português e brasileiro Antonio Vieira, onde a religiosa mexicana ousou discordar de praticamente todos os argumentos que o padre sustentava naquele sermão. As consequências de tal fato viajaram para longe do continente e atravessaram o mar. Mais uma oportunidade seria trabalhar, quem sabe, um dos três Autos Sacramentais escritos por Sor Juana. Poderíamos optar pelo “Divino Narciso”, onde personagens como Ocidente, América, Céu e Religião discutem a violência da evangelização. Ou quem sabe, “O Mártir do Sacramento, São Hermenegildo”, uma espécie de ensinamento teológico, onde a Fé convoca as demais virtudes para uma discussão, ou “O Cetro de José”, onde podemos perceber a grande devoção de Sor Juana ao esposo de Maria, num interessante colóquio entre a Natureza, a Lei Natural, a Graça,

¹⁰ Referência a René Roberto Becerril do Instituto Superior de Ciências da Educação do Estado do México.

a Fé e a Idolatria. Resta, ainda, mencionar o famoso poema *El Sueño*, de ordem mais filosófica e psicológica e que o próprio Méndez Plancarte chegou a comparar com *Le Cimetière Marin*, de Paul Valéry.¹¹ Mesmo assim, restaria considerar toda a poesia de encargo dedicada aos vice-reis, vice-rainhas e autoridades eclesiásticas.

Isso tudo apenas para dizer que a obra de Sor Juana, essa monja que viveu grande parte de sua vida na clausura da Ordem das Jerônimas, oferece uma riqueza de possibilidades, embora, como constata Schons, ainda permaneça um mistério inexplorado. E aqui seria conveniente resgatar através da pesquisa de Schons, alguns dos primeiros e mais antigos escritos sobre Sor Juana, mesmo lembrando que durante o século XVIII, muito pouco se escreveu sobre ela, mas que durante o século XIX, teria havido uma inversão e surgido muitos autores que trouxeram, pouco a pouco, novamente a religiosa mexicana à luz. Assim foi das poucas páginas de Tadeo Ortiz de Ayala à biografia de Calleja em 1845, da contribuição de José de Jesus Cuevas em 1868, que fez uma série de artigos dedicados às Senhoras da Sociedade Católica aos estudos de José M. Vigil, o primeiro a considerar Sor Juana como uma grande personalidade. Apenas para termos uma ideia de como era realmente pouco conhecida, podemos relatar o fato de que em 1876, uma obra teatral sobre ela foi apresentada por José Rosas Moreno, uma obra que foi favoravelmente acolhida e apresentada por diversas vezes, apesar de cometer um grande erro histórico, pois mostrava um vice-rei da época de Sor Juana como esposo de uma vice-rainha de outra época e esposa de outro indivíduo.

Em 1893 foi a vez de Marcelino Menéndez y Pelayo e, em seguida, Luis González Obregón, que publicou um primeiro artigo documentado sobre Sor Juana. Acrescente-se entre outros, os nomes de Antonio Elias de Molíns, Manuel Serrano y Sanz e Francisco Pimentel.¹² Mas o resgate viria mesmo em 1910, com Amado Nervo e seu *Juana de Asbaje*, o nome de Sor Juana, no século. A partir daí a bibliografia não pararia de crescer até culminar com Octavio Paz, que numa obra de fôlego e muita pesquisa escreveu *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Atualmente, podemos encontrar um número bastante expressivo de artigos, teses e dissertações sobre Sor Juana, embora, a grande maioria na área das Letras e em segundo lugar na Filosofia, onde a ausência da Teologia, com certeza, se faz sentir.

¹¹ PLANCARTE, Alfonso Méndez Plancarte. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol. I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. XXXIII-XXXIV.

¹² SCHONS, Dorothy. *Bibliografía de Sor Juana Inés de la Cruz*. México: Imprensa da Secretaria de Relaciones Exteriores, 1925, num 7, p. 4-11.

Nessa ausência da Teologia, podemos nos deparar com vários autores que pertencem ao campo da Literatura arriscando-se com bastante empenho e sucesso nas áreas da religiosidade e mesmo no campo teológico. São espaços e lugares que até podem parecer, num primeiro momento, realmente mais reservados à dimensão da Literatura, mas as intersecções se evidenciam, são possíveis e a Teologia pode contribuir, neste aspecto, com muita propriedade. Inclusive, atualmente, amparada na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, onde o Concílio Vaticano II (1962-1965) ¹³ reconhece que nem sempre “é fácil realizar a harmonia entre cultura e o cristianismo”, mas que “a seu modo as letras e as artes são de grande importância para a vida da Igreja” pois procuram compreender “a índole própria do homem, seus problemas e suas tentativas energéticas de conhecer e aperfeiçoar a si mesmo e o mundo”. (GS 406).

¹³ Na História da Igreja, ocorreram 21 Concílios Ecumênicos. Além do Concílio de Jerusalém do relato bíblico, considera-se que em Niceia, no ano de 325, ocorreu o primeiro concílio. O último foi o Concílio Ecumênico Vaticano II, anunciado em 25 de janeiro de 1959, na Basílica de São Paulo, fora dos muros, em Roma pelo papa João XXIII, que fez seu discurso na inauguração da aula conciliar em 11 de outubro de 1962. Os 16 documentos conciliares, com suas quatro constituições, nove decretos e três declarações, representam o resultado de um compromisso exaustivo, não privado de muitas tensões, mas o início de grandes transformações na Igreja e um período pós-conciliar difícil e controverso. BRUSTOLIN, Leomar Antonio (org.). *50 Anos do Concílio Vaticano II recepção e interpretação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 13-14.

1 A VIDA E A OBRA DE SOR JUANA

...de maneira que aquelas coisas que não podem ser ditas, é mister dizer ao menos que não podem ser ditas, para que se entenda que o calar não é não se ter o que dizer, mas sim não caber nas palavras o muito que há para dizer.

Que entendimento tenho eu, que estudo, que materiais, ou mesmo que notícias para tanto, senão quatro bacharelados superficiais? Deixem isto para quem o entender, que eu não quero rumor com o Santo Ofício, que sou ignorante e tremo de dizer alguma proposição inconveniente ou distorcer a genuína inteligência de alguma passagem. Eu não estudo para escrever, nem tampouco para ensinar (que seria em mim desmesurada soberba), mas somente para ver se, estudando, ignoro menos.

Sor Juana, *Respuesta*.

A inexistência de singularidades femininas nos manuais de Literatura ou de História induz a duvidar da existência de manifestações literárias ou artísticas da mulher, inclusive no Século de Ouro, onde a figura de Santa Teresa é a mais representativa, simbolizando os valores do cristianismo.¹⁴ No entanto, desde a época dos Reis Católicos, das “latinas” que dominavam a língua clássica, desde Francisca de Nebrija, Lucia Medrano, Beatriz Galindo e Luisa Sigea, entre outras, onde algumas mulheres tiveram acesso aos estudos superiores na Universidade de Salamanca no Período Renascentista, não deixa de ser uma surpresa, em geral, pois temos que a incorporação da mulher nos níveis educativos superiores é uma conquista do século XX.¹⁵

No século XVI e XVII, para nossa surpresa, Sor Juana Inés de la Cruz não estava assim, tão sozinha. Assim como ela, algumas mulheres exerceram notável influência na literatura por volta da sua época, como, por exemplo, Ana Castro Egas, Ana Girón de Rebolledo, Sor María Téllez, Francisca de los Rios e Juliana Morell, que se destacou pela defesa de teses filosóficas aos treze anos e pelo domínio de quatorze línguas. Esta constelação intelectual, formada de uma minoria aristocrática, no entanto, não deve nos fazer esquecer que a situação da imensa maioria das mulheres era outra. O arquétipo de mulher recatada e o ideal

¹⁴ NAVARRO, Ana (Ed.). *Antología Poética de escritoras de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Castalia S.A., 1989, p. 10.

¹⁵ NAVARRO, Ana (Ed.). *Antología Poética de escritoras de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Castalia S.A., 1989, p. 16.

de mulher “perfeita casada” exposto por Frei Luis de León ¹⁶ e vigente nos séculos XVI e XVII, pode ser encontrado até nossos dias. ¹⁷ Daquela época, podemos citar, ainda, Cristina de Pisan (1363-1431), uma grande voz da mulher na Espanha, embora só tenha sido ouvida com mais intensidade no século XVII, coincidentemente, o século da nossa religiosa e poetiza mexicana. Podemos nomear, também, Sor Teresa de Cartagena no século XV, Luisa Padilha, Isabel de Liaño e Sor María de Santa Isabel que nos Séculos de Ouro foram algumas escritoras que elevaram suas vozes em nome da igualdade da mulher com o homem. Talvez esta última, possa ser considerada como uma antecedente de Maria de Zayas e de Sor Juana Inés de la Cruz. ¹⁸

1.1 A Vida

Para estudar a vida de Sor Juana, em princípio, teríamos apenas dois textos básicos. O primeiro deles, mais uma defesa do que propriamente uma autobiografia, é o famoso *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*, escrito ao bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, em março de 1691. Anteriormente, o referido bispo, sob um pseudônimo de mulher, “Sor Filotea”, havia endereçado sérias críticas a Sor Juana. ¹⁹ O outro texto, uma Aprovação

¹⁶ Frei Luiz de León provavelmente nasceu em 1527, estudou em Salamanca, filho de um advogado. Formado, obteve a cátedra de Santo Tomás. Foi eleito provincial dos Agostinianos em 1591, mas oito dias depois morreu e não chegou a assumir o cargo (p.11-14). Frei León também escreveu poesias em homenagem a Nossa Senhora: *Virgen que el sol más pura/glória de los mortales, luz del cielo/es quien es la piedad como la alteza.../Virgen e Madre junto.../Virgen del sol vestida/de luces eternas coronada/que huellas con divinos pies la luna.../Virgen del Padre Esposa/dulce Madre del Hijo, templo santo/del inmortal Amor, del hombre escudo.../...dos brazos presos, de los ojos ciego/a cien flechas estoy que me rodean/que em herirme se emplean./Sinto el dolor, mas no veo la mano...*(p.72-75). LEÓN, Luis de. *Poesías de Fray Luis de León*. Barcelona: Fama, 1953.

¹⁷ NAVARRO, Ana (Ed.). *Antología Poética de escritoras de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Castalia S.A., 1989, p.20-22.

¹⁸ NAVARRO, Ana (Ed.). *Antología Poética de escritoras de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Castalia S.A., 1989, p. 25.

¹⁹ É bastante conhecida a polêmica que envolveu Sor Juana Inés de la Cruz nas suas críticas ao “Sermão do Mandato”, escrito pelo padre jesuíta Antonio Vieira. Foi esta polêmica que originou as não menos conhecidas e admiradas cartas entre Sor Juana e o bispo de Puebla, na época, Manuel Fernández de Santa Cruz. Aconteceu que, pela metade do século XVII, o padre havia predicado, em Lisboa, um sermão intitulado “Sermão do Mandato”, onde discorreu e argumentou sobre o amor e as finezas de Cristo, contrariando três doutores famosos da Igreja: Santo Tomás, Santo Agostinho e São Crisóstomo. Quarenta anos depois, não se sabe bem em que circunstâncias, Sor Juana leu o discurso e refutou as opiniões de Vieira, argumentando contrariamente ao jesuíta e amparando-se justamente naqueles três doutores da Igreja, inicialmente, expondo seu texto oralmente a alguns interessados, inclusive ao bispo de Puebla. Diz-se que este mais interessado do que os outros, pediu à religiosa que enviasse por escrito o seu arrazoado. Embora existam várias hipóteses, também não fica muito claro o motivo pelo qual o bispo, que segundo se sabe, era amigo de Sor Juana, acabou publicando aquele texto em que ela contrariava os argumentos de Vieira, batizando-o com o nome “Carta Atenagórica” e, ainda, por cima, acrescentando uma introdução escrita por ele mesmo (o bispo) intitulada “Carta de Sor Filotea de la Cruz a Sor Juana Inés de la Cruz”. Sob um pseudônimo de mulher (Sor Filotea), portanto, o bispo de Puebla iniciava sua introdução tecendo uma série de elogios à religiosa para, logo em seguida, fazer-lhe sérias e severas admoestações sobre seu “conhecimento não santificado”. Repreendeu-a por não se dedicar, como seria desejável, suficientemente às coisas divinas: “lástima é que um tão grande entendimento de tal maneira se abata às rasteiras

do livro *Fama y Obras Posthumas del fenix de Mexico, Dezima Musa, Poetisa Americana, Sor Juana Inés de la Cruz*, etc., que foi impresso em Madrid em 1714. Mais do que uma Aprovação, no entanto, o padre jesuíta Diego Calleja, acabou compondo uma biografia da religiosa mexicana. Segundo Octávio Paz,²⁰ Calleja não conheceu Sor Juana diretamente, mas correspondeu-se com ela e conviveu com várias pessoas que foram suas amigas, como o Marques de Mancera, por exemplo. Paz não considera que seja uma verdadeira biografia no sentido moderno da palavra, mas uma narração tendenciosa que não chega nem a discutir os prováveis fatores que teriam levado Sor Juana a professar e tempos depois renunciar a tudo aquilo que teria sido a grande motivação de sua vida: seus livros, seus aparelhos científicos, suas múltiplas leituras e produções literárias. Nesse sentido, os textos em prosa que estudamos ao longo do capítulo final, logo após os *villancicos*, são apontados por muitos autores como realmente os últimos textos de Sor Juana, onde ela passa a se declarar a criatura mais indigna e ingrata de quantas foram criadas, aquela que tem vivido sem religião ou pior que pudera um pagão, numa série de declarações de culpabilidade e fé imperfeita. Naturalmente, outros livros que falam de Sor Juana, inclusive escritos na sua própria época, sustentam versões diferenciadas, mas não é nossa intenção relatar tais discussões neste momento. De qualquer maneira, escolhemos duas representações da religiosa mexicana que consideramos ricas em detalhes e que fazem parte dos frontispícios da edição de Tomás López de Haro, de 1692 e da *Fama e Obras Posthumas*, de 1700, nesta ordem. Na primeira imagem, inclusive, podemos

notícias da Terra, que não deseje penetrar no que ocorre no Céu; e já que se humilha ao solo, que não se rebaixe mais abaixo, considerando o que ocorre no Inferno. E se gostar algumas vezes de inteligências doces e ternas, aplique seu entendimento ao Monte Calvário, onde vendo finezas do redentor e ingratidões do redimido, encontrará grande campo para ponderar excessos de um amor infinito e para formar apologias, não sem lágrimas contra uma ingratidão que chega ao extremo”. BARRETO, Teresa Cristófani. *Sor Juana Inés de la Cruz, Letras sobre o Espelho*. São Paulo: Iluminuras, 1989, p. 23-26. Na sua *Respuesta*, Sor Juana oferece uma ideia de como a mulher era vista no século XVII da Nova Espanha e defende-se citando, principalmente, mulheres da mitologia, da Bíblia e do Cristianismo, em geral. Além de declarar que nunca escreveu “senão violentada e forçada, e somente para satisfazer os outros”, de não querer “rumores com o Santo Ofício”, de defender o conhecimento para as mulheres, pois “sendo filha de um São Jerônimo e uma Santa Paula, que seria a degeneração de tão doutos pais ser idiota a filha”, traz para o seu discurso Santa Teresa de Ávila, Débora, a rainha de Sabá, Abigail, Ester, Rahab, Ana (mãe de Samuel), as Sibilas, Minerva, Pola Argentária, a filha do divino Tirésias, Zenóbia, Arete, Nicóstrata, Aspásia Milésia, Hispásia, Leôncia, Júcia, Corina, Cornélia, a egípcia Catarina (Santa Catarina de Alexandria), Gertrudes, Paula, Marcela, Pacátula, Blesila, a virgem Eustóquio, Fabíola, Proba Falcônia, a rainha dona Isabel (mulher do décimo Afonso), Cristina Alexandra (rainha da Suécia), a duquesa de Aveiro e a condessa de Villumbrosa, Brígida (Santa Brígida), a monja de Ágreda (Sor Maria de Jesus de Ágreda), Marta e Maria (irmãs de Lázaro), Maria (mãe de Jacó), Salomé, Maria de la Antigua e, finalmente, a última a ser citada que é a “rainha da Sabedoria e Senhora nossa, que com seus sagrados lábios, entoou o Cântico do Magnificat; e tendo-a trazido por ser exemplar, agravo seria trazer exemplos profanos mesmo que fossem varões gravíssimos e doutíssimos”.

²⁰ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982, p. 140. Octávio Paz, nascido no México em 1914, reconhecido poeta, ganhou o Premio Cervantes em 1981 e, tempos depois, em 1990, o Premio Nobel com seu livro “*Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*”.

segunda vez com o capitão Diego Ruiz Lozano. Plancarte relata que a mãe de Sor Juana teve seis filhos: três com Pedro Manuel de Asbaje e, posteriormente, mais três com o capitão Diego. É possível que Isabel Ramirez, a mãe, possuísse laços com diversas famílias nobres. Tal fato fica mais evidenciado, se considerarmos que uma das irmãs de Isabel de Barros, fundadora do Mosteiro de São Jerônimo era tia de Isabel de Guevara, primeira religiosa a tomar o hábito naquele convento, estava casada com Gómes de Santillán que era parente da mãe de Sor Juana, além de Sor Assunção da Eucaristia, descendente do Conde do Vale de Orizaba, da família de Isabel de Barros, que assegurava o parentesco de Sor Juana com a fundadora do São Jerônimo. Com esse intrincado parentesco, concluímos que o presbítero Juan de Guevara, seu colaborador no poema *Amor és más laberinto*, como descendente de Isabel de Barros, acabaria sendo primo de Sor Juana.

Ainda com relação ao sistema parental, é interessante saber que em 1687, a mãe de Sor Juana fez seu testamento, embora só viesse a morrer em 1688. No testamento, protestou sua fé católica e sua crença na Puríssima Conceição, mandou pagar seus dízimos atrasados, rezar 200 missas por sua alma e a de seus pais e dar muitas esmolas para os Santos Lugares, a Redenção de Cativos, a canonização de V. Gregorio López e para as capelas de Nossa Senhora de Guadalupe e dos Remédios.²⁵ No entanto, ressalta Plancarte, ali mesmo constava sua “dolorosa revelação: mulher de estado solteira”, ainda que tenha tido seis filhos e filhas naturais.²⁶

Entre os seis filhos e filhas de Isabel Ramirez, portanto, encontrava-se a própria Sor Juana que em relação a sua vida em família, viria a confessar que “não havia completado meus três anos de idade quando minha mãe enviou uma de minhas irmãs, mais velha do que eu, para que lhe fosse ensinado ler numa das chamadas ‘Amigas’”.²⁷ O referido relato consta na *Respuesta*, onde descreveu que ao ver a irmã frequentar uma aula, acendeu-se nela de tal maneira o desejo de aprender a ler, que acabou por convencer a professora a ensinar-lhe, tendo dominado os conhecimentos desejados, num curto espaço de tempo. Não satisfeita, conta, ainda, que “quando tinha seis ou sete anos, e já sabendo ler e escrever, além de estar habilitada

seducir a sus feligresas. La laxitud de la moral sexual del pueblo mexicano seguramente es herencia de Nueva España. Haríamos mal en condenarla: si el machismo es una tiranía que ensombrece las relaciones entre el hombre y la mujer, la libertad erótica as ilumina.” PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982, p 107.

²⁵ Note-se bem que a Virgem dos Remédios era tida como a Padroeira dos “conquistadores” e Guadalupe, a Virgem *criolla*.

²⁶ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lirica Personal*. Vol. I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. XXVII- LVIII.

em todos os trabalhos manuais e costuras que aprendem as mulheres, ouvi dizer que no México havia Universidade e Escolas nas quais se estudavam as ciências”. A partir daí, teria passado a insistir para que sua mãe “mudasse o seu traje” e a enviasse ao México, na casa de uns parentes, para que pudesse estudar e aprender mais. Embora isso lhe tenha sido negado naquele momento, tempos depois, menina ainda, foi realmente levada ao México, para viver na casa de seu avô, Pedro Ramírez, fato que acabou por oportunizar seu acesso à biblioteca daquele parente materno. Entregou-se, então, à leitura e aos seus anseios pelo conhecimento. De modo semelhante, acabou por aprender o latim,²⁸ embora quando percebesse que não tinha cumprido as metas de aprendizado que determinava para si mesma, cortava seus cabelos em quatro ou cinco dedos com o objetivo de alcançar tais metas, até o momento em que os cabelos atingissem novamente o antigo comprimento. Assim, a menina dedicada e estudiosa, se transformava numa jovem culta e dona de uma beleza invejável.

Mais ou menos nesse sentido, tempos depois, preocupados com os riscos que poderiam ocorrer a esta jovem inteligente, bela e talentosa, seus parentes acabaram por introduzi-la na corte, no palácio do então Marques de Mancera e vice-rei do México, uma pessoa de notável cultura, dada suas diversas viagens e leituras.²⁹ Durante sua permanência na corte, o próprio Marques, segundo relata o padre Calleja, teria contado ao religioso que diante da sua admiração com “tanta variedade de notícias, as Escolásticas tão pontuais e tão bem fundamentadas as demais”, quisera testar a sabedoria da jovem de 17 anos convidando cerca de 40 profissionais homens da Universidade e da Cidade do México, para um certame. Entre os convidados havia Teólogos, Escriturários, Filósofos, Matemáticos, Historiadores, Poetas, Humanistas e Tertulios, que embora sem cursar a Faculdade, sabiam muito bem construir seus juízos. Sor Juana (que na época ainda não era “Sor”) soube responder prontamente às perguntas, argumentos e réplicas que lhe foram propostas, causando maior admiração ainda em todos os presentes.

O fato de ter entrado para o palácio, inicialmente, como dama de companhia da esposa do Marques, a Marquesa de Mancera, oportunizou o acesso a prováveis aliados que pertenciam a uma elite política e eclesiástica, haja vista o entrelaçamento das relações

²⁷ Escolas de primeiras letras para meninas. BARRETO, Teresa Cristófani. *Sor Juana Inés de la Cruz, Letras sobre o Espelho*. São Paulo: Iluminuras, 1989, p. 109.

²⁸ Padre Calleja fala em 20 lições de Lingua Latina dadas pelo *Bachiller* Martins de Olivas. CANAL, Fredo Arias de la. *Fama y obras posthumas del fênix de México, décima musa, poetisa americana, Sor Juana Inés de la Cruz*. México: Frente de Afiracion Hispanista, A.C., 1989, sem numeração de página.

²⁹ Havia sido antes Embaixador na Alemanha e em Veneza. NERVO, Amado. *Obras Completas Tomo II, Prosas, Poesias. Juana de Asbaje*. Madrid: Aguilar, S.A., 1952, p. 438.

religiosas e políticas. Assim, para ilustrar mesmo apenas com um exemplo, poderíamos recordar a Condessa de Paredes, a *Lysi*, esposa de um futuro vice-rei, para a qual Sor Juana dedicaria, posteriormente, um número considerável de versos e que seria a responsável pela publicação de importante parte dos seus escritos na Espanha. Em outras palavras, podemos dizer que aquela jovem e intelectual de Nepantla, foi conquistando e construindo para si um espaço especial e definido, muito embora, por vezes, em confronto com um mundo letrado e, por isso mesmo, reservado quase que exclusivamente para os homens.

Tendo em vista o tempo vivido na corte e posteriormente o ingresso na clausura das Jerônimas, ainda poderíamos evocar essa mesma teia de relações da época, no intuito de entender o momento, por exemplo, em que emerge a *Respuesta*, um dos textos considerados como uma autobiografia da religiosa. A *Respuesta* foi uma carta escrita num momento de tensão e complexidade talvez não muito evidentes, mas que extrapolou a discordância argumentativa com o padre jesuíta Antonio Vieira. Além disso, foi nesta mesma carta que a monja Jerônima revelou sua opção pela religiosidade “pela total negação que tinha ao matrimônio, que era o menos desproporcionado e o mais decente que poderia escolher em matéria da segurança que desejava para minha salvação”. Com efeito, expressava seu desejo de viver sozinha, sem ter uma ocupação obrigatória que pudesse prejudicar a liberdade do seu estudo nem rumor de comunidade que impedisse o sossegado silêncio de seus livros. Embora não haja consenso quanto ao número exato de livros, é dito que chegou a possuir 4000 volumes, todos instalados numa biblioteca localizada dentro sua própria cela no convento.

Esta característica intelectual de Sor Juana fica evidenciada nas suas mais diversas representações pictóricas, entre as quais selecionamos duas delas que buscam refletir parte de seu mundo no convento das Jerônimas. Quase sempre rodeada por um número significativo de livros, sobressaem também o medalhão que trazia no peito com uma cena representando a Encarnação, a pena, objeto através do qual manifestava seu pensamento, o hábito utilizado e o olhar quase sempre enigmático.



Figura 3-Sor Juana, autor desconhecido, fim do séc. XVII.



Figura 4-Sor Juana, detalhe, por Juan de Miranda, 1680-88.

Na realidade, foi a partir dos seus estudos e escritos na clausura das Jerônimas que passou a ser conhecida como “Décima Musa” ou “Fênix do México”. Apoiou-se, por certo, no exemplo de São Jerônimo, seu “pai” e criador da Ordem e que era considerado, antes de mais nada, um sábio. Um sábio que, ao deixar Roma, após seus estudos, também, à sua maneira, optou pelo retiro e pela dedicação ao gigantesco e original trabalho de exegeta, tradutor (a Vulgata) e historiador. As letras bem poderiam significar uma intersecção e um pressuposto no encontro entre o santo fundador da Ordem e aquela jovem ansiosa por conhecimentos que tomava os votos no século XVII, como parecem tão bem sinalizar outras duas ambiências pictóricas selecionadas. Note-se no quadro pintado por Miguel Cabrera a tendência a destacar sobremaneira a figura de Sor Juana ao contrastar a intensa luminosidade da sua figura com o tecido negro do véu e a cor do próprio rosário. A obra inclui alguns instrumentos utilizados por ela assim como uma estante com vários livros, um relógio e uma pena. Sor Juana é representada com a mão esquerda indicando o rosário e a direita, o livro aberto. Na figura seguinte, uma representação do século XV de São Jerônimo no seu escritório.



Figura5-Sor Juana, por Miguel Cabrera, 1750.

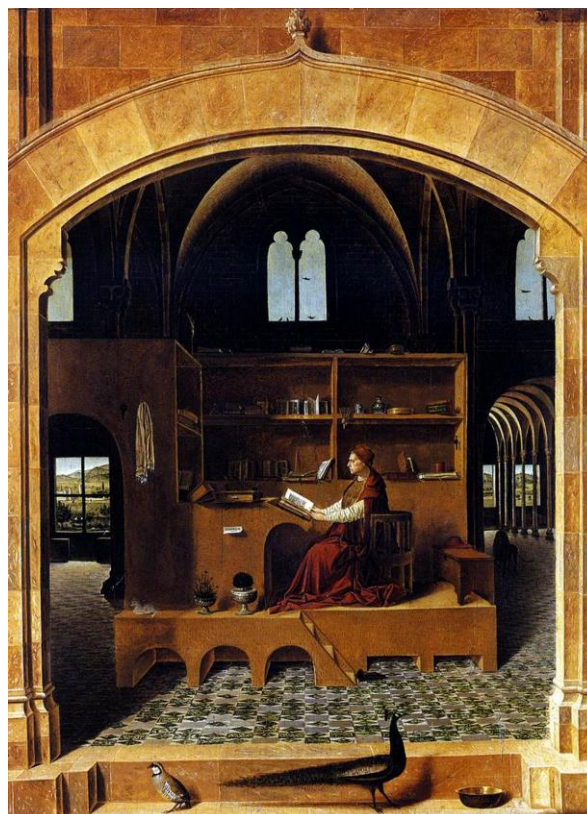


Figura 6-S. Jerônimo em seu escritório, A.de Messina, 1474/75.

Uma das grandes questões com a qual se defrontam alguns autores, no entanto, é porque, embora tivesse a proteção da corte e até mesmo de alguns eclesiásticos, Sor Juana teria optado pela vida religiosa. Sabemos ter sido depois de passar por uma breve experiência inicial nas Carmelitas Descalças, cujas regras pareciam muito duras, que acabou por professar definitivamente no convento de Santa Paula da Ordem das Jerônimas onde chegou a desempenhar as funções de contadora e arquivista, tendo sido duas vezes eleita como *Priora*, o que não chegou a aceitar. Segundo Octavio Paz, essa casa religiosa que adotava as regras agostinianas foi fundada em 1586 e estava destinada desde o princípio às *criollas*. Para entrar no convento, era preciso ter uma “linhagem limpa” e um dote acrescido dos gastos de uma cerimônia realizada para a tomada do véu. Os dotes necessários, na época, oscilavam entre três e quatro mil pesos. Para termos uma ideia do quanto representava este valor poderíamos comparar com o pagamento do então conhecido Carlos de Sigüenza e Góngora,³⁰ que permaneceu na Real Universidade do México como catedrático de Astrologia e Matemáticas

³⁰ Carlos de Sigüenza y Góngora nasceu em 1645 e morreu em 1700. Foi um dos primeiros grandes intelectuais nascidos no vice-reino da Nova Espanha. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org> > acesso em 20.09.2014.

entre 1672 e 1700 recebendo um salário mensal de 100 pesos, embora outros catedráticos, na mesma Universidade, recebessem até sete vezes mais esse valor.³¹

Ocorre que as celas onde viviam as monjas eram vendidas ou alugadas. A maioria dessas celas era formada por dois pisos sendo, na realidade, um apartamento, e a casa em si uma cidade. Por outro lado, embora as regras exigissem uma vida em comum, as monjas desenvolviam sua rotina em separado, enfrentando um cotidiano repleto de rebeliões, intrigas, represálias, conchavos e onde a violência física não era desconhecida.



Figura7-Antigo claustro de São Jerônimo.

Acrescente-se, ainda, que a clausura em si mesma não era lá muito observada, pois embora as religiosas não costumassem sair do convento, era comum receberem visitas sem o véu e fora dos locutórios contrariando as próprias regras da Ordem. Acrescente-se o fato de que festejos não religiosos como bailes e teatro no pátio dos conventos também eram permitidos.

Além disso, é dito que desde a Idade Média essas casas conventuais, de um modo geral, espelhavam o papel da mulher na vida da Cristandade. Não eram poucas as jovens que

³¹ SALVADOR, Rodolfo Aguirre. *Sigüenza y la Real Universid de México: el intelectual frente a la corporación. Signos históricos*, num. 8, Julio-diciembre, 2002, p. 91-707. Disponível em <<http://biblio.juridicas.unam.mx/www.juridicas.unam.mx>> acesso em 13.09.2014.

entravam para um convento mesmo sem vocação, embora muitas outras ali encontrassem uma possibilidade de crescimento espiritual e saber, além de uma forma de independência dos homens. Michelle Perrot, em relação a esses lugares de vida religiosa feminina, lembra que “a Igreja oferecia um abrigo às misérias das mulheres, pregando, entretanto, sua submissão”. O que vale dizer que significavam, ao mesmo tempo “lugares de abandono e de confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar. Lugares de apropriação do saber, e mesmo de criação”.³² Resta, mesmo assim, a dúvida sobre qual seria exatamente o caso de Sor Juana, embora ela tenha aparentemente resolvido a questão na sua *Respuesta*.

Concordando, de certa maneira, com as ideias de refúgio e proteção, Octavio Paz reconhece que, para Sor Juana, o convento era mesmo o mais apropriado e decente para sua salvação, diferentemente da maioria das mulheres que utilizavam o matrimônio para igual finalidade, não existindo nenhuma alusão a um chamado de Deus ou vocação espiritual. Apenas uma decisão racional uma vez que não queria ou não podia se casar. O convento, portanto, não representava uma escalada até Deus, mas refugio para uma mulher que se encontrava praticamente sozinha no mundo. É preciso entender, ainda, que no final do século XVII, havia na cidade do México, muitos conventos e religiosos e que para uma grande parte dessas pessoas, o claustro era visto como uma carreira, uma profissão.³³

De fato, a biografia da religiosa mexicana deixa muitas dúvidas, embora não poucos autores tenham arriscado teorias diversas para resolver polêmicas que se apresentaram e desenrolaram das mais variadas formas. Nesse sentido, ao lado de alguns discursos basicamente edificantes como o do padre Calleja, por exemplo, Sor Juana chegou a ser interpretada como uma personalidade narcisista, fixada sobremaneira na figura paterna, de tendências fortemente masculinas e neuróticas, ou, ainda, como uma visionária, feminista e até mesmo uma santa e mística. Essas diversas e conflitantes interpretações se por um lado contribuíram para amadurecer e conservar vivo o debate sobre a poetiza, por outro, acabaram por gerar um excesso de significados, entusiasmos e dificuldades em conciliar alguns conceitos historicamente anacrônicos.

Sor Juana, nas suas mais diversas representações, como vimos anteriormente, chegou a ser estampada no dinheiro mexicano rodeada por seus objetos mais conhecidos como livros (neste caso, bem poucos), a pena com a qual escrevia e parte do hábito salientando o

³² PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 87.

³³ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982, p 157-167.

medalhão da Encarnação que sempre trazia no peito, embora aqui só possamos visualizar a figura do Espírito Santo.



Figura8-Sor Juana estampada no dinheiro mexicano.

Outro aspecto curioso e interessante seria observar com atenção a evolução da sua assinatura ao longo do tempo, retomada por Octavio Paz de uma sequencia do livro de Enrique A. Cervantes. Para quem não é especialista nesse tipo de análise, e nem aqui é a intenção, fica a ideia de uma assinatura inicial mais transparente e de fácil acesso, enquanto que, à medida que o tempo passa, seu modo de assinar parece envolto num emaranhado de linhas que sobem, descem e circulam, ao mesmo tempo em que simulam proteger e confundir o seu nome. Podemos verificar, inclusive, que na assinatura datada de 1691, ela faz o seu registro como contadora, característica esta que atribuirá à Maria, como veremos no decorrer deste trabalho.³⁴

³⁴ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982.

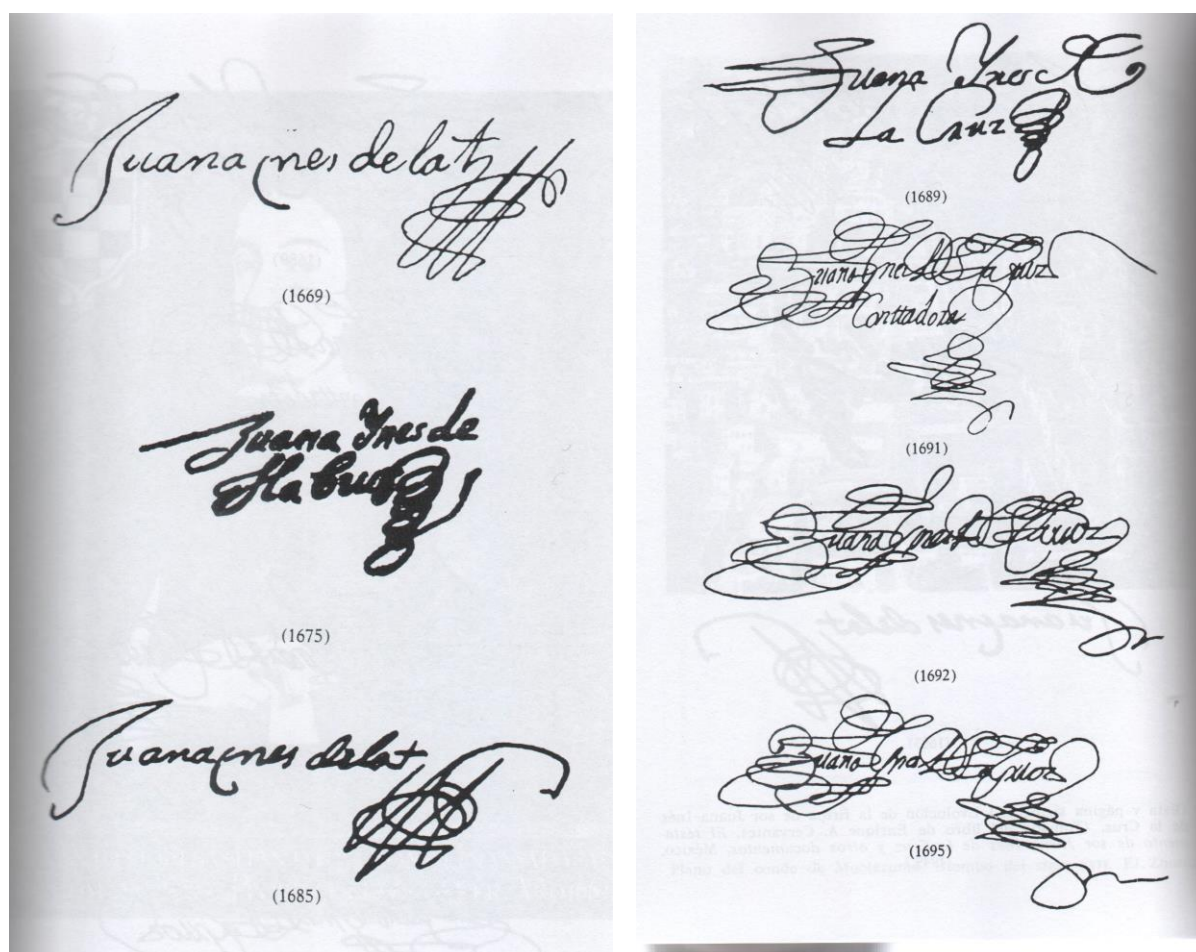


Figura 9-Evolução da assinatura de Sor Juana.

Diante dos desafios que Sor Juana nos lança e da sua escassa bibliografia podemos imaginar até que ponto teria contribuído para sua trajetória, seja no aspecto negativo ou positivo, o fato da Fênix Mexicana ter vivido em pleno Período Barroco, com tudo o que isso possa significar por si só. Seja como for, sua vida não foi longa, não foi estável, não foi clara e teve, com certeza, seus silêncios. As tensões que parecem ter levado Sor Juana a renunciar a tudo que mais valorizava na vida, de alguma maneira se refletem em determinadas declarações onde se reconhece culpada da vida intelectual e profana que, segundo ela, levava até então, chegando a reiterar seus votos no ano de 1694, um ano antes de morrer e, assinando com seu próprio sangue na parte central de uma dessas declarações.

1.2 A Obra

Sor Juana deixou uma obra literária em prosa, verso, teatro, romances, sonetos, poesia amorosa, *villancicos*, escritos filosóficos, cartas e discussões teológicas. A leitura desses

escritos, para a pesquisa, foi realizada basicamente através dos quatro volumes das “Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz”, organizados da seguinte maneira:³⁵

- I. *Lírica Personal*
- II. *Villancicos* e Letras Sacras
- III. Autos e Loas
- IV. Comedias, Sainetes e Prosa.

Esta breve apresentação propicia uma ideia inicial dos seus escritos. Particularizando um pouco mais, podemos descrever o primeiro dos quatro volumes como uma seleção de romances filosóficos e amorosos, de poesias dedicadas aos Marqueses de Laguna, de romances epistolares, sacros, decassílabos, bailes, *romancillos exasílabos e heptasílabos*, *seguidillas*, *endechas de siete y diez e reales*, redondilhas, sátira filosófica, epigramas, décimas, glosas, *quintillas dobles e redondillas*, sonetos filosófico-morais, histórico-mitológicos, satírico-burlescos, de amor e discricção, poemas homenageando a corte, a amizade e as letras, poemas sagrados, liras, *ovillejos*, silvas.

O volume II contemplou os *villancicos* dedicados à Assunção e Conceição de Nossa Senhora, a São Pedro Nolasco, a São Pedro Apóstolo, a Natividade, a São José e Santa Catarina; Letras para cantar dedicadas a São Bernardo, a apresentação de Nossa Senhora, Encarnação, solenidade do Nascimento, à Profissão de uma religiosa e, ainda, uma série de *villancicos* atribuídos a Sor Juana, não sendo certo se foram realmente escritos por ela. O volume III apresenta os três autos intitulados *El Divino Narciso*, *El mártir del Sacramento San Hermenegildo* e *El Cetro de José*, além das Loas para Conceição e várias outras dedicadas aos aniversários dos reis, rainhas e padres, entre outros de estilo e temática semelhante.

Por fim, o volume IV incluiu o *Festejo de los empeños de una casa* e *Festejo de amor es más laberinto*; contemplando, ainda, escritos em prosa como *Neptuno Alegórico*, Carta Atenagórica, Resposta a Sor Filotea de la Cruz, Exercícios devotos para os nove dias antes da Puríssima Encarnação, Oferecimentos para o Santo Rosário de quinze mistérios que se há de

³⁵ Sendo que os três primeiros tiveram edição, prólogo e notas de Alfonso Méndez Plancarte e o quarto de Alberto G. Salceda. Sobre Plancarte, conta Salceda que nasceu no ano de 1909 em Zamora e foi um sacerdote que exerceu as cátedras de Literatura, Latim, Filosofia e Teologia no México e na sua cidade natal. Com o tempo, sofreu um problema de saúde que acabou por interromper sua fala até o final de seus dias. A partir daí, ficou impedido de exercer suas cátedras, de pregar e mesmo das atividades no confessionário. Refugiou-se, nesse momento, na muda eloquência de seus livros. Tinha por determinação não julgar um autor até que conhecesse toda a sua obra. Passou a pesquisar com mais afinco os poetas da Nova Espanha, entre eles Sor Juana. Foi quando teve a oportunidade de publicar a referida obra junto ao Fundo de Cultura. SALCEDA,

rezar no dia das Dores, Doutra explicação do Mistério e voto que fiz de defender a Puríssima Conceição de Nossa Senhora, Protesta que rubricada com seu sangue fez de sua fé e amor a Deus e a Petição em forma casuística apresentada ao Tribunal Divino. Estes últimos cinco escritos em prosa serão utilizados no nosso trabalho no sentido de identificar e relacionar algumas das invocações e características de Maria.

É importante salientar que mais da metade da produção literária de Sor Juana foi composta por peças de ocasião, ou seja, homenagens, epístolas e poemas para comemorar a morte de um arcebispo ou o aniversário de um magnata. Dessas composições, a maior parte foi escrita no vice-reinado do Marques de Laguna e quase todas dedicadas a ele, sua mulher e seu filho. Segundo as “Obras Completas”, teríamos 216 poemas compostos pela mexicana e entre eles, 52, a quarta parte, dedicados aos marqueses.³⁶ Os poemas dedicados à vice-rainha, Maria Luisa, esposa do Marques de Laguna, seu grande mecenas, ocupam um lugar de destaque nas composições até mesmo pela grande amizade que parece ter havido entre as duas. Tal sentimento fica comprovado no seguinte trecho de um desses poemas.

*ser mujer, ni estar ausente,
no es de amarte impedimento;
pues sabes tú, que las almas
distancia ignoram y sexo.*³⁷

Além da amizade que provavelmente estimulou Sor Juana a escrever celebrando o primeiro ano do filho do vice-rei, chama a atenção o pedido de indulto para um réu, numa mediação intencional que supõe iniciativa e um certo trânsito sem maiores constrangimentos em relação ao vice-rei.

*Vos sois Príncipe Cristiano,
y yo, por mi estado, debo
pediros lo más benigno
y Vos no usar lo sangriento.
muerte puede dar cualquiera;
vida, solo puede hacerlo
Dios: luego solo com darla
podeis a Dios pareceros.*³⁸

Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, volume IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. VIII-X.

³⁶ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982, p. 249.

³⁷ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lirica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 57.

Ou, ainda, num jogo de palavras poéticas e amorosas, articulando com graça e sensibilidade artística a ausência do vice-rei que estava viajando e cujos versos foram mais uma vez dedicados à vice-rainha.

*Como se ausenta un amante,
quedándose al mismo tempo?
cómo se va, sin partirse,
y está cerca, estando lejos?* ³⁹

Embora a ideia não seja detalhar os diversos aspectos das temáticas trabalhadas por Sor Juana, seria interessante salientar o estilo mais filosófico e reflexivo, por exemplo, encontrado no famoso poema intitulado *El Sueño* que, numa imitação de Góngora⁴⁰ e num *trailer* complexo e psicológico, fala sobre a ânsia do saber, do voo do pensamento e sua queda trágica. Sobre este poema, a própria Sor Juana relata na *Respuesta* que “eu nunca escrevi coisa alguma por minha própria vontade, senão por rogos e preceitos alheios; de tal maneira que não me recordo de ter escrito por prazer senão um papelzinho a que chamam *El Sueño*”. O papelzinho a que ela se refere percorre 970 versos que falam dos silêncios de um sonho, das horas mortas que passam, da participação e da entrada de Morfeu ao longo daquele estranho sonho noturno, de lânguidos membros e sossegados ossos que são percebidos durante a noite e “do vulcão mais soberbo que na terra, gigante erguido, intima o céu à guerra”.

Oviedo entende que não há poema de maior densidade e transcendência dentre os assim considerados mais filosóficos de Sor Juana e chama a atenção para a polissemia da palavra “sonho”. No entanto, opta por considerar um poema “*notable por su lucidez y el afán de la mente por estar despierta, por vencer las sombras que la rodean*”. Complementa, associando o poema ao transe místico de Santa Tereza em suas “Moradas” (1577), com a diferença de que naquele, o estado é transitório, um estado do qual despertaremos. ⁴¹

No entanto, um sonho mais específico de maior liberdade para o conhecimento humano também faz parte das pretensões de Sor Juana que, em outro poema, com a mesma sensibilidade poética se expressa em defesa desse direito.

³⁸ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 78.

³⁹ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 86.

⁴⁰ Referência a Luis de Góngora y Argote, nascido em 1561 e morto em 1627, um dos poetas mais importantes do Século de Ouro espanhol.

⁴¹ OVIEDO, José Miguel. *História de la literatura hispanoamericana*. Madrid: Alianza editorial, 1995, p. 246.

*No hay cosa más libre que
El entendimiento humano;
Pues lo que Dios no violenta
Por qué yo he de violentarlo?*⁴²

A propósito, esse direito ao conhecimento humano incluía, principalmente, as mulheres. A sociedade em que Sor Juana viveu, pautada por relações extremamente patriarcais, abria um espaço para que a Fênix Mexicana defendesse o direito das mulheres de estudar e aprender igual ao que já tinham os homens. E foi com a “pena” e com as letras que ela tentou demarcar tais espaços. Assim como, por exemplo, nos *villancicos* à Santa Catarina de 1691.

*De una Mujer se convencen
todos los Sabios de Egipto,
para prueba de que el sexo
no es esencia en lo entendido.*

*Prodigio fué, y aun milagro;
pero no estuvo el prodígio
en vencerlos, sino en que
ellos se den por vencidos.*

*Nunca de varón ilustre
triunfo igual habemos visto;
y es que quiso Dios en ella
honrar el sexo femíneo.*⁴³

Por vezes, esta busca do direito ao verdadeiro saber envolve alguns questionamentos e hipóteses de ordem mais filosófica que vão além de simples opiniões ou discursos visando apenas justificativas unilaterais, provocando o leitor através de questões como “*si es para vivir tan poco, de qué sirve saber tanto?*”

*Todo el mundo es opiniones
de pareceres tan varios,
que lo que el uno que es negro,
el outro prueba que es blanco.*⁴⁴

*No es saber, saber hacer
discursos sutiles, vanos;*

⁴² PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 3.

⁴³ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 171-172

⁴⁴ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 5.

*que el saber consiste sólo
en elegir lo más sano.* ⁴⁵

Não se furta a escrever denunciando a forma como muitos homens entendem as mulheres. E não podemos evitar um estranhamento e até mesmo uma atitude de verdadeiro “espanto” pela pergunta final e desafiadora desta mulher e religiosa do século XVII.

*Hombres néscios que acusáis
a la mujer sin razón
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis*

*O cuál es más de culpar,
aunque cualquiera mal haga:
la que peca por la paga
o el que paga por pecar?* ⁴⁶

Como religiosa, escreve entre a fé e a solicitude endereçada a frei Payo Enríquez de Ribera, entre 1671 e 1680.

*que de no estar confirmada
pienso que me desbautizo.* ⁴⁷

De igual maneira, como declarada devota da Virgem Maria, não esconde semelhante devoção a São José. Um dos seus Romances Sacros é especialmente dedicado a ele.

*Escuchen qué cosa y cosa
tan maravillosa, aquésta:
un Marido sin mujer,
y una casada Doncella.*

...un Hijo mayor que el Padre

*Un hombre, que da alimentos
al mismo que lo alimenta;
cría al que lo crió, y al mismo
que lo sustenta, sustenta.* ⁴⁸

⁴⁵ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 6-7.

⁴⁶ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 228-229.

⁴⁷ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 37.

Plancarte afirma que Sor Juana está incluída entre os maiores clássicos do idioma, cuja Idade de Ouro deveria fechar-se não com a morte de Calderón, em 1681, mas com a da monja mexicana, em 1695.⁴⁹ Assim também o confirma Menéndez Pelayo: “*para nuestro objeto, la poesia mexicana del siglo XVII se reduce a un solo nome, que vale por muchos, Sor Juana Inés de la Cruz*”.⁵⁰ Se o momento de Sor Juana estabelece algum tipo de ruptura, vai depender de como nos movemos em relação aos fatos e às leituras decorrentes de suas inter-relações e de um discurso barroco que “não se limita às palavras, mas as integra com os emblemas, hieróglifos, empresas, apologias, cifras, e insere este enunciado complexo dentro de um desenvolvimento teatral que apela à pintura, à escultura, à música, aos bailes, às cores”.⁵¹ Numa sociedade, em grande parte transposta e instrumentada pela monarquia da Corte e do Trono reunidos, baseada na crença de que os reis eram reis pela graça de Deus, houve este centro de letrados que “compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais”.⁵² Desde o último terço do século XVI, embora “essa equipe mostrasse dimensões desmesuradas, que não se adequavam ao reduzido número dos alfabetizados aos quais podia chegar sua palavra escrita”,⁵³ é inegável a contribuição do entrelaçamento da história e da literatura para aproximar os contextos da época e estabelecer com um pouco mais de precisão essa suposta, hoje, “arrumação dos ausentes”.⁵⁴

⁴⁸ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 164.

⁴⁹ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. XXXVIII.

⁵⁰ PELAYO, Marcelino Menéndez. *História de la poesia hispano-americana*. Santander: Audus, S.A.de Artes Gráficas, 1948, p. 62.

⁵¹ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense S.A.,1985, p. 50.

⁵² RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense S.A.,1985, p. 43.

⁵³ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense S.A.,1985, p.43.

⁵⁴ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2013, p. 109.

2 CONTEXTO TEOLÓGICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO DE SOR JUANA

Não permito que a mulher ensine ou exerça autoridade sobre o marido, mas permaneça em silêncio. Pois o primeiro a ser criado foi Adão, depois Eva. E não foi Adão que se deixou iludir, mas a mulher que, enganada, caiu em pecado. Contudo, ela poderá salvar-se pela geração e cuidado dos filhos, desde que persevere com modéstia na fé, no amor e na santidade.

1Timóteo 2, 12-15.

Nadamos no passado como o peixe na água, e não podemos fugir disso. Mas nossas maneiras de viver e de nos mover nesse meio requerem análise e discussão.

Hobsbawm, *Sobre História*.

O poeta é um imitador, como o pintor e qualquer outro artista. E imita necessariamente por um dos três modos: as coisas, tal como eram ou como são; tal como os outros dizem que são, ou que parecem; tal como deveriam ser. Expressa essas coisas por meio de um discurso que consiste de metáforas e vocábulos estrangeiros, e faz muitas modificações nas palavras, pois que aos poetas tal consentimos.

Aristóteles, *Poética*.

O conceito de Literatura tem sido amplamente sujeito à controvérsias críticas e teóricas, sem, no entanto, conduzir a resultados definitivos. Nos seus primórdios, o vocábulo designava o ensino das primeiras letras, mas, com o tempo, passou a significar “arte das belas letras e arte literária”. Até o século XVIII, preferiu-se o termo “poesia”, ao qual se atribuía sentido solene e elevado. Somente a partir do século XIX passou a definir uma atividade que abrangeria todas as expressões, incluindo as científicas e filosóficas. Mesmo assim é um conceito que desde a Antiguidade greco-latina vem interessando a críticos, teóricos e filósofos.

Com o posterior surgimento da Psicologia e da Filosofia da Linguagem ou Semiologia (ciência dos signos) que passaram a fazer parte do debate, a discussão ganhou novas considerações. A definição de que a Literatura poderia ser vista como expressão de uma “experiência do escritor através de um enunciado de uma série de símbolos capazes de evocar na mente do leitor adequadamente qualificado uma experiência controlada, análoga à, embora não idêntica, do escritor”, implicou a ideia de um tipo de conhecimento diferente dos demais pelo signo empregado. A partir deste aspecto, podemos considerar a Literatura como um tipo

de conhecimento a ser expresso por palavras polivalentes e metáforas. À semelhança do signo, as metáforas “representam” a realidade, embora “deformadamente”. A realidade não pode ser captada por via direta, mas submetida a uma expressão que nos permite conhecer uma das representações possíveis desta realidade, nunca ela própria. Sendo assim, a realidade espelhada na representação é mais como aparece na mente do artista, como ela se reflete na sua imaginação, podendo a Literatura, portanto, ser considerada, também, como “ficção” ou “imaginação”.⁵⁵ Mesmo assim, é uma forma de conhecimento que busca a compreensão do espírito humano e do mundo em que vivemos.⁵⁶

Evidentemente, ao refletir, muitas vezes, sobre a realidade existencial, acaba por criar um universo imaginário onde valores ideológicos podem ser questionados. Dessa maneira, uma personagem de ficção poderá ser mais verdadeira do que uma pessoa real, que poderia estar obrigada a esconder sua própria essência ou seus desejos mais exatos, colocando uma máscara que o seu *status* social requer, para evitar constrangimentos ou mesmo preceitos morais.⁵⁷ Em se tratando de questões dessa natureza, o primeiro estudioso da Literatura que se tem conhecimento foi Aristóteles, no século III a.C., que apresentou a primeira divisão das formas literárias até então produzidas, lançando os fundamentos da “Teoria dos Gêneros”.⁵⁸ Embora aqui não haja espaço para aprofundarmos essa discussão, é interessante ressaltar a relação entre uma obra e seus contextos, como tão bem sintetiza Octavio Paz ao falar da poesia de Sor Juana,

é evidente que a poesia de Sor Juana está em relação com um grupo de obras, umas contemporâneas e outras que vem do passado, da Bíblia e dos Pais da Igreja à Góngora e Calderón. O estudo da sua obra nos coloca imediatamente em relação com outras obras e estas com a atmosfera intelectual e artística do seu tempo, com tudo aquilo que constitui o “espírito de uma época”. Sor Juana é uma individualidade poderosa e sua obra possui inegável singularidade; ao mesmo tempo, a mulher e seus poemas, a monja e a intelectual, se inserem em uma sociedade: a Nova Espanha do século XVII.⁵⁹

⁵⁵ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 310-315.

⁵⁶ Objetivos estes que não estão em desacordo com a Teologia do Barroco Mexicano do século XVII e com os escritos literários e religiosos de Sor Juana Inés de la Cruz.

⁵⁷ D’ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental, Autores e obras mais fundamentais*. São Paulo: Ática, 2000, p. 9-10.

⁵⁸ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 240.

Este período da Escolástica Colonial Barroca,⁶⁰ que nos coloca em contato direto com Sor Juana e a Nova Espanha do século XVII, foi um período de grande produção cultural na América Latina. No México, pode-se dizer que teve início por volta de 1551 com a criação da Universidade, onde diversos Comentários, Cursos de Teologia e Filosofia, Tratados, argumentações e estudos, em geral, foram desenvolvidos acerca da religiosidade, do comportamento e dos atos humanos, dos seus direitos fundamentais e de como deveriam ser as relações entre os povos. Tudo isso, enquanto se intensificavam as cruzadas gêmeas em prol da expansão da colonização e da evangelização.

2.1 A Escolástica Colonial do século XVII

Por um lado, o século XVI foi um momento de grandes descobertas e também o Século da Reforma e suas consequências, um período de intensas transformações em todos os domínios da atividade e do pensamento. No México, assim como em grande parte da América Latina, apesar dos impactos diretamente sofridos pelo desenrolar de tais fatos, também ocorreria uma ampla atividade intelectual, cuja história do pensamento teológico e filosófico representa, ainda hoje, um campo complexo e interessante a ser pesquisado e compreendido. O século XVI lançou as bases e foi decisivo para pensar a Teologia, a Filosofia, o Direito e a ideia de Cristandade, naquilo que Braudel⁶¹ pontuou como uma “história de longuíssima duração”.⁶² Como parte dessa história, em relação às transformações das ideias e da própria

⁵⁹ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982, p 14-15.

⁶⁰ O pensamento filosófico colonial desse tempo pode ser considerado como Barroco porque diretamente formado e dependente da Escolástica Barroca, que caracteriza a reflexão filosófica do período das universidades da Península Ibérica (sobretudo, Salamanca, Alcalá de Henares, Coimbra e Évora). Os intelectuais da Teologia, da Filosofia e do Direito que atuam nas recém fundadas universidades coloniais (e instituições afins), do México ao Chile, do Equador à Argentina, são em sua maioria educados naquelas e no círculo das demais universidades por ela influenciadas, marcadas pela ascensão dos jesuítas às catedras universitárias. Todos eles acompanham as tendências da Escolástica Barroca ibérica em Teologia e Filosofia. A pesquisa sobre a Filosofia Colonial no âmbito da Nova Espanha (México) recebeu uma abordagem geral significativa, através da obra de W.B. Redmond e M. Beuchot. PICH, Roberto Hofmeister. *Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18: notas sobre a contribuição de Walter Bernard Redmond*. SCRIPTA, vol. 4, nº 2, 2011, p. 82-83, 95. Disponível em < <http://bdigital.uncu.edu.ar> > acesso em 20.06.2014.

⁶¹ Em referência ao historiador Fernand Braudel quando diz que todo trabalho histórico decompõe o tempo decorrido e escolhe entre suas realidades cronológicas, “segundo preferências e opções exclusivas mais ou menos conscientes”. Assim, teríamos a história tradicional que joga sua atenção num tempo curto, breve, no indivíduo, no evento determinado, gerando uma narrativa muitas vezes, precipitada, dramática e de fôlego curto. Braudel pensa numa história de pequena duração, que seria a do evento; de média duração, que seria a de conjuntura (econômica) e a de longa duração, ou seja, aquela capaz de amplitude secular e capaz de abarcar as “estruturas” sociais, aquela em que os observadores do social buscam compreender uma organização e uma coerência. O tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações. BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 44-47.

⁶² Em referência ao projeto “*Scholastica colonialis – A recepção e o desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18*”, que tem o objetivo de dar “continuidade a uma investigação duradoura e

formação teológica, por exemplo, pode-se dizer que é com Santo Tomás de Aquino que se “dá a passagem para o mundo moderno”.

Fuertes Herrera centra-se em três autores principais, Alfonso de la Torre, Pedro Martínez de Osma (século 15) e Melchor Cano (1431-1437-49, nesses autores já se anuncia que Tomás de Aquino, e em especial a sua *Summa theologiae*, é uma alternativa a Pedro Lombardo, impondo-se cada vez mais como autoridade de base para a formação teológica. No século 16, em Salamanca, é com Tomás de Aquino que se dá a passagem para o mundo moderno. Cabe não esquecer, é claro, que o pensamento escolástico barroco, em teologia e filosofia, ganha viva repercussão nos territórios “descobertos”, na atuação dos missionários das diversas Ordens religiosas.⁶³

Os missionários e as suas diversas Ordens contribuíram para que os reflexos de uma escolástica já desenvolvida na Europa se fizessem sentir também na América. Segundo Beuchot, quando falamos de escolástica mexicana, também falamos da escolástica espanhola, italiana, francesa, alemã e inglesa, ou seja, de origem europeia, uma vez que no fundo as doutrinas eram as mesmas. Certamente que, em cada uma dessas “nações”,

*influián la historia y los problemas sociales de cada uno dellos, pero en este caso más bien la tónica diferente la daban las diversas personalidades que conducían por su genio la corriente intelectual de su país. Quizás algunos problemas tuvieron más relieve en unos países que en otros, por la situación del momento. Pero los principios con que se resolvían eran muy semejantes.*⁶⁴

Dessa maneira, cada uma dessas escolásticas diferia um pouco entre si assim como os problemas americanos apresentavam novidades que passavam a ser incluídas nesse filosofar. As novas discussões, entre outras, ficavam por conta da legitimidade ou não da conquista, da racionalidade da alma e da escravidão dos índios. A discussão se estendia e intensificava, abrangendo muitos pensadores europeus que examinavam tais questões sem nunca terem pisado na América. Para a escolástica americana, no entanto, era importante atender seus problemas concretos e dar uma resposta adequada e verdadeira. Nesse sentido, Beuchot entende que obter esta verdade pareceu ser mais importante do que qualquer busca por

exaustiva do desenvolvimento da filosofia escolástica barroca durante parte significativa do período colonial dos países que hoje compõem a América Latina”. Este projeto é integrado e de cooperação internacional, aprovado pela CAPES/Brasil, incluindo cinco equipes de trabalho: Brasil (equipe líder PUCRS e UNISINOS), Chile, Peru, Portugal e Espanha.

⁶³ PICH, Roberto Hofmeister. PULIDO, Manuel Lázaro. CULLETON, Alfredo Santiago. (Eds). *Ideias sem fronteiras nos limites das ideias. Scholastica Colonialis: Status quaestionis*. Cáceres: Instituto Teológico San Pedro de Alcântara (UPSA), Diócesis de Coria-Cáceres, 2012, p. 25.

originalidade. Em decorrência e no caso específico do México, foi possível estabelecer dois períodos escolásticos principais. O primeiro começando por volta do século XVI até mais ou menos o princípio do século XVIII, o chamado período da escolástica pura, mesmo já sofrendo algumas influências do humanismo; o segundo, a escolástica modernizada, apresentando muitas nuances de um ecletismo ilustrado.⁶⁵ Isso se traduz num novo mapa que se formava a partir da chegada dos espanhóis, para além do simples mapa territorial. Logo abaixo, no entanto, podemos comparar o México antes e depois da chegada de Cortés, assim como a extensão e o deslocamento daquilo que foi a sua expedição.

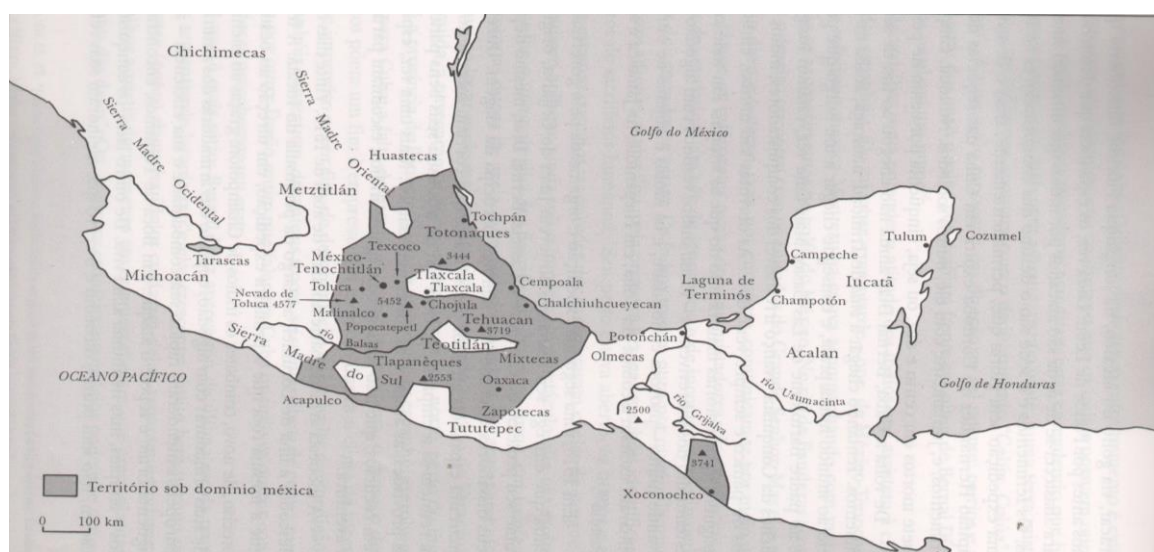


Figura 10-Mapa do México às vésperas da conquista.⁶⁶

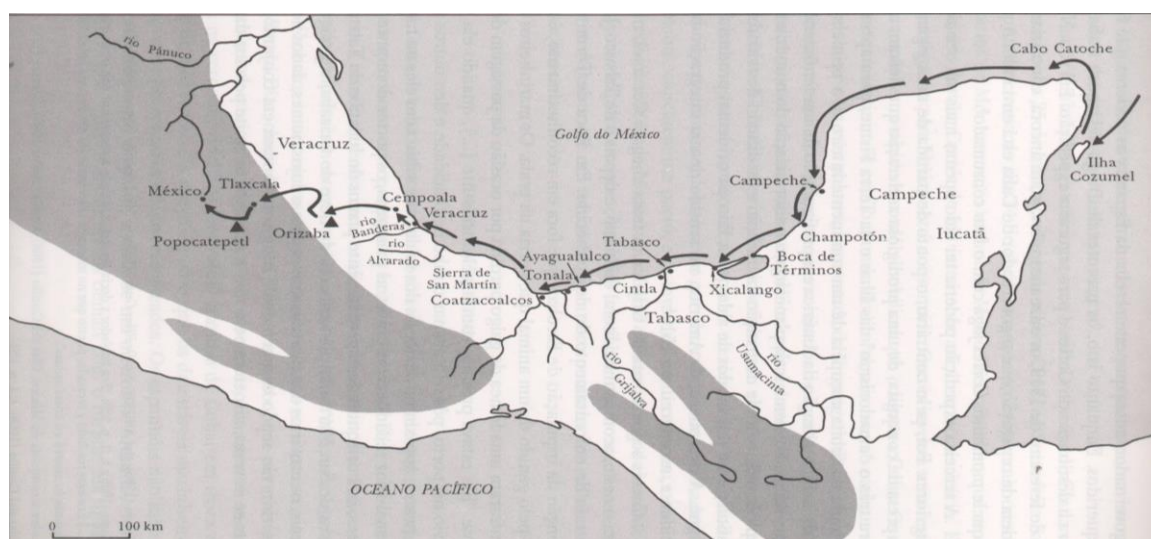


Figura 11-Mapa da expedição de Cortés (1519).⁶⁷

⁶⁴ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 25.

⁶⁵ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 25-28.

⁶⁶ BERNARD, Carmen. GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, uma Experiência Europeia, 1492-1550*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997, p. 309.

Importante salientar que o pensamento filosófico colonial desse período foi considerado como barroco “porque é diretamente formado pela e substancialmente dependente da Escolástica Barroca, que caracteriza a reflexão filosófica do período nas universidades da Península Ibérica”, ou seja, Salamanca, fundada em 1218, Alcalá de Henares, fundada em 1499, Coimbra, fundada em 1290 e Évora, fundada em 1559, “universidades formadoras dos ou referenciais para os intelectuais atuantes nos territórios conquistados por Espanha e Portugal”. Diante do fato, os “intelectuais da teologia, da filosofia e do direito, que atuam nas recém fundadas universidades coloniais (e instituições afins, como colégios, conventos, mosteiros e seminários)” foram em grande parte “educados naquelas e nos círculo das demais universidades por elas influenciadas, ou tomam à elas e às suas orientações acadêmicas como primeiro modelo”. Assim, “todos eles acompanham as tendências da Escolástica Barroca, sobretudo ibérica em teologia e filosofia”.⁶⁸ Para a formação e o desenvolvimento dessa forma de cultura, portanto, contribuiu o fato de muito cedo os espanhóis terem entendido por bem criar um sistema universitário semelhante ao que havia sido adotado nas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares.

Em 1548, Carlos V expediu cédula à Real Pontifícia Universidad de México. Começando alguns anos depois as suas atividades, a 21 de setembro de 1551, sob o nome mencionado, a primeira universidade mexicana permanece, com o nome de Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Naturalmente a filosofia dominante foi a escolástica, primariamente – em caráter diocesano – regulamentada pelos colégios das Ordens. Já um pouco antes, em 1540, no colégio da ordem dos Agostinianos, o frade Alonso de la Vera Cruz (1507/Espanha – 1584/México) tornou-se o primeiro a ensinar filosofia no Novo Mundo. Em 1554, surge a primeira obra de filosofia no Ocidente americano, um livro de lógica, em dois volumes: *Recognitio summularum* (1554) e *Dialectica resolutio* (1554). Em 1557, Vera Cruz foi autor de uma obra sobre filosofia da natureza, a *Physica speculatio*, perfazendo assim um curso completo de filosofia ou “artes”, como adotado no modelo da nova universidade, em seguimento à Universidade de Salamanca.⁶⁹

Beuchot (1996) relata o século XVII mexicano, o século em que viveu Sor Juana, como bastante paradoxal. Se por um lado deu uma ideia de paz, estabilidade política e

⁶⁷ BERNAND, Carmen. GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, uma Experiência Europeia, 1492-1550*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997, p. 315.

⁶⁸ PICH, Roberto Hofmeister. PULIDO, Manuel Lázaro. CULLETON, Alfredo Santiago. (Eds). *Ideias sem fronteiras nos limites das ideias. Scholastica Colonialis: Status quaestionis*. Cáceres: Instituto Teológico San Pedro de Alcântara (UPSA), Diócesis de Coria-Cáceres, 2012, p. 12.

⁶⁹ PICH, Roberto Hofmeister. *Antecedentes à Investigação filosófico-histórica da Escolástica Colonial: a contribuição de Mauricio Beuchot*. Cauriensa, vol. VI, 2011, p.48.

econômica, um período de conservação e aprofundamento do saber, por outro apareceu como uma injusta repressão das bases populares, um absolutismo exacerbado, uma distribuição elitista da cultura em tudo semelhante a da metrópole, só que quase exclusivamente reservada aos espanhóis peninsulares e *criollos* que abraçavam o estado clerical. O século XVII foi capaz de oportunizar uma situação mais folgada para esses clérigos, diferentemente do século anterior, pois agora, não se tratava mais tanto de conquistar almas para a fé, mas sim de conservá-las. Isso significava uma tentativa de conservar em ordem uma imensa multidão de índios mal doutrinados no cristianismo. A consequência foi um aumento em demasia do número de clérigos, onde muitos não buscavam uma autêntica vocação, mas apenas a comodidade de conventos soberbos e luxuosos, embora, como em todas as épocas, um número expressivo desses mesmos clérigos tenha levado a sério seu trabalho intelectual e social.

Mas, foi exatamente contra esse ambiente geral de estagnação e de paradoxos os mais diversos, que personalidades como frei Juan de Zapata y Sandoval, Carlos de Sigüenza Góngora e Sor Juana Inés de la Cruz tiveram que lutar. Sor Juana, quem sabe, assim pensava quando escreveu um dos seus mais conhecidos e significativos sonetos filosóficos-morais.

*En perseguirme, Mundo, qué interesas?
en qué te ofendo, cuando sólo intento
poner bellezas en mi entendimiento
y no mi entendimiento en las bellezas?
Yo no estimo tesoros ni riquezas;
y así, siempre me causa más contento
poner riquezas en mi pensamiento
que no mi pensamiento en las riquezas.*⁷⁰

O próprio Octavio Paz, como recorda Beuchot, assinala esta falta de aprofundamento filosófico e teológico, essa decadência do catolicismo europeu que coincide com seu apogeu nas novas terras descobertas. Relata que embora a Nova Espanha não sendo um “país” pacífico e próspero, fora os problemas envolvendo o alto clero, os grandes proprietários de terra, os comerciantes e os mineiros, além dos motins sangrentos de 1624 e 1692, de centenas de negros rebeldes degolados, da inquisição que organizava seus cruéis autos de fé e de toda a repressão em geral, mesmo assim ouviam-se as vozes dos mesmos clérigos intelectuais clamando contra toda essa injustiça, como o bispo Palafox y Mendonza, como o frei

⁷⁰ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 277-278.

franciscano Miguel Aguayo, como o padre jesuíta Francisco Coelho ou o dominicano frei Alonso Noreña. Estes e muitos outros nomes, inclusive de índios como Nicolás del Puerto, catedrático de retórica que chegou a ser bispo de Oaxaca e ficou conhecido por “Cícero e Salomão” ou o índio jesuíta Juan Esteban que sabia ensinar a ler e escrever. Frente ao século XVI, o século de Sor Juana apareceu como mais pálido e menos impressionante, embora saibamos que muitos dos escritos dessa época não tenham chegado até nós. E não eram poucos, uma vez que tais escritos não estavam apenas na universidade, mas também nos diversos colégios das distintas Ordens religiosas, onde surgiam aqueles que brilhavam pela sua ciência e virtude, coforme escreveu Bernardo de Balbuena no seu poema intitulado “Grandeza Mexicana”. Franciscanos, dominicanos, agostinianos, mercedários, jesuítas e clérigos seculares, enfim, compunham essas diversas Ordens religiosas de que nos fala Beuchot e que desenvolveram um profundo e interessante debate que acabou por conformar o campo intelectual do século XVII, acrescentando, ainda, aos nomes e Ordens já citadas declarações como esta: “y a esa monja extraordinária que fue Sor Juana”.⁷¹ A mesma religiosa que numa clara referência à Palavra exalta sua Fé dizendo: “tudo que desejais que os outros vos façam, fazei-o também vós a eles. Pois esta é a lei dos Profetas”.⁷² E complementa,

*Demás, que a la Natural
Ley, hace gran repugnancia
que maten los Hombres, Hombres,
pues el precepto quebrantan,
que dice: Lo que no quieres
para ti, a outro no le hagas*⁷³

No século XVII a Ordem Franciscana estava mais no auge do que no século anterior. Sabe-se, por exemplo, que no início do século, em 1608, passou pelo México frei José de Gabalda que teria deixado um manuscrito intitulado *Comentario a las Sentencias*, sobre a obra de Pedro Lombardo, embora ao que tudo indique, depois da morte de Gabalda, sua obra tenha sido vendida, por irresponsabilidade de seus conventuais, como papel de embrulho. Em compensação, na Biblioteca Nacional se conserva outro comentário sobre as Sentenças, escrito por frei Pedro de Leyva, que ressalta a doutrina de João Duns Escoto, o principal

⁷¹ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 155-160.

⁷² BÍBLIA Sagrada. Petrópolis: Vozes, 1982, Mateus, 6,12, p. 1165.

⁷³ Loa para “*El Cetro de José*”. PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Autos y Loas*, volume III. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 194.

doutor da sua Ordem. Também é de salientar o frade Buenaventura Salinas, defensor do *criollismo* e que escreveu uma *Apologia por los criollos* e frei Francisco Cruz que escreveu um curso de filosofia escotista. Sua obra, contendo justamente a compilação das suas lições, não foi mais encontrada e o frei morreu sendo qualificador do Santo Ofício, em 1655. Por este tempo, em 1658 foi fundada na universidade a cátedra de Escoto para os franciscanos, oportunizando importantes acréscimos ao cultivo dessa complexa filosofia escotista, motivo pelo qual ficou conhecido como “o sutil”. Junte-se, ainda, entre outros, os nomes do frei Andrés Borda, que era mexicano e obteve sucesso na universidade, onde foi catedrático de Escoto durante vinte anos entendido em Direito Canônico, Filosofia e Teologia. Infelizmente alguns dos seus manuscritos filosóficos igualmente foram perdidos.⁷⁴

Os dominicanos, no século XVII, continuaram nos seus colégios e na universidade, na cátedra de Santo Tomás, fundada em 1617. Frei Antonio de Hinojosa foi a primeira figura que se destacou entre eles neste século. Ensinou Artes e Teologia no convento de Santo Domingo, estudou na Universidade graduando-se como mestre e doutor em Teologia, publicando um livro em Madri sobre metafísica, em 1627. Outra figura de destaque foi Francisco Naranjo, *criollo* da cidade do México, famoso por sua prodigiosa memória e inteligência. Sabia reproduzir com rigor a *Suma* de Santo Tomás, assim como obras suas e de outros autores. Foi qualificador do Santo Ofício e bispo de São João de Porto Rico, embora não tenha chegado a ser consagrado para tomar posse na sua sede. Dizem alguns, que ao receber sua nomeação para o bispado, queimou seus manuscritos escolásticos alegando que “*ya esto no es necesario, bástale a un bispo el Libro del Crucificado*”. Outro nome célebre foi do frei José Calderón. Escreveu *Compendium Philosophiae Thomisticae in usum Fratrum Praedicatorum S. Hippolyti de Oaxaca*, um resumo do curso filosófico de Domingo de Soto, que também não se conservou. Das muitas obras dos frades dominicanos do século XVII mencionadas por Beuchot, ressalta este mesmo autor que quase não resta nenhuma delas, a não ser a de Naranjo, que possa dar uma ideia do desenvolvimento da filosofia tomista daquele século.⁷⁵

Os agostinianos, assim como os dominicanos, haviam desempenhado uma forte atividade docente desde o início da colônia. No século XVII, continuaram seu esforço, mas de uma maneira menos brilhante. O nome de maior destaque neste século, sem dúvida, foi o do frei Diego Basalenque, que além da sua obra histórica, escreveu trabalhos filosóficos. Ensinou

⁷⁴ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p 160-163.

⁷⁵ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 163-166.

Artes, Teologia, escreveu sobre Lógica e Física, assim como um curso geral de Filosofia. Outro nome foi o do frei Juan de Rueda, que escreveu um curso de Filosofia entre 1675-1677 que se conserva na Biblioteca Nacional, contendo: *Summulae; Logica sive Dialectica; Physica sive Philosophia naturalis; Disputationes in duos libros Aristotelis de Coelo et Mundo; Disputationes in libros Aristotelis de Anima sive Tractatus de Anima; Disputationes metaphysicae; Quaestiunculae in tres praecipuos Aristotelis libros de meteoris*. Convém citar, por fim, frei Diego de Villarrubia, que escreveu uma *Philosophia scholastico-christiana*, cujo manuscrito se conserva no convento de Charo. Todos esses nomes e suas respectivas obras teológicas e filosóficas servem como exemplo de que os estudos filosóficos no México estavam na mesma altura dos da Europa, dentro da linha escolástica, ainda que não houvesse maior atenção ao mais moderno.⁷⁶

Na Ordem dos Mercedários, quem mais se sobressaiu foi frei Pedro de Celis, que terminou seus estudos em Alcalá e Salamanca e recebeu seu doutorado na Universidade do México. Na Espanha havia estudado as doutrinas do jesuíta Gabriel Vázquez, que tentava conciliar Platão e Aristóteles. Morreu aos trinta anos de idade. Outros nomes de interesse foram os do frei Francisco Hernández e frei Diego Rodríguez, mestre de Sigüenza y Góngora, que foi professor na cátedra de Astrologia e Matemáticas na própria universidade até 1636.⁷⁷

Já a Companhia de Jesus, no começo do século XVII, contou com o padre Diego de Santisteban, que deixou várias partes de conteúdo filosófico num comentário sobre a *Suma* de Santo Tomás, a *Expositio in Primam Secundae Divi Thomae a quaestione 18 a 21 et a 109 ad 114*. Talvez por ser do começo do século, não deixa perceber nenhum seguimento ao grande filósofo espanhol da Companhia, Suárez, que havia publicado sua *Disputationes Metaphysicae* em 1597, embora na Companhia se seguisse, ainda, a Santo Tomás. As partes mais filosóficas dos comentários teológicos do padre Santisteban são aquelas que tratam dos atos humanos. Além dos padres Juan de Ledesma e Andrés de Valencia, o padre Alonso, (Alfonso ou Ildefonso) Guerrero foi de importante contribuição para a companhia e a cultura da Nova Espanha. Padre Alonso dedicou sua vida ao recolhimento e ensino no Colégio de São Pedro e São Paulo até sua morte em 1639. É conhecido por dois volumes manuscritos sobre filosofia natural, conservados na Biblioteca Nacional do México e que contém comentários a algumas obras físicas de Aristóteles, sendo que tudo leva a crer que haveria um primeiro

⁷⁶ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 166-171.

⁷⁷ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 171-172.

volume na obra que nunca foi encontrado. Os comentários que constam nos livros são animados por uma intenção didática e tratados com uma profundidade e clareza, que só podem ser fruto da própria docência. Tais comentários servem como uma mostra da qualidade do ensino, segundo a época, ministrado pelos primeiros professores das academias mexicanas. As citações incluem o padre Francisco Aguilera que se dedicou a escrever um tratado sobre os princípios da moralidade, enquanto o padre Diego Marín Alcázar, o mais eminente jesuíta que nessa época trabalhou na Nova Espanha, escreveu um curso de filosofia para ser ministrado em três anos: o *Triennalis philosophiae cursus*, conservado em dois exemplares, diversamente incompletos, na Biblioteca Nacional. À semelhança de Marín de Alcázar, o padre Antonio Núñez (1618-1695) abordou temas filosóficos no marco da teologia e deixou um tratado da ciência de Deus, com data de 1668. Outro curso filosófico notável foi o deixado pelo padre Agustín Sierra, professor em Puebla e um manuscrito teológico e filosófico deixado pelo padre Fernando Valtierra (1640-1708), concernente aos atos humanos. Destacaram-se ainda, neste referido século, padre Diego Caballero, Manuel Arteaga e Martín Carlos Tamallo Granillo.⁷⁸

Dentre os clérigos seculares, podemos encontrar o cânone Marcos Porru, perito em Línguas Indígenas e Filosofia, que em 1639 escreveu uma obra de “Comentarios a Aristóteles”, cujo paradeiro hoje se ignora. Porru foi cânone na Catedral do México e ensinou na Universidade. O poeta Luis de Sandoval Zapata também foi um filósofo notável. Em prosa escreveu um *Panegírico a la paciência*, de tendências estoicistas. Alguns poemas de orientação mais claramente estoica residiram, sobretudo, numa atitude de desapego do mundano e da busca do gozo espiritual, mais duradouro e seguro. Outro clérigo que deixou temas filosóficos em seus escritos foi Alonso de Talavera. Por último, encontramos Carlos de Sigüenza y Góngora, que se sobressaiu mais na ciência do que na história, mas cujos saberes e profunda formação filosófica é digna de maior atenção.⁷⁹

Carlos de Sigüenza y Góngora⁸⁰ nasceu em 1645, em torno de seis anos antes de Sor Juana. Entrou para a Companhia de Jesus e dois anos depois publicou um extenso poema

⁷⁸ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 172-180.

⁷⁹ BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 180-183.

⁸⁰ Carlos de Sigüenza y Góngora nasceu na Cidade do México e era filho de Carlos de Sigüenza, tutor do príncipe Baltasar Carlos, que veio para Nova Espanha em 1640 com o séquito do novo vice-rei, o Marques de Villena. Por parte de mãe, tinha parentesco com o poeta espanhol Luis de Góngora. Chegou a ser jesuíta, mas foi excluído da Ordem em 1668 e não conseguiu ser readmitido. SARANYANA, Josep-Ignasi. (dir). GRAU,

dedicado à Virgem de Guadalupe, intitulado “Primavera Indiana”, do qual selecionamos alguns versos.

*María soy, de Dios omnipotente
humilde Madre, Virgen soberana,
antocha, cuya luz indeficiente
norte es lucido a la esperanza humana
Ara fragante en tempo reverente
México erija, donde fue profana
morada de Plutón, cuyos horrores
tala mi planta en tempestad de flores.⁸¹*

Sigüenza y Góngora, no entanto, muito cedo foi obrigado a abandonar a Companhia por ter sido surpreendido durante uma corrida noturna fora do convento. Retomou, assim mesmo, o caminho do sacerdócio para ser clérigo secular e estudou Teologia na Real e Pontifícia Universidade do México, conseguindo manifestar uma genialidade que conjugava ciências exatas com disciplinas mais humanísticas, como a Filosofia, História, Poesia e, além disso, a Teologia. Na Universidade ganhou as cátedras de Astrologia e Matemáticas, tomando posse em 1672, mas cuja trajetória teve também suas adversidades. Praticou a Astrologia Judiciária e, ao examinar um cometa no céu do México, considerou-o como um augúrio de muitos males, publicando seu *Manifiesto filosófico contra los cometas, despojados del Imperio que tenían sobre los Tímidos*, sendo contestado por Martín de la Torre. Interveio na discussão o padre jesuíta Eusebio Kino, que polemizou com Sigüenza acerca da natureza física do cometa e sustentou que prognosticava males futuros. Sigüenza escreveu, então, um tratado muito bem documentado com as teorias mais modernas daquela época valendo-se das teorias de autores como Descartes, Gassendi, Galileu, Kepler, etc. A vitória desta disputa foi atribuída a Sigüenza com sua *Libra astronómica e filosófica*, o tratado em resposta que tinha sido escrito em 1681 e publicado em 1690. Em 1683 foi a vez de um poema em honra da Virgem intitulado *Triumpho Parthenico* e no ano seguinte, *Parayso Occidental*. Seu nome ainda está ligado ao motim ocorrido em 1692, na capital da Nova Espanha, onde teria arriscado a própria vida para evitar que o fogo consumisse vários livros que se encontravam nas casas *consistoriales* do Cabildo. Muito dedicado à história, entendia que esta deveria ser baseada em documentos fidedignos num árduo trabalho de arquivo, como, por exemplo, os do cabildo que havia salvo das chamas. Para ele, a história era guiada por Deus e conduzia até

Carmen-José Alejos (coord.). *Teología em América Latina, Escolástica barroca, Ilustración y preparación de la Independência. (1665-1810)*. Vol.II. Madrid: Iberoamericana, 2005, p. 211-212.

Ele, ou seja, tinha como finalidade última chegar até Deus. Nessa linha, preocupava-se com os indígenas e mantinha uma consciência *criolla*, onde apoiava seu “nacionalismo”, embora fosse difícil precisar em que exato sentido. Diante do exposto, gostaríamos de acrescentar que a cultura mexicana “*es una cultura compleja e híbrida, pero distinta de todas y peculiar. Aunque tiene una herencia europea (española) e indígena innegable, adquiere matices distintos, desde la religiosidad (la Virgen indígena o mestiza de Guadalupe hasta la política (el concebir y anhelar una nueva nación)*”.⁸² Evidentemente, grande parte desse contexto da Escolástica mexicana e dessas discussões teológicas e filosóficas pautaram o pensamento de Sor Juana, uma mulher e uma religiosa intensamente dedicada às letras e ao conhecimento.

2.2 A Questão dos Letrados

Como podemos imaginar, no começo do século XVII da Nova Espanha, trabalhavam escritores representativos do século anterior, embora assim como na ordem social, a literatura também tenha apresentado características próprias e distintas. O Renascimento, que procurou reviver a beleza dos clássicos antigos, havia chegado a seu máximo esplendor com frei Luis de León (1527/28-1591). Mas esse caminho de imitação dos poetas greco-latinos acabaria por dar lugar a uma nova escola designada pelo nome de *gongorismo*, cujo maior representante seria Luis de Góngora e Argote⁸³ e pelo *culteranismo*, que pretendia, em oposição ao vulgar, apresentar o mais refinado e culto. O *gongorismo* pretendia amoldar o *castellano* ao latim e o *culteranismo* converter a poesia em manjar de cultos, apartando-a de uma compreensão mais generalizada e criando em antíteses a uma frase simples e diáfana, uma nova maneira de dizer, diferente da corrente e natural.

Uniu-se ao *gongorismo*, ainda, mais um artifício, o *conceptismo*. Esta fórmula pretendia afetar e sutilar não apenas a forma, a roupagem externa, mas o próprio conceito e ideia. Com o tempo as escolas se assimilaram e se confundiram e não foi fácil distinguir *culteranos* de

⁸¹ Disponível em < http://luxdomini.net/gpe/contenido1/guadalupe_primavera_indiana.htm > Acesso em 21.09.2014.

⁸² BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996, p. 183-193.

⁸³ Lopez assinala nesse caso, uma obra que assombra, mas não comove porque a falta de intimidade e calor humano nos conduz a uma sensação de algo frio e inerte, embora o perfeito domínio da forma. Assim que, se as poesias breves de Góngora (1561-1627) como letrillas e romances foram sempre objeto unânime de elogios, *Polifemo* e *Soledades* (*Soledades* influiria declaradamente por Sor Juana no seu poema *El Sueño*), provocaram uma das mais ruidosas polemicas literárias do século XVII, uma vez que foi tida como “obscura” e de argumentos eruditos e vazios. Através de sátiras bastante mordazes se apontou Góngora como um poeta vazio e pedante. No entanto, o novo estilo defendido com afinco pelos amigos do poeta, acabou dando origem a toda uma escola *gongorina* que chegou a influir naqueles mesmos impugnadores. LOPEZ, Garcia J. *História de la Literatura Española*. Barcelona: Vicens-Vives, 1987, p. 281.

conceptistas, pois ambos pecavam pela obscuridade, extravagância e vazios. Apesar do *culteranismo* ter encontrado fortes e eminentes oposições, propagou-se por diversos países. Como as modas literárias da Espanha encontravam imediata ressonância na América, não foi diferente na Nova Espanha. Apoderou-se não só da poesia, mas da história e infestou por completo a literatura religiosa. Nada parecia ser compreensível.⁸⁴

Desse modo, segundo alguns autores e críticos, em parte como já visto anteriormente, a poesia mexicana foi desde o início, na sua maioria, erudita, circunstancial e reduzida a celebrar exaltações ou falecimentos de monarcas, entradas de vice-reis, dedicações de templos ou canonizações de santos. Em certames convocados, carecia de espontaneidade e sinceridade, era forçada pela encomenda e meros exercícios de retórica.⁸⁵ Repetiam-se, inclusive, nessa época, os certames. Um deles, celebrado pela Universidade do México em 1682, em honra da Imaculada Conceição e que Carlos de Sigüenza y Góngora resenhou em sua obra intitulada *Triumpho Parthénico*, as composições apresentadas passaram de quinhentas e, entre elas, setenta e oito obtiveram prêmios. Rama vai mais além, declarando que em 1680, os dois maiores intelectuais da Nova Espanha, Sor Juana e Sigüenza, diante da concorrência para a construção de Arcos em homenagem ao novo vice-rei, protagonizavam uma ideologização do poder manejando instrumentos da comunicação social, através de textos que visavam conjugar as forças sociais dominantes naquela sociedade e obter favores, enquanto exaltavam a onipotência da figura carismática do vice-rei. Para Rama, o uso da mensagem artística foi “extraordinariamente frequente na Colônia, como obviamente se depreende da sua estrutura social e econômica, apesar de que não teve a suficiente atenção crítica”.⁸⁶

Na época, o referido Arco idealizado e executado por Sor Juana recebeu o seguinte título: *Neptuno Alegórico, oceano de colores, simulacro político, que erigió la muy esclarecida,*

⁸⁴ Ao fim do século XVII, por exemplo, o bacharel Pedro Muñoz Camargo publicava sua “*Exaltación magnífica de la Betlemítica rosa de la mejor americana Jericó, y acción gratulatoria por su plausible plantación dichosa, nuevamente erigida en religión sagrada por la Santidad del señor Inocencio XI que celebró en esta nobilísima ciudad de México el venerable Deán y cabildo de esta Santa Iglesia Metropolitana y sacratísimas religiones*”. No século XVIII, aparecia um livro de devoções muito popular com o título “*Mística toalla o dulce ejercicio para enjugar a Cristo nuestro Señor caído y mojado en las negras aguas del Torrente Cedrón*”. PEÑA, Carlos González. *Historia de la Literatura Mexicana desde los Orígenes hasta nuestros días*. México: Porrúa S.A., 1954, p. 109.

⁸⁵ Frei Juan de Valência, que morreu sendo comendador no convento de Veracruz em 1646, realizou duas proezas, cada qual mais inútil: aprender de memória um dicionário, o *Calepino*, e escrever um elogio a Santa Teresa composto de trezentos e cinquenta dísticos latinos em versos retrógrados, isto é, que podiam ser lidos também de trás para frente, igualmente que de frente para trás. Tão árdua esta ultima tarefa, que o jesuíta Canal, grande latinista que pretendeu imitar o feito, realizando por sua vez em dísticos retrógrados o elogio de *Teresiada* de Valência, esteve a ponto de perder a razão. PEÑA, Carlos González. *Historia de la Literatura Mexicana desde los Orígenes hasta nuestros días*. México: Porrúa S.A., 1954, p. 116.

⁸⁶ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense S.A., 1985, p. 49.

*sacra e augusta Iglesia Metropolitana de México, en las lúcidas alegóricas ideas de un Arco Triunfal que consagro obsequiosa y dedico amante a la feliz entrada del excelentísimo señor Don Tomás Antonio de la Cerda [...] conde de Paredes, marquês de la Laguna [...] virrey, gobernador y capitán general de esta Nueva España.*⁸⁷ Podemos verificar, logo abaixo, uma fotomontagem realizada com base na única imagem que parece ter restado de um daqueles inúmeros trabalhos que foram feitos no México, com a intenção de reconstruir o Arco de Sor Juana, na entrada da Catedral. Nessa fotomontagem, sabidamente falsa, podemos ver a própria religiosa na imagem. Ora, tal fato é considerado impossível, uma vez que ela nunca saiu do convento (nem depois de morta), conforme nos relata Américo Larralde, no seu artigo “Neptuno Alegórico”. Vale a reprodução para que tenhamos uma ideia de como estes monumentos eram construídos.



Figura12- Falsa imagem do Arco idealizado por Sor Juana.⁸⁸

⁸⁷ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982, p. 212.

⁸⁸ Disponível em < <http://www.revistadeluniversidad.unam.mx/6209/6209/pdfs/62larralde.pdf> > acesso em 12.08.2013.

São muitos os textos que servem como um exemplo perfeito da prosa barroca cruzada de ecos, labirintos, paradoxos, emblemas, antíteses, citações latinas e nomes gregos e egípcios, frases sinuosas e intermináveis.⁸⁹ No entender de Plancarte, no entanto, não existia uma inundação universal do barroco nem sequer um *gongorismo* exclusivo, mas sim uma gama de inumeráveis escolas e não eram poucas as individualidades poderosas e inconfundíveis. Assim como na arquitetura surgiu uma arte que obteve a contribuição do profundo sentimento indígena, “um ultrabarroco inconfundivelmente mexicano”. Tempos depois muitas restaurações que se diziam de “bom gosto”, uma reação “pseudoclássica” na arquitetura decidiu que todas as obras barrocas eram extravagantes e nada artísticas. Retábulos foram destruídos, e no seu lugar construídos altares insignificantes e de um academismo pobre e frio. Tudo isso levou a que “como filhos pródigos de uma Pátria que nem sequer saberíamos definir, começássemos a observá-la um pouco mais a fundo, na recuperação e na compreensão de nossa poesia da época dos vice-reis”.⁹⁰ A visão que se tinha formado do próprio barroco sofreria mudanças com o correr dos tempos.

2.3 Uma percepção do Barroco literário: Helmuth Hatzfeld

Diversas são as teorias sobre o Barroco, onde esta poesia da época dos vice-reis está incluída e onde Sor Juana viveu e escreveu sua obra literária e religiosa. Foi somente com o tempo que os estilos de época referentes tanto à forma como ao conteúdo (Renascimento, Romantismo, Realismo) acabaram por aceitar o acréscimo deste outro: o Barroco. É importante que se diga que essa palavra era um tabu para todo crítico de gosto neoclássico. Em arte representou o sinônimo de mau gosto para quase todo o século XIX.

Alois Riegel⁹¹ em suas primeiras conferências sobre o Barroco disse que devido aos extraordinários elementos que concorriam para essa arte, ao contemplá-la, nos sentíamos como envoltos em um mundo de confusões, de efeitos um tanto desagradáveis, cujas causas não conseguíamos compreender. Assinalava, ainda, o jesuitismo como seu elemento inspirador, baseando-se na perspectiva de uma nova dominação mundial do papado, amparada

⁸⁹ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982, p. 212.

⁹⁰ PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. XXII-XXIV.

⁹¹ Alois Riegel nasceu em 1858, em Linz, na Austria e morreu em 1905, em Viena. Foi um reconhecido e importante historiador da arte. Em 1902, foi nomeado presidente da Comissão de Monumentos históricos, onde escreveu uma nova legislação sobre a conservação dos monumentos. Posteriormente, um ano depois, redigiu o “Culto Moderno aos Monumentos”, em Viena, publicado pela própria Comissão. RIEGL, Alois. *El culto moderno a los monumentos*. Madrid: Visor Distribuciones, 1987.

na Contrarreforma. Tais declarações contribuíram para causar, inclusive, certa confusão no problema do Barroco como criação e do Barroco como evolução. Também houve quem indicasse Miguel Ângelo ⁹² como o artista responsável pelo movimento e propusesse como natural quintessência do estilo, visível em toda a Europa, o contraste entre a intenção e a realização, entre o alto e o baixo, entre o interior e o exterior e com todas as demais variantes possíveis de espaço e tempo.

De qualquer maneira, no estilo “extremado” de arte denominado *culteranismo*, *conceptismo* e *gongorismo*, ficou fácil perceber o despertar religioso na literatura do século XVI e XVII, logo após a época profana do Renascimento. Certamente o Barroco existiu como movimento literário europeu, embora reste provar a influência do espírito e estilo espanhóis. Religiosos desde ascetas e místicos como Prisciliano, uma espécie de Dom Quixote espiritual que chegou a exigir a virgindade de todos e condenou até mesmo o matrimônio, até um São João da Cruz (1542-1591) ou um Santo Inácio de Loyola (1491-1556), que propagava a luta espiritual, inspiravam e exigiam novas formas de expressão mais surpreendentes e desconcertantes, formas paradoxas em que o elemento lógico não importasse tanto como o emocional. ⁹³

Essa complexidade não era nova. Segundo Hatzfeld, os árabes teriam agregado à herança latina seus floreios, suas imagens de sentido semioculto, seus enigmas e paráfrases “zigzagueantes”. A mescla de religião e sensualidade caracterizou notavelmente a religião maometana. São heranças árábigo-mahometanas, anteriores à característica hispano-católica. Alguns aspectos mais permanentes do espírito e da arte espanhola, ao menos no sentido do Barroco mais exagerado, foram tão fortes que não desapareceram nem com a influência do Renascimento italiano, de espírito tão diverso. Ao contrário, o Renascimento italiano é que se hispanizou, em parte pela supremacia política da Espanha sobre a Itália desde a segunda metade do século XVI, em parte pela Companhia de Jesus, uma sociedade hispânica que exerceu sua influência espiritual desde o início do Concílio de Trento (1545), a partir da corte de Nápoles.

⁹² Michel Angelo Buonarroti nasceu em 1475 e morreu em 1564. Artista florentino famoso do *Cinquecento* italiano. Cedo aprendeu técnicas da pintura em afrescos e o domínio da arte de desenhar; tentou penetrar nos segredos da arte dos escultores antigos que sabiam representar a beleza do corpo humano em movimento, com todos os seus músculos e tendões. Pintou a Capela Sistina no Vaticano (construída pelo papa Sisto IV, por isso o nome de Sistina), esculpiu a famosa *Pietà*, entre diversas outras obras de arte. GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 303-307.

⁹³ Como exemplo, podemos citar Santa Teresa quando diz: “*que muero porque no muero*”, ou São João da Cruz: “*asi para más altura / yo siempre me inclinaré*”.

Nessa influência tipicamente barroca, alguns poetas tiveram ressonância universal estendida até os dias de hoje e foram marcados pelo espírito espanhol. Assim, podemos citar, entre outros, São João da Cruz, Miguel de Cervantes, Luis de Góngora, Lope de Vega, Francisco de Quevedo e Pedro Calderón de la Barca. Suas contribuições para a literatura mundial ficaram por conta da mística, do perspectivismo, do ideal heroico, do culto da palavra, da descrição crítica, do humor macabro e da visão teológica do mundo.

Em Góngora, por exemplo, podemos constatar um esplêndido mundo mitológico diante de uma arte onde cabem tanto as cortesias e suaves amores de sua Córdoba natal, como os exageros semiorientais e a excêntrica imaginação das suas próprias invenções. Quevedo sonha pesadelos infernais que criam um mundo mais terrível do que o já existente. Para ele, o submundo e o crime parecem preferíveis aos compromissos sociais, onde são as gentes cidadãos que formam o mundo infernal. Calderón, poeta metafísico, arranca em seu *Vida es sueño*, a máscara que cobre o rosto do mundo, mostrando a completa ilusão disso tudo. A vida não só é um sonho do qual despertaremos depois de morrer, mas uma ficção, frente a verdade divina. Dono de ideias religiosas extremas afasta-se cada vez mais de uma visão humanista da vida: é a graça que guia o homem, mais que o livre arbítrio.

São João da Cruz é um caso de santo e místico que transformou suas experiências em perfeita poesia clássica.⁹⁴ Com sua impressionante linguagem simbólica das noites obscuras da alma descreve o ritmo das purgações e, logo a seguir, os períodos de iluminação e união da alma elevada por Deus a uma inarrável felicidade. Sua alma se converte em Esposa e o Verbo divino é seu Esposo, cercado por uma atmosfera idílica e pastoril.

Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) fundou, ao mesmo tempo, uma novela barroca e moderna com sua capacidade de refletir o meio ambiente e sua possível articulação de temas. O valor universal da obra talvez esteja no fato de que nenhuma interpretação parece

⁹⁴ A obra de São João da Cruz não é muito extensa. João de Yepes nasceu em 1542, em Ávila, filho de tecelões e com uma situação econômica não muito cômoda. Tinha 21 anos quando ingressou no noviciado da Ordem Carmelita quando trocou seu nome para João de Santo Matía. Um ano após professou e mudou-se para Salamanca, onde completou sua formação acadêmica e intelectual. Talvez esse fosse o único caminho para um filho de tecelão ter acesso aos estudos superiores. Não se sentindo bem na situação encontrada no Carmelo, pensava em ingressar na Cartuxa, mas um encontro casual com Teresa de Jesus mudou seus planos e, no final de 1568, acabou por fundar o primeiro convento de Carmelitas descalços em Duruelo, Ávila, conhecido pela dureza da vida que levavam. Entre os reformadores, adotou o nome de João da Cruz, sofreu repressão e esteve preso. É provável que os surpreendentes achados estáticos de São João devam-se precisamente a pouca importância que ele dava aos códigos e aos padrões dominantes. Morreu em 1591. CRUZ, São João da. *São João da Cruz: Poesias completas*. São Paulo: Consejería de Education de La Embajada de España, 1991, p. 12-17.

esgotar a sua profundidade. A narração de um Dom Quixote que passa os dias e as noites envolvido com leituras de *caballería* a ponto de se acreditar um *caballero* andante que sai ao encontro de múltiplas aventuras e que, por fim, no seu leito de morte, se arrepende de haver desperdiçado a vida deixando-se extraviar pelas leituras, separam os leitores em dois grupos, pelo menos.

O primeiro pretende considerar Dom Quixote como um herói que fracassa por que o mundo não pode compreendê-lo. Nesse sentido, a cena final da morte não teria muito para ser analisada, conforme este grupo. O segundo, mais familiarizado com o barroco, adota uma atitude oposta. Numa época de índices de livros proibidos, o mais natural é que Cervantes apresente um caso exemplar para aqueles que pretendam abandonar-se à leitura desordenada. Por isso, o arrependimento final de Dom Quixote é profundamente sincero e a intenção de Cervantes seria a de condenar os *yerros* de seu herói junto com os livros que serviram para ocasioná-los. Neste caso, poderíamos constatar uma proximidade com aquilo que alguns autores denominam como os “escritos finais” de Sor Juana, seu abandono dos livros profanos, o reconhecimento por ela mesma de suas culpas, *yerros* e até mesmo da sua declarada falta de religiosidade além da Profissão de fé assinada com seu próprio sangue.

Na realidade, o contraste entre a literatura italianizada do Renascimento e a literatura hispanizada da Época Barroca é bastante notável e decisivo, onde no período Renascentista os humanistas estudavam a superfície multicolorida da vida e, durante o Barroco, os teólogos indagavam sobre os mistérios da vida. Sabemos que os autores barrocos cultivavam e fomentavam a meditação religiosa, com predomínio do sentimento do sobre-humano e transcendental. Isso não significando, porém, uma literatura que não variasse de acordo com o gênio individual, com a diversidade de povos ou com os próprios gêneros literários. Apesar de tudo, foi a Espanha, a nação contrarreformista, Católica e Barroca por excelência, que produziu obras na literatura mundial e assumiu o papel, na época, de mestra literária da Europa. Por conseguinte, a Nova Espanha seguiu esse mesmo modelo, que integrava a religiosidade com as letras.

2.4 A Religiosidade e as Letras

Não é nenhuma novidade que os “conquistadores”, na pretensão de criar uma Nova Espanha (e Nova Granada, Nova Castela, Nova Galícia, Nova Andaluzia), foram ajudados pela monarquia no sentido de trazerem missionários e juristas. Essa inicial e decorrente

transculturação e posterior aculturação ⁹⁵ deu-se num continente que além de não ser um deserto humano, aguardava a chegada dos “escolhidos por Deus” para habitá-lo e explorar a rica provisão de metais preciosos que o solo escondia. No entanto, mesmo depois das grandes epidemias do século XVI, os aborígenes americanos continuavam a abranger a grande maioria daquela população e a receber a evangelização por parte dos missionários.

Não seria de se estranhar, portanto, como a Virgem e o apóstolo Tiago se transformaram em divindades indígenas que um dia serviriam para desafiar o poder espanhol. No México, a *Virgin de los Remedios*, ⁹⁶ padroeira dos conquistadores, foi chamada de *guachupina* ⁹⁷ para distingui-la de Nossa Senhora de Guadalupe, a Virgem *criolla*, que teria aparecido, em 1531, para um pastor índio, exatamente dez anos depois da tomada da Cidade do México por Cortés. É evidente que a relação e a competição entre os espanhóis e os *criollos* das Índias pela busca e pela posse de sinais da graça divina, tornou-se cada vez mais acirrada.

Com relação a tal competitividade, segundo algumas estimativas, a população total de origem espanhola nas Índias, no final do século XVI era mais ou menos de 150 mil pessoas, a maioria de homens jovens. Apenas um quarto da população vivia nas cidades, pequenas, em sua maioria, onde a cultura espanhola se provincializara por falta de contato com a Espanha. “Somente as capitais vice-reais, como Lima e a Cidade do México e os grandes portos mais próximos da Europa, como Havana e São Domingo, continuaram a sofrer influência direta da Espanha”. Foi, portanto, nas cortes vice-reais, nas audiências e nas casas religiosas que uma

⁹⁵ O historiador francês Nathan Watchel foi um dos principais responsáveis pela adaptação do termo para a História, estudando o caso da sociedade peruana depois da conquista espanhola no século XVI. Segundo o historiador, aculturação é todo o fenômeno de interação social que resulta do contato entre duas culturas, e não simplesmente a sujeição de um povo pelo outro. Para ele, essa noção tem maior utilidade quando empregada para o estudo de situações coloniais. Seria um conceito construído com o fim de explicar uma realidade social única, aplicável apenas a determinado momento e lugar específico na história. Outros autores discordam. Um deles é Alfredo Bosi que define aculturação como o ato de sujeitar um povo ou adaptá-lo tecnologicamente a um padrão tido como superior. Alguns autores, ainda, falam da situação de etnocídio, ou seja, a destruição de uma cultura, resultante do processo de aculturação. Outros, ainda, preferem falar de miscigenação, sincretismo, hibridismo cultural, abandonando o conceito de aculturação. SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 15-16. De qualquer maneira, um conceito que abrange situações bastante complexas, discutíveis e atuais.

⁹⁶ Em 1198, os franceses São João da Mata e São Félix de Valois fundaram a Ordem Hospitalera da Santíssima Trindade, com o objetivo de resgatar os cristãos escravizados na África e no Oriente Médio. Os fundadores escolheram como padroeira da Ordem, Nossa Senhora dos Remédios, difundindo assim a devoção pela Europa e posteriormente nas Américas. A imagem representa a Virgem segurando o Menino com o braço esquerdo, enquanto a mão direita se estende para socorrer os devotos, dando-lhes o remédio de que necessitam. A oração pede, entre outras súplicas, que os fiéis sejam libertos da peste. ZANON, Darlei. *Nossa Senhora de Todos os Nomes*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 235.

⁹⁷ No México, um espanhol recém-chegado recebia a alcunha pejorativa de *guachupín*. A Literatura e a Vida Intelectual na América Espanhola Colonial. LAFAYE, Jacques. In: *História da América Latina: América Latina*

cultura escrita se manteve e da mesma forma, alguma atividade literária, uma vez que a maioria dos *encomenderos* e missionários viviam isolados culturalmente, num ambiente indígena.⁹⁸

Foi sobretudo durante o século XVII que a Cidade do México ganhou sua posição de proeminência, onde os filhos dos conquistadores deram-se aos prazeres da moda e exibição de seus adereços no *Paseo de la Alameda*. O esplendor dos palácios públicos e particulares, os “esportes equestres, as procissões e as representações teatrais, os torneios de poesia por ocasião não só das festas cristãs fixas, mas também no casamento de um príncipe, numa vitória militar na Europa, na chegada de um vice-rei” são fatos que nos permitem falar de atividades culturais no sentido moderno do termo.⁹⁹ Para se ter uma ideia, por exemplo, da vestimenta de uma dama do século XVII, em pleno período vice-reinal, podemos conferir a indumentária, conforme modelo a seguir.



Figura13- Uma dama do século XVII.¹⁰⁰

Colonial, volume II, org Leslie Bethel. São Paulo: Universidade de São Paulo; Brasília, DF; Fundação Alexandre de Gusmão, 2004, p. 618-619.

⁹⁸ A Literatura e a Vida Intelectual na América Espanhola Colonial. LAFAYE, Jacques. In: *História da América Latina: América Latina Colonial*, volume II, org Leslie Bethel. São Paulo: Universidade de São Paulo; Brasília, DF; Fundação Alexandre de Gusmão, 2004, p. 615.

⁹⁹ A Literatura e a Vida Intelectual na América Espanhola Colonial. LAFAYE, Jacques. In: *História da América Latina: América Latina Colonial*, volume II, org Leslie Bethel. São Paulo: Universidade de São Paulo; Brasília, DF; Fundação Alexandre de Gusmão, 2004, p. 617.

¹⁰⁰ GUTIERREZ, León Guillermo. *Crónica de una vida de disfraces y subversiones, Sor Juana Inés de la Cruz*. Revista de la Universidad de México, p. 38. Disponível em < <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx> > acesso em 28.09.2014, p. 40.

É possível dialogar com uma visão desta mesma sociedade vice-reinal e o papel desempenhado pelos seus diferentes membros, se observarmos com atenção, na figura abaixo, as diversas representações dos espanhóis e *criollos*, assim como dos mestiços, mulatos e indígenas.



Figura14-Biombos do palácio dos vice-reis do México, 1676-1700. ¹⁰¹

Numa sociedade complexa, mas plena de festas e comemorações, “a Universidade e, sobretudo, as casas religiosas se apresentavam como os lugares favoritos para executar essas atividades que não exigiam a área mais extensa da *Plaza*”. Muitas casas religiosas, inclusive, funcionavam como clubes, sociedades ou colégios, onde era permitido aprender música e dar concertos e recitais, fato que Sor Juana relata em vários de seus escritos.

2.5 Os Conventos na Nova Espanha do século XVII

Cuesta (1995) sublinha o fato das religiosas não terem merecido maiores atenções de cronistas e historiadores da Igreja ibero-americana. A partir das diversas pesquisas de Josefina Muriel ¹⁰² e Asunción Lavrín, ¹⁰³ começaram a surgir estudos sobre monjas e conventos

¹⁰¹ Museu da América, Espanha. Disponível em < <http://www.mecd.gob.es/museodeamerica/coleccion2> > acesso em 29.09.2014.

¹⁰² Josefina Muriel de la Torre (1918-2008) foi uma historiadora, escritora, pesquisadora e acadêmica mexicana (UNAM) que se especializou na história do mundo feminino e religioso na época da Nova Espanha. < <http://en.wikipedia.org> > acesso em 22.04.2014.

¹⁰³ Asunción Lavrín, historiadora cubana, nasceu em 1935, tendo organizado diversas publicações sobre temas de gênero e estudo das mulheres e religiosas no período colonial e contemporâneo da América Latina. < <http://en.wikipedia.org> > acesso em 22.04.2014.

particulares, com especial atenção a seus aspectos artísticos e econômicos. Com relação a este problema, reconhecemos que Vargas Ugarte foi o primeiro historiador da igreja americana que refletiu com fidelidade o papel das monjas na igreja colonial, no seu livro *História de la Iglesia en Perú*. Durante este período, praticamente todas as religiosas ibero-americanas eram monjas contemplativas que viviam na clausura dos seus monastérios e, qualquer descrição da vida religiosa e da própria História da Igreja que não as levasse em conta, estaria incompleta.

Na Cidade do México, o primeiro convento feminino de que temos notícia surgiu em 1540 por obra de Juan de Zumárraga. Na época, foram recrutadas quatro beatas espanholas pelo franciscano Antonio da Cruz que já haviam viajado ao México em 1530, na companhia de Cortés e durante dez anos cuidado da educação cristã das filhas dos caciques. O grupo das vocacionadas foi crescendo e em 1552 chegou a receber duas netas do imperador Moctezuma. A partir daí, outros conventos foram criados. Em 1600, entre México e Guatemala, 22 conventos de clausura distribuídos em oito cidades podiam ser encontrados e integravam basicamente quatro Ordens: Concepcionistas (12), Dominicanas (5), Clarissas (2) e Jerônimas (3). Na figura abaixo, inclusive, podemos ter uma ideia geral da diversidade das Ordens, em geral, a partir dos diferentes estilos de hábitos adotados pelas religiosas que, em princípio, estariam assim divididas:

- | | |
|---|----------------------------|
| 1. Corpus-Christi | 17. Santa Catarina de Sena |
| 2. São José da Graça | 18. Santa Teresa a Nova |
| 3. Conceição | 19. <i>Regina Coeli</i> |
| 4. São Bernardo | 20. Capuchinha, México |
| 5. Santa Clara | 21. A Encarnação |
| 6. São João da Penitência | |
| 7. Capuchinha da vila de Guadalupe, com véu | |
| 8. Jesus Maria | |
| 9. <i>Ensenanza Antiga e Nova</i> | |
| 10. Santa Isabel | |
| 11. Santa Inês | |
| 12. São Lourenço | |
| 13. Bulcanera | |
| 14. São Jerônimo | |
| 15. Santa Teresa da Antiga | |
| 16. Santa Beguina | |

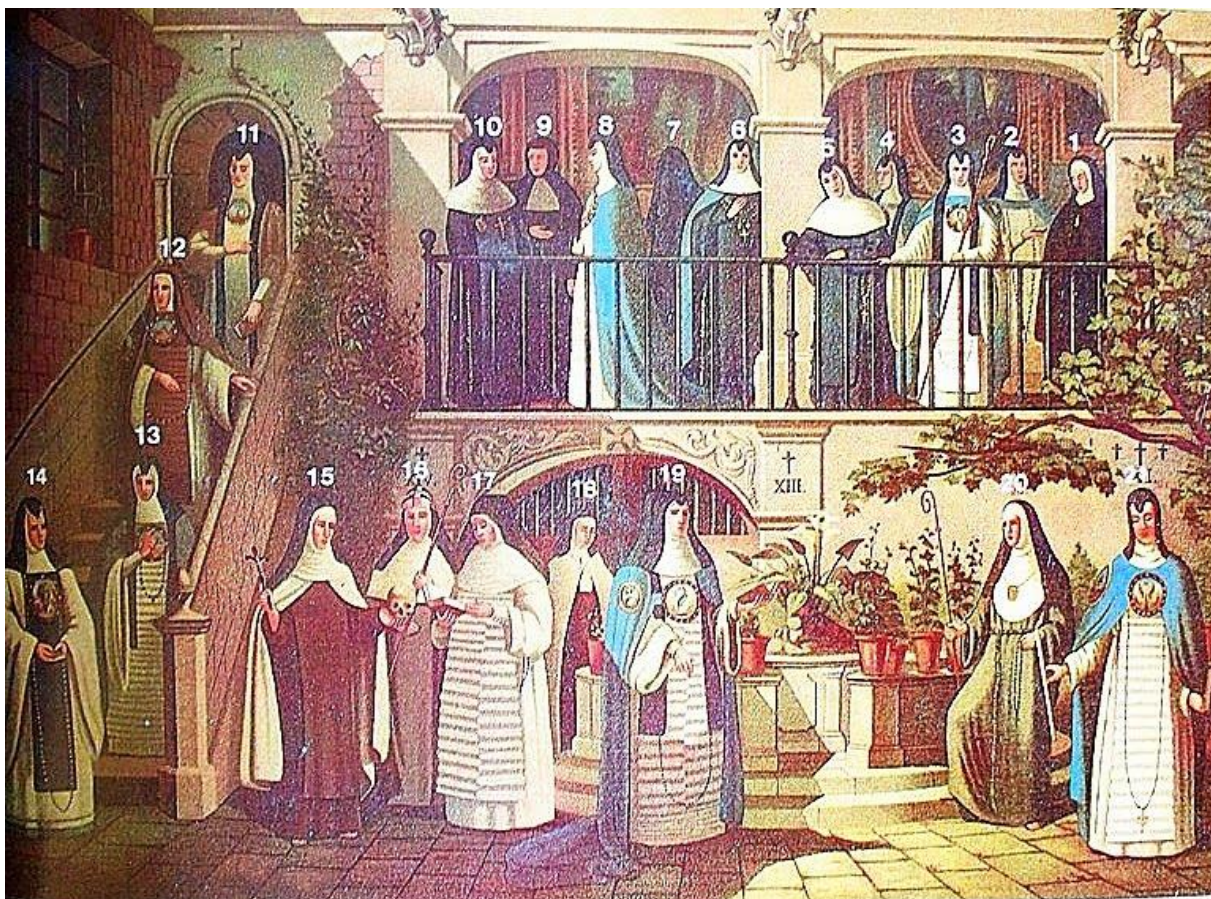


Figura15-Hábitos das monjas na Nova Espanha. ¹⁰⁴

Diferentemente do casamento, a monja, ao professar, realizava simbolicamente seu matrimônio com Jesus Cristo, *El Amado*. São diversos os poemas místicos que ressaltam esse tipo de relação amorosa onde a monja-esposa mantinha um diálogo e uma comunicação com seu Amado. Tais comunicações místicas com Deus, o Esposo, como já vimos, foram frequentes entre os religiosos de ambos os sexos, por meio do transe místico provocado pela oração e, algumas vezes, pela flagelação. Foi assim que o número de conventos e de religiosas foi crescendo ao longo do tempo e o século XVII, por sua vez, via muitos mosteiros se converterem em verdadeiras colmeias humanas com oitocentas, mil e até mil e trezentas mulheres, embora o ritmo fundacional tivesse diminuído um pouco. Os quarenta e oito conventos existentes em 1600 passariam a cento e cinco em 1700 ainda com a fundação de outros cinquenta e sete ao longo do mesmo século. O México, com dezessete conventos e o Peru com dez, continuariam aportando as cifras mais altas.

¹⁰⁴ Disponível em < <http://leyendascoloniales.blogspot.com.br/2009/12/habitos-de-monjas-de-la-nueva-espana> > acesso em 12.12.2014. Também disponível no artigo de GUTIERREZ, León Guillermo. *Crónica de una vida de disfraces y subversiones, Sor Juana Inés de la Cruz*. Revista de la Universidad de México, p. 38. Disponível em < <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx> > acesso em 28.09.2014.

TÍTULO DO CONVENTO	ORDEM RELIGIOSA	ANO DE FUNDAÇÃO
Da <i>Concepção</i>	<i>Concepcionistas</i>	1540
Regina Coeli	<i>Concepcionistas</i>	1570
Santa Clara	Clarissas	1573
Balvanera	Concepcionistas	1573
Jesus Maria	Concepcionistas	1580
São Jerônimo	Jeronimas	1585
São João da Penitência	Clarissas	1593
Santa Catarina	Dominicanas	1593
Da Encarnação	Concepcionistas	1594
São Lourenço	Jeronimas	1598
Santa Inês	Concepcionistas	1600
Santa Isabel	Clarissas	1601
São José da Graça	Concepcionistas	1610
São José	Carmelitas Descalças	1616
São Bernardo	Concepcionistas	1636
São Felipe de Jesus	Capuchinhas	1665
Santa Catarina	Dominicanas	1680

Tabela 1- Monastérios de Monjas na Cidade do México até o século XVII.

O elevado número de criadas, escravas, educandas e *niñas*, termo elástico que, ao menos no México compreendia criaturas de poucos anos até octogenárias, a liberdade com que se moviam pelas dependências do monastério e a residência prolongada de algumas delas junto às monjas, entravam em choque, muitas vezes, com o clima de oração, recolhimento e austeridade própria de um convento de clausura; uma situação, porém, que não se fazia presente em todos os conventos.

No caso de Sor Juana, que acabou por professar no Convento das Jerônimas, a relativa elasticidade com que se deparou parece ter sido uma oportunidade planejada, no sentido de obter um ambiente adequado para que pudesse escrever e estudar com maior liberdade e, ao mesmo tempo estar protegida e amparada socialmente. Ali desenvolveria grande parte da sua obra, inclusive em homenagem e honra da Virgem Santíssima.

3 INVOCAÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE MARIA: ALGUNS ASPECTOS TEOLÓGICOS E TRADICIONAIS ATRIBUÍDOS

O Anjo fala com Maria: “Eis que conceberás e darás à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus”.

Lucas, 1, 31

Maria fala com o Anjo: “Eis aqui a serva do Senhor. Aconteça comigo segundo a tua palavra!”.

Lucas, 1, 38

Sabemos que à Maria foram concedidos inúmeros atributos, características, invocações, privilégios e títulos honoríficos. Mesmo sem ter sido oficialmente canonizada,¹⁰⁵ foi reverenciada, em especial, devido a sua fé como Mãe e discípula de Jesus Cristo. Mais recentemente, o capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, intitulado “a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja”, embora não seja uma doutrina completa, ressalta seu vínculo em pelo menos dois mistérios: o da Igreja e o de Cristo. Se, em tempos anteriores, Maria chegou a ser alvo de uma hermenêutica isolacionista mais acentuada, o Concílio Vaticano II (1962-1965) restabeleceu o significado relacional eclesiológico e cristológico.

É inegável o seu importante papel no Mistério divino da Salvação, embora a plenitude se dê apenas em Cristo: ela é aquela que ouviu, guardou, meditou e viveu a Palavra. Ela é o símbolo da Salvação final que foi prometida a todos os seres humanos. Nesse sentido, a *Lumen Gentium* salientou importantes características de Maria como a sua “livre fé e obediência”, aquela que foi “dada como mãe ao discípulo”, aquela que “concebeu, gerou e nutriu a Cristo”, aquela que “apresentou-O ao Pai no templo e que compadeceu com seu Filho que morria na cruz”, a sua “invocação na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutriz, Medianeira”, modelo de “virgem e mãe” e “sem mácula”. No final da Constituição, uma exortação à Maria como um “sinal da esperança segura e do conforto ao peregrinante povo de Deus”.

O Catecismo da Igreja Católica, na sua apresentação pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB faz menção à “Festividade da Imaculada Conceição de Nossa

¹⁰⁵ FIORENZA, Francis S. GALVIN, John, P. *Teologia Sistemática: perspectivas católico-romanas*, vol II. São Paulo: Paulus, 1997, p. 203.

Senhora” e, na conclusão, assinada por João Paulo II, Maria é ali invocada pelo referido papa, com as seguintes características: “Santíssima Virgem Maria, Mãe do Verbo Encarnado e Mãe da Igreja”. O texto continua pedindo à Maria que “ampare com sua poderosa intercessão o empenho catequético da Igreja inteira em todos os níveis, nestes tempos em que ela é chamada a um novo esforço de evangelização”. Na Segunda Seção do Catecismo, no capítulo III, parágrafo 6, Maria é invocada como a “Mãe de Deus” e “Mãe da Igreja”. Um pouco mais adiante, é nomeada, ainda, como aquela que foi “exaltada pelo Senhor como Rainha do Universo”, a que “cooperou na obra do Salvador para a restauração da vida sobrenatural das almas”, nossa “mãe na ordem da graça”, aquela que “na Igreja é invocada sob os títulos de advogada, auxiliadora, protetora e medianeira”, aquela que é “honrada com culto especial pela Igreja”, a que é desde tempos remotos “venerada sob o título de ‘Mãe de Deus’, sob cuja proteção os fiéis se refugiam suplicantes em todos os seus perigos e necessidades”, aquela cujo culto “encontra sua expressão nas festas litúrgicas dedicadas à Mãe de Deus e na oração mariana, tal como o Santo Rosário, resumo de todo o Evangelho”.¹⁰⁶ Maria é pouco citada no Código de Direito Canônico onde aparece com os seguintes títulos de “Bem-aventurada Virgem Maria”,¹⁰⁷ “Virgem Mãe de Deus”¹⁰⁸ e “Bem-aventurada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, a quem Cristo constituiu Mãe de todos os homens”¹⁰⁹.

Na verdade, desde a época da colonização e até mesmo diante de uma possível estratégia missionária, novos papéis foram sendo atribuídos à Virgem, sendo alguns deles até mesmo provenientes das antigas deusas. A devoção popular também adotou muitos desses mantos e colaborou para a construção de algumas imagens piedosas, mas também teológico-sociais. Nos versos de Sor Juana, também encontramos diversas invocações e características que são atribuídas à Maria, provavelmente, desde a sua chegada, por mar, naquelas terras da Nova Espanha.

3.1 Maria aporta na Nova Espanha

A primeira aparição da Virgem que se conhece, embora lendária, refere-se a Nossa Senhora do Pilar, patrona da Espanha. Teve origem, segundo a lenda, na aparição a São Tiago, que se encontrava em missão naquele local. Conforme Boff, teria ocorrido por volta dos anos

¹⁰⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, Loyola, 2000, p.272-275.

¹⁰⁷ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo, Loyola, 2010, cân. 246, § 3.

¹⁰⁸ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo, Loyola, 2010, cân. 276, §, 5º; 663 § 4.

¹⁰⁹ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo, Loyola, 2010. cân. 1186.

40, quando ainda estava viva.¹¹⁰ A história da Espanha, da reconquista e dos reis e chefes militares que apelavam e atribuíam suas vitórias à Virgem são episódios significativos que atestam a presença de Maria na cultura espanhola.

No entanto, a partir da chegada dos espanhóis nas terras que chamaram de Novo Continente, a religião que predominava em Tenochtitlán-México, passou a sofrer um longo processo de síntese, mas que não deixava de incorporar a visão e os ideais mexicas. Nesta visão, o mundo já existia a partir de vários períodos consecutivos e a primeira fundação da terra havia ocorrido milhares de contas-anos atrás. Acreditavam que, ao longo do tempo, teriam existido quatro sóis, ou eras. A cada sol as formas eram mais perfeitas. Quatro forças primitivas, terra, vento, água e fogo governaram essas eras até a chegada da atual, a quinta, a era do sol do movimento. Havia a crença num pai onicriador e numa mãe universal como divindade dual suprema.

Essa divindade era conhecida como “Ometeotl”, o deus dual, ambos de nossa carne, “Tonacatecuhtli” e “Tonacacíhuatl”, que numa união cósmica, realizaram toda a criação. Eram mãe e pai dos deuses e, numa primeira manifestação tiveram quatro filhos: os espelhos fumantes branco, preto, vermelho e azul; forças primordiais que colocaram o sol em movimento e criaram a vida na terra. Foram, ainda, responsáveis pelas quatro destruições cíclicas anteriores.

Estava previsto que o destino final da quinta era seria um cataclisma. Através do sacrifício dos homens, acreditavam que a era atual poderia ser preservada, pois um sacrifício primeiro dos deuses havia criado e colocado o sol em movimento. Há testemunhos de que, antes dos mexicas,¹¹¹ se faziam sacrifícios humanos, mas não tantos. Como referência, na figura logo abaixo, podemos observar, conforme uma apresentação de Diego Durán, no seu

¹¹⁰ BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 175.

¹¹¹ O termo “asteca”, que significa gente de Aztlan, foi utilizado para designar vários grupos (mexicas, chalcas, huastecos e outros) que durante a longa migração foram se separando e se estabelecendo em diversas localidades. Logo depois de saírem de Aztlan, cidade que como a futura Tenochtitlan se situava no meio de um lago, os astecas teriam chegado a Chicomoztoc, ou “Lugar das Sete Cavernas”. Em Chicomoztoc teriam-se unido a outros seis grupos: xochimilcas, chalcas, tlaxcaltecas, tepanecas, tlalhuicas e acolhuas. Huitzilopochtli, que se comunicava com o grupo por meio dos quatro “carregadores do deus” (teomama), teria ordenado que, depois de chegarem a Coatlicamac, deveriam se separar dos outros grupos e adotar o nome de *mexitin*, que depois se transformou em “mexica”. Essa mudança de nome teria sido acompanhada pelo primeiro sacrifício humano e pela adoção do arco e flecha pelo povo de Huitzilopochtli, fato que leva à hipótese de que os mexicas poderiam ser povos agricultores que passaram a adotar um modo de vida mais adaptado às áridas regiões que atravessavam, modo de vida este comumente chamado de *chichimeca*. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 71-72.

livro “História das Índias”, a representação de um ritual onde alguns sacerdotes, após abrir o peito da vítima, recolhem seu sangue num recipiente.



Figura 16-Representaçãode sacerdotes mexicas realizando um sacrifício. ¹¹²

As fontes descrevem outras formas de culto e adoração dos mexicas, mas um lugar muito especial era reservado à deusa mãe, que era invocada sob numerosos títulos, inclusive como “Tonantzin, nossa Reverenda Mãe”. A importância da deusa mãe dos mexicas e dos mesoamericanos, em geral, foi percebida pelos missionários espanhóis e a relação com as crenças na Virgem Maria não foi, de modo algum, rejeitada. “Um bom exemplo é a Virgem de Guadalupe, cujo santuário foi construído onde antes ficava o de Tonantzin”. ¹¹³

Segundo o historiador Ruben Ugarte, quase todos os conquistadores eram fervorosos devotos da Virgem Maria. ¹¹⁴ Assim, é lugar comum afirmar que a América é o continente de Maria e, embora a devoção mariana tenha chegado com os conquistadores, aqui adquiriu uma

¹¹² LONGHENA, Maria. *O México Antigo. Coleção Grandes civilizações do passado*. Barcelona: Folio, S.A., 2006, p. 121.

¹¹³ A Mesoamérica antes de 1519. LEÓN-PORTILLA, Miguel. In: *História da América Latina: América Latina Colonial*, volume 1, org Leslie Bethel. São Paulo: Universidade de São Paulo; Brasília, DF; Fundação Alexandre de Gusmão, 2004, p. 58.

¹¹⁴ UGARTE, Ruben Vargas, S.J. *História del Culto de Maria em Iberoamérica y de sus imagenes y santuários mas celebrados*. Madrid: 1956, p. 10.

nova e diferenciada fisionomia.¹¹⁵ Hernán Cortés, que trazia no peito uma medalha de Maria, além da equipagem que levou para o México, trouxe consigo umas cinco ou seis *Virgencitas*. Tempos depois, fez colocar uma dessas imagens no templo central asteca (Teocalli), em Technotitlan, nome *náhuatl* para a Cidade do México. Em suas campanhas, junto com o estandarte da cruz, seguia também o da Santa Virgem, onde os espanhóis se ajoelhavam para implorar sucesso ao céu.¹¹⁶ Na figura abaixo, mais uma representação de Diego Durán, agora referente à batalha de Technotitlan, onde o exército asteca foi aniquilado pelo dos conquistadores, Technotitlan destruída e seu território anexado à coroa da Espanha em 1521. Não é difícil imaginar a violência da batalha, onde o sangue deve ter escorrido muito mais do que no quadro anterior, aquele da representação do ritual dos sacrifícios.

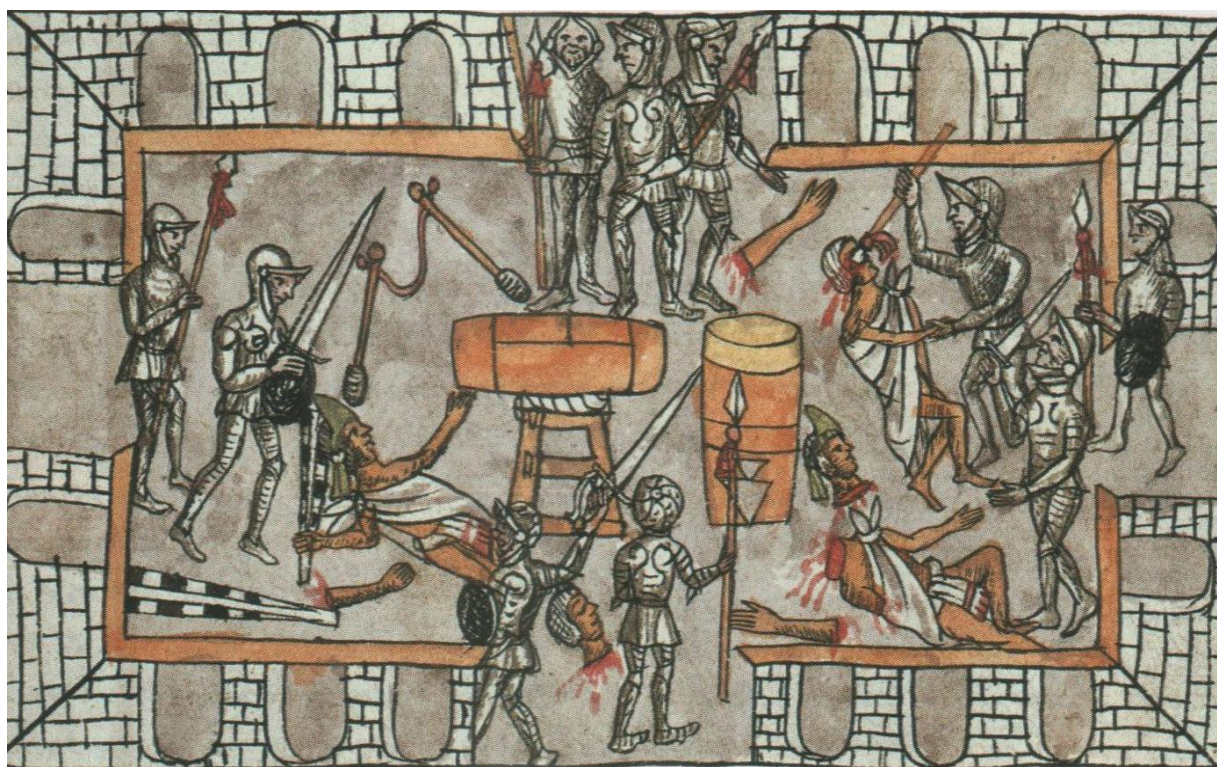


Figura17-Representação da Batalha de Technotitlan.¹¹⁷

¹¹⁵ SARANYANA, Josep-Ignasi (Dir.). GRAU, Carmen-José Alejos (Coord.). *Teología em América Latina, Escolástica barroca, Ilustración y preparación de la Independencia (1665-1810)*. Vol. II. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt AM Main: Vervuert, 1999, p. 817.

¹¹⁶ BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 220-221.

¹¹⁷ LONGHENA, Maria. *O México Antigo*. Coleção Grandes civilizações do passado. Barcelona: Folio, S.A., 2006, p. 71.

Cronistas como Bernal Diaz de Castilho,¹¹⁸ Francisco López de Gómara¹¹⁹ e Antonio de Tello,¹²⁰ entre outros, ajudaram a compor esta História da Igreja no México, ao relatar como a mediação de Maria obteve triunfos para os espanhóis nas guerras contra os índios. Certa ocasião, conta Bernal Diaz, Moctezuma¹²¹ perguntou a seus guerreiros como eles, que eram tantos, tinham sido vencidos por uns poucos *castellanos*. Os guerreiros, em resposta, alegaram que uma *Gran Tecleciguata de Castilla* que vinha na frente dos *castellanos* lhes colocou temor. Era a Virgem dos Remédios que havia acompanhado Cortés desde a sua chegada.¹²²

Frei Toribio de Benavente, o Padre Motolinia, como era chamado pelos índios, por causa de sua pobreza, salientava o elevado número de almas batizadas até 1536: “*más de cuatro millones*”. E esse número aumentava consideravelmente a cada ano, conforme o padre. A razão, segundo Ruben Ugarte, seria o número maior de missionários e o adestramento no uso das línguas indígenas, mas, o motivo principal das conversões ficaria por conta da influência do aparecimento da Virgem Santíssima a Juan Diego, um índio batizado, na colina de Tepeyac.

3.2 A Virgem de Guadalupe

A história da aparição da Virgem é bem conhecida de todos. Frei Juan de Zumárraga

¹¹⁸ Bernal Diaz de Castilho nasceu em 1492 e morreu em 1584. Conquistador e cronista espanhol que escreveu um relato sobre a conquista do México liderada por Hernán Cortés, com o qual serviu. Disponível em < [Http://pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org) > acesso em 08.05.2014.

¹¹⁹ Francisco López de Gómara. Eclesiástico e historiador espanhol que se destacou como cronista da conquista espanhola do México, apesar de nunca ter atravessado o Atlântico. Disponível em < [Http://pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org) > acesso em 08.05.2014.

¹²⁰ Antonio de Tello foi um espanhol franciscano que morreu no ano de 1653. Escreveu várias crônicas e foi considerado o mais qualificado de Nova Galícia. Refletiu sobre alguns dos enfrentamentos entre espanhóis e indígenas, chegando a sustentar que o demônio havia se apropriado dos títulos divinos que aparecem na Sagrada Escritura, em relação a certas crenças indígenas. Por outro lado, descobriu reminiscências de monoteísmo, restos de uma primitiva Revelação, entre alguns povos belicosos daquela zona. Mesmo quase todas as nações do mundo após o dilúvio terem caído no politeísmo, algumas reconheciam apenas um ser divino que chamavam *Piltzintli*, um deus em figura de criança que lhes dizia que havia um Deus no céu, de grande poder criador e, também, uma Senhora que era soberana virgem e que dela os homens haviam recebido a carne e que pedia que confiassem na sua ajuda. SARANYANA, Josep-Ignasi (Dir.). GRAU, Carmen-José Alejos (Coord.). *Teología em América Latina, Desde los Orígenes a la Guerra de Sucesión (1493-1715)*. Vol. I. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt AM Main: Vervuert, 1999, p. 564-565.

¹²¹ Referência a Moctezuma II, cujo título, na época da chegada dos espanhóis era *aquele que tem a palavra preciosa*, que o tornava chefe dos exércitos, autoridade religiosa e juiz supremo. Seu poder era conferido por eleição entre um pequeno numero de *pipiltin* (nobres ou *principales*) que, após dias, deveriam chegar a uma decisão unânime. Seu cargo era completado por um assistente conselheiro, chamado de *cihuacoatl* ou *serpente fêmea*, que apesar do nome, também era exercido por um homem. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 77.

¹²² UGARTE, Ruben Vargas, S.J. *História del Culto de Maria em Iberoamérica y de sus imagenes y santuários mas celebrados*. Madrid: 1956, p. 13.

era bispo do México, na época, quando no cerro de Tepeyac, perto da capital, de 9 a 12 de dezembro de 1531, foi procurado por um índio batizado com o nome de Juan Diego, dizendo que Maria teria aparecido e falado com ele. Dada a incredulidade do bispo, ao oferecer a Zumárraga as rosas que a Senhora mesma teria enviado ao religioso como um sinal de sua real aparição, Diego, sem querer, derrubou-as e no manto onde foram carregadas durante o trajeto, teria surgido ali, semelhante a uma pintura, a imagem de Maria, a *Morenita*. A Virgem de Guadalupe teve a tem uma importância fundamental para a história do México e está representada na Catedral de Puebla. Como podemos ver, a imagem da santa está localizada bem ao centro da cena e rodeada por diversos medalhões que narram as suas aparições. Nas cenas secundárias aparecem anjos que levam os atributos guadalupanos. Segundo alguns especialistas, esta seria a interpretação mais correta da Virgem, uma obra atribuída a Luis Berrueco.



Figura18- Os milagres da Virgem de Guadalupe, anônimo, séc. XVIII. ¹²³

¹²³ Catedral de Puebla, México. MARTÍN, María Isabel Fraile. La iconografía mariana en la catedral de Puebla. *NORBA-ARTE*, ISSN 0213-2214, vol. XXVII (2007), p. 198.

Na realidade, tais relatos das aparições ocorreram pela primeira vez no texto indígena *Nican Mopohua* (aqui se narra), atribuído a um índio ilustre, Antonio Valeriano (1520-1605), talvez parente de Moctezuma II (que foi contemporâneo dos fatos), aluno e depois professor do colégio Santa Cruz de Tlatelolco, fundado pelos missionários franciscanos em 1536. Os relatos das aparições guadalupanas foram muito questionados desde o ponto de vista histórico e sobre eles surgiram muitas e diversas interpretações. A própria autoria do *Nican* foi bastante discutida.¹²⁴

As fontes escritas sobre as aparições surgiram no pontificado de Alonso de Montúfar, sucessor de Zumárraga. Isso significa que os primeiros testemunhos mais precisos, datam de 1555-56, uns 25 anos depois do fato ocorrido. Diante da situação, os anti-aparicionistas argumentavam que a devoção inicialmente se dera apenas entre os *criollos*, e que a difusão entre eles teria sido tardia, generalizando-se apenas depois de 1648, por obra do *bachiller* e *criollo* mexicano Miguel Sánchez.¹²⁵ Os indígenas, portanto, não teriam começado a compartilhar seriamente tais crenças até a segunda metade do século XVIII. Além do mais, os críticos consideravam tudo uma invenção de Miguel Sánchez, que teria tido uma grande habilidade de propor aos *criollos* mexicanos um símbolo de sua identidade, supostamente estampado no manto do índio batizado com o nome de Juan Diego.

O fato é que não se pode negar que em Tepeyac havia o culto a Virgem Maria desde os primeiros momentos da “conquista” do México e que este culto competia com outras nomeações marianas, como, por exemplo, a Virgem dos Remédios, mais popular, no começo. Bernardino de Sahagún¹²⁶ chegou a escrever sobre o seu temor de que tal culto massivo viesse a constituir um sincretismo religioso que, na realidade, começou a ser detectado por

¹²⁴ Segundo Ugarte, Antonio Valeriano era um índio natural de Atzapotzalco, aluno do Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco em 1553 e professor mais tarde deste mesmo colégio. Valeriano teria escrito de seu próprio punho os relatos da aparição na língua *nahuatl*, muito pouco depois de ocorrido o fato, e, embora o original tenha se perdido, diz que existia o documento até final do século XVII, pois testemunhos o haviam visto. Das mãos de Valeriano teria passado às de um nobre descendente dos reis de Texcoco, D. Fernando de Alba (1570-1648), que ao morrer deixou o manuscrito e todos os seus papéis a Carlos Sigüenza y Góngora que, quando morreu passaram à Biblioteca do Colégio da Companhia de Jesus do México. Segundo, ainda, Ugarte, é desta relação que procedem as publicações do presbítero Miguel Sánchez, da Congregação do Oratório. UGARTE, Ruben Vargas, S.J. *História del Culto de Maria em Iberoamérica y de sus imagenes y santuarios mas celebrados*. Madrid: Talleres Gráficos Jura, 1956, p. 165.

¹²⁵ Miguel Sánchez publicou em 1648, *La Imagem de la Virgen María de Dios de Guadalupe*, que influenciaria nos sermões posteriores. SARANYANA, Josep-Ignasi (Dir.). GRAU, Carmen-José Alejos (Coord.). *Teología em América Latina, Desde los Orígenes a la Guerra de Sucesión (1493-1715)*. Vol. I. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt AM Main: Vervuert, 1999, p. 499-500.

¹²⁶ Bernardino de Sahagún que nasceu em 1499 e morreu em 1590, foi um franciscano espanhol. Estudou Artes e Teologia em Salamanca, provavelmente entre 1514 e 1520, época em que ingressou na ordem franciscana.

volta de 1560, em substituição ao culto asteca da deusa Tonantzin. Esse medo relatado por Sahagún poderia representar, precisamente, um testemunho da antiguidade e da popularidade do culto guadalupano entre os indígenas. Logo abaixo, uma representação da deusa, que se encontra no Museu de Antropologia do México.



Figura19-Representação da deusa Tonantzin. ¹²⁷

De fato, pouco a pouco a devoção à Virgem de Guadalupe foi se tornando praticamente universal em todo vice-reinado da Nova Espanha chegando, inclusive, nas ilhas Filipinas e na Europa. “Filho meu, muito querido”, havia dito a Virgem ao índio batizado Juan Diego, “eu sou sempre a Virgem Maria, Mãe do verdadeiro Deus, Autor da vida, Criador de tudo e Senhor do céu e da terra, que está em todas as partes”. A seguir, orientava que “é meu desejo que se construa um templo neste lugar, onde como Mãe piedosa tua e de teus semelhantes mostrarei minha clemência e a compaixão que tenho com os naturais”. ¹²⁸ Segundo Octavio Paz, a figura de Guadalupe/Tonantzin está gravada no coração do México e é impossível entender aquele país e a sua história, se não se entender o que foi e o que ainda é

Desempenhou vários cargos na Ordem e foi intérprete nos processos contra os idólatras. Conheceu com perfeição o *náhuatl*. Entre as várias obras que escreveu, destaca-se a *Historia general de las cosas de Nueva España*.

¹²⁷ Tonantzin, Museu de Antropologia, México. < <http://es.wikipédia.org> > acesso em 22.09.2014.

¹²⁸UGARTE, Ruben Vargas, S.J. *História del Culto de Maria em Iberoamérica y de sus imagenes y santuarios mas celebrados*. Madrid: 1956, p. 30-31.

o culto Guadalupano. A Virgem foi o ponto de união de *criollos*, índios e mestiços e uma resposta a uma tripla orfandade: a dos índios porque Guadalupe/Tonantzín era a transfiguração de suas antigas divindades femininas; a dos *criollos* porque a aparição da Virgem converteu a terra da Nova Espanha em uma mãe mais real que a da Espanha; a dos mestiços porque a Virgem foi e é a reconciliação com sua origem e o fim da sua ilegitimidade.¹²⁹ De certa forma, a cada um desses grupos correspondeu uma imagem teológica-social capaz de movê-los em torno de um objetivo em comum. Posteriormente, em 1754, Bento XIV proclamou-a oficialmente patrona do vice-reinado e, em 1910 Pio X confirmou-a como patrona principal de toda América Latina.

3.3 Imagens Teológico-sociais

Grande parte dos nossos conhecimentos sobre Maria provém da Bíblia e dos evangelhos. No entanto, ao longo do tempo, a tradição da igreja e a piedade popular contribuíram sobremaneira para a formação deste perfil simbólico e complexo que extrapolou sua definição como a “Mãe de Jesus, a mulher obediente, caseira, silenciosa e que sofreu com seu filho na cruz”. Conforme Murad, “na pluralidade e diversidade da Igreja Católica, descobriram-se nos últimos anos outras perspectivas de Maria”.¹³⁰

Nas percepções em geral, no entanto, se por um lado Maria passou a ser reconhecida como uma mulher que age na história, assim como outras tantas mulheres descritas na própria Bíblia e se a Teologia de Gênero, nos dias de hoje, “considera Maria não mais um modelo para as mulheres, mas sim uma figura inspiradora de todo ser humano”,¹³¹ por outro, estaria sujeita, muitas vezes, a vestir o manto mágico e milagreiro que cobria as antigas deusas a ponto de ser confundida com elas, como, por exemplo, se observarmos a origem da sua invocação sob o título de “Rainha”, um nome aplicado a Juno e a Ísis. O Apocalipse (Ap) 12

¹²⁹ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982, p. 63-64.

¹³⁰ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 15.

¹³¹ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 16. Talvez seja interessante acrescentar que o próprio Catecismo, na p. 72, 239, explica que ao designar Deus com o nome de Pai, a linguagem da fé se refere a dois aspectos: que Deus é a origem primeira de tudo e autoridade transcendente e que ao mesmo tempo é bondade e solicitude de amor para todos os seus filhos. Essa ternura paterna de Deus pode também ser expressa pela imagem da maternidade, que indica mais a imanência de Deus, a intimidade de Deus e sua criatura. A linguagem da fé inspira-se, assim, na experiência humana dos pais (genitores), que são de certo modo os primeiros representantes de Deus para o homem. Mas essa experiência humana ensina também que os pais humanos são falíveis e que podem desfigurar o rosto da paternidade e da maternidade. Convém então lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Ele não é nem homem nem mulher, é Deus.

apresenta a mulher como rainha. No Concílio de Éfeso em 431, o povo nas ruas saudou Maria com os mesmos títulos com os quais séculos antes havia saudado Ártemis. Em Santa Maria Maior, situada no lugar do templo de Juno Lucina, Maria é apresentada entronizada e vestida com as vestes de uma princesa bizantina. Em Santa Maria, em Trastevere, Maria e Cristo estão sentados juntos em grandes tronos, o do rei e da rainha. Durante a Idade Média, quando o título se tornou comum, muitas imagens de Maria foram coroadas.¹³²

Sabemos que a Bíblia, fonte primeira de toda teologia, não oferece um discurso particular sobre Maria. “Do ponto de vista quantitativo, as passagens referentes à mãe de Jesus constituem um modesto balanço: cerca de 200 versículos nos 27 livros do NT”.¹³³ A Bíblia, portanto, não fornece detalhes sobre a vida de Maria e, no Novo Testamento, Cristo é a mensagem central. “Cada evangelista, inspirado pelo Espírito Santo e refletindo a vivência de sua(s) comunidade(s), enfatiza traços originais da pessoa e da mensagem de Jesus”.¹³⁴ Dessa maneira, Marcos, o primeiro evangelista, destaca mais a atuação de Jesus, que inaugura o Reino de Deus e combate as forças do mal; Mateus e Lucas trazem textos sobre a infância de Jesus e algumas das suas pregações e João, retrabalha tudo o que recebeu dos outros. Maria aparece em referência a Jesus e à comunidade dos seus seguidores.

Segundo Boff, se Jesus é o centro do Cristianismo, Maria é central por ser a pessoa que está mais próxima desse centro e é dentro da lógica da inclusão das mediações que devemos entender o lugar dela no Mistério salvífico.¹³⁵ Boff é capaz de perceber, através dos evangelhos, uma evolução da Mariologia no Novo Testamento, conforme resumo, logo abaixo.¹³⁶

1. Fase oculta: Marcos

Maria aparece com uma figura sem perfil definido, sem relevância teológica. É definida apenas pelos laços de sangue, está imersa e escondida em seu clã.

2. Fase alusiva: Paulo

Maria sofre apenas uma referência indireta, quando diz “mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher...” (Gl 4,4)

¹³² PAREDES, José Cristo Rey Garcia. *Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática*. São Paulo: Ave-Maria, 2011, p. 180.

¹³³ FIORES, Stefano de. Meo, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 846.

¹³⁴ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 36.

¹³⁵ BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 15-16.

3. Fase positiva: Mateus e Lucas

Para Mateus, Maria é relativa ao Messias, é a Mãe virginal e está inserida no Plano da Salvação. Para Lucas, Maria já é uma personalidade consciente e livre, com uma consciência e rosto próprio, seja do ponto de vista psicológico ou teológico. Os Atos também só a citam uma vez, mas de modo muito significativo: “todos permaneciam unânimes na oração com algumas mulheres, Maria, a mãe de Jesus, e seus irmãos.” (At 1,14)

4. Fase de aprofundamento: João

Para ele, Maria é uma figura de grande relevância teológica, é a nova mulher, a Mãe da Fé (Caná) e dos fiéis (Cruz), a Mulher cósmica. (Ap 12)¹³⁷ A Maria de João, transcende a Maria de Nazaré.

Para a história profana, seja ela romana ou “judaica”, Jesus não foi um personagem essencial ou que chamasse a atenção, pelo menos na época em que estava vivo. Os historiadores do século I, Flávio Josefo (judeu) e Tácito (romano), dedicaram apenas algumas linhas a Jesus e nenhuma sobre sua mãe. Alguns traços e dados fornecidos, inclusive, pelo rabinismo, além de considerarem Jesus um marginal eram bastante negativos, apresentando, por vezes, Jesus como filho ilegítimo e bastardo. No entanto, as notícias históricas transmitidas sobre a família de Jesus são interessantes no sentido de traduzir o contexto cultural da Palestina do século I. Ali, podemos observar que Maria, por exemplo, “tinha o mesmo nome que uma grande personagem do Antigo Testamento, Miryam, a profetisa, irmã

¹³⁶ BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 17-18.

¹³⁷ **A mulher e o dragão.** Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. Estava grávida e gritava nas dores de parto, angustiada por dar à luz. Apareceu então outro sinal do céu: um grande dragão cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres, e sobre as cabeças, sete diademas. A cauda varreu do céu a terça parte das estrelas, atirando-as sobre a terra. O dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz a fim de devorar o filho, quando ela o desse à luz. A mulher deu à luz um filho homem, que irá governar todas as nações com cetro de ferro. Mas o filho foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono. A mulher fugiu para o deserto, onde havia um lugar preparado por Deus, para alimentá-la durante mil e duzentos e sessenta dias. Houve então uma batalha no céu: Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão. O dragão também lutou, junto com os seus anjos, mas foram derrotados, e não houve mais lugar para eles no céu. O grande dragão, a antiga serpente, chamada diabo e Satanás, que seduz o mundo todo, foi expulso para a terra, juntamente com os seus anjos. Ouvi então uma voz forte no céu, que dizia: “Realizou-se agora a salvação e o poder, o reino de nosso Deus e a autoridade de seu Cristo, porque foi expulso o acusador dos nossos irmãos, aquele que os acusava dia e noite diante de nosso Deus. Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho, pois desprezaram a própria vida até à morte. Por isso, alegrai-vos, ó céus e todos os seus habitantes. Mas ai da terra e do mar, porque o diabo desceu para junto de vós, cheio de grande furor, sabendo que lhe resta pouco tempo”. Quando o dragão viu que tinha sido expulso para a terra, começou a perseguir a mulher que dera à luz um filho homem. Mas foram dadas à mulher as duas asas da grande águia para voar para o deserto, o lugar onde é alimentada por um tempo, dois tempos e meio tempo, longe da vista da serpente. Então a serpente vomitou atrás da mulher uma espécie de rio de água, para que fosse arrastada pela correnteza. Mas a terra veio em auxílio da mulher. Abriu a boca e engoliu o rio que o dragão havia vomitado. O dragão enfureceu-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm testemunho de Jesus. O dragão ficou de pé na praia do mar. (Ap 12)

de Moisés e de Aarão. Receber esse tipo de nome indicava uma profunda consciência de pertença ao povo, contrariando um ambiente helenizante e pagão”.¹³⁸

Sendo assim, talvez um espaço tão reduzido no Novo Testamento esteja de acordo com uma visão mais androcêntrica daquele tempo histórico. É notável o contraste, por exemplo, quando ouvimos falar de bispos, confessores e pastores, mas de virgens, esposas e viúvas. “A falta de fontes sobre as mulheres é parte da história sobre as mulheres.”¹³⁹ Nesse sentido, Jesus e o anúncio do Reino de Deus parecem romper com as estruturas patriarcais de então e não restringi-las à maternidade e a casa. Assim, conforme Lucas 8,1-3:

Logo depois, Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a boa-nova do reino de Deus. Acompanhavam-no os Doze, mas também algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e enfermidades: Maria, chamada Madalena, de quem tinha saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes, Susana e muitas outras que os serviam com seus bens.

Maria viveu numa sociedade patriarcal, na qual, em princípio, somente os homens tinham a palavra e o mais comum era que as mulheres permanecessem analfabetas. Em geral ficavam confinadas em casa e, no caso de haver um julgamento o testemunho de um homem era sempre o mais considerado, além do que, se a mulher perdesse o marido, a herança do falecido ficaria com a família dele e não com ela.¹⁴⁰ Não é de se estranhar, portanto, que uma visão mais tradicional ressaltasse Maria como um modelo de mãe e mulher, um fato que seria posteriormente questionado, por favorecer o estigma da mulher que deveria ser dominada pelo homem, da mulher que só se realizaria enquanto mãe “padecendo no paraíso do lar ou se optasse pela virgindade consagrada na Vida Religiosa”.¹⁴¹

Pensar em Maria como mãe do Filho de Deus e nas polêmicas cristológicas iniciais que acabaram por gerar os dogmas da maternidade e da virgindade significou apresentar o primeiro milênio do Cristianismo como gestor dessas primeiras reflexões no conjunto da Fé e da Teologia. Os evangelhos apócrifos que abusavam de narrações mitológicas e de historicidade questionável, no entanto, mesmo não sendo aceitos pela Igreja oficial da época, colaboraram para desenvolver uma devoção mariana. Tempos depois, no vasto panorama dos

¹³⁸ PAREDES, José Cristo Rey Garcia. *Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática*. São Paulo: Ave-Maria, 2011, p. 21-41.

¹³⁹ FIORES, Stefano de. Meo, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 942.

¹⁴⁰ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 70.

escritos da Idade Média, a figura de Maria emergiu como objeto de reflexão teológica e de oração universal.¹⁴² Presenciou-se o crescimento da piedade marial, que culminou com São Bernardo de Claraval (1090-1153) no seu “Tratado da Santíssima Virgem”, muito embora o grande teólogo Santo Tomás de Aquino (1225-1274), por exemplo, não tenha produzido nenhum grande tratado de Mariologia.¹⁴³ Mas, no que se refere a este último autor, no entanto, encontramos um estudo mariológico na forma de Sermão, o Comentário à Ave-Maria, *In Salutationem Angelicam Expositio*, que foi traduzido do latim para o português. Na reportagem, Santo Tomás parece realizar uma pregação popular e não uma dissertação teológica. “Explicando as partes da Oração tal como conhecida em seu tempo, divide-a em duas seções, a saber: a saudação a Gabriel, ‘Ave, cheia de graça o Senhor é contigo’ (Lc 1,28), e a de Isabel, ‘Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto de vosso ventre’ (Lc 1,42)”. Embora a Oração tivesse expressão litúrgica desde o século VII, “somente em meados do século XII configurou-se como genuína devoção popular”. Quanto à sua parte conclusiva (Santa Maria, Mãe de Deus [...]), “formou-a pouco a pouco a piedade cristã entre os séculos XIV e XVI”.¹⁴⁴ Dessa forma, não podemos esquecer que no século XVII Sor Juana teve acesso ao “Doutor Angélico” e muitas vezes defendeu seus ensinamentos.

A seguir, para uma melhor orientação do nosso estudo, apresentamos uma síntese inicial das principais características de Maria que foram referidas até o momento.

1	Mãe de Deus
2	A mulher obediente, caseira, silenciosa e que sofreu com o seu filho na cruz
3	Rainha
4	A nova mulher, a Mãe da fé e dos fiéis, a Mulher cósmica
5	Modelo de mãe e mulher
6	Mãe do Filho de Deus

¹⁴¹ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 15.

¹⁴² FIORES, Stefano de. Meo, Salvatores. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 848.

¹⁴³ Mariologia é uma disciplina teológica que estuda o lugar de Maria no Projeto Salvífico da Trindade e sua relação com a comunidade eclesial. Do ponto de vista do conteúdo, pode ser dividida pelo menos em três blocos. O primeiro aborda Maria na Bíblia, enquanto figura histórica e simbólica da comunidade cristã das origens e reflete sobre seu significado para os dias de hoje. O segundo trata do culto na Igreja, compreendendo a liturgia e a devoção. O terceiro estuda os quatro dogmas marianos: Maternidade Divina, Virgindade, Imaculada e Assunção. Em resumo, então, a mariologia estuda a pessoa de Maria com o tríplice olhar da Bíblia, do culto e do dogma. MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 15

¹⁴⁴ AQUINO, Tomás de. *Comentário à Ave -Maria: “In Salutationem Angelicam Expositio”*. São Paulo: Eunete, 2006, p. 15.

7	Ave-Maria
8	Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo
9	Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto de vosso ventre

Tabela 2-Principais características de Maria mencionadas.

No Oriente, ainda nessa época de crescimento da piedade marial, o culto parece ter ido à frente da Teologia, falando de Maria de uma forma mais simbólica que dogmática, representado por uma rica iconografia e hinos litúrgicos. No Ocidente, pinturas e esculturas marianas apresentaram Maria com traços humanos de beleza ímpar.¹⁴⁵



Figura 20-Pietà de Miguelangelo.¹⁴⁶



Figura 21-Nossa Senhora, Fra Angélico, 1435.¹⁴⁷

¹⁴⁵ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 17.

¹⁴⁶ Pietá, encomendada em 1498. Esculpida em um único bloco de mármore de Carrara e encomendada em 1498 pelo cardeal Jean de Villiers de la Groslaye, embaixador francês em Roma. A tipologia da estátua remonta a modelos que já tinham se afirmado no século anterior a norte dos Alpes: a Virgem com Cristo morto no regaço. No entanto, as proporções dos corpos de dimensão natural, o aspecto monumental, os rostos jovens, atemporais e a resignação de Nossa Senhora, revelam a formação classicista do escultor. A Redenção, antes sempre associada à representação do sofrimento, aparece aqui como que geradora de uma beleza de clássica serenidade. PETROSILLO, Orazio. *Cidade do Vaticano*. Cidade do Vaticano: Ufficio Vendita Pubblicazioni e Riproduzioni, 2002, p. 22-23.



Figura 22- Maria em oração, séc. XVII, anônimo, Catedral de Puebla. ¹⁴⁸

A Igreja bizantina, por sua vez, atestou seu louvor à Maria através de um famoso canto solene, o “Acatístico em nome da Mãe de Deus”, ¹⁴⁹ hino célebre e “obra-prima da literatura e teologia, que desde o século VI é considerado como interpretação autêntica da sua secular espiritualidade mariana e expressão mais alta do seu amor à Virgem”.¹⁵⁰ Este nome singular, *akáthistos*, ou seja, “não sentado, estando em pé”, se coloca como uma norma para os fiéis que, assim como no Evangelho e no *Te Deum*, devem permanecer de pé em sinal de respeito e atenção. O autor do hino até hoje permanece desconhecido, mas a data de composição pode ser fixada entre o final do século V e o início do século VI, “representando quase um comentário poético e litúrgico do dogma da maternidade divina de Maria proclamado em

¹⁴⁷ Nossa Senhora com o Menino e Anjos entre São Domingos e Santa Catarina de Alexandria, 1435, aproximadamente. Frei João da Fiesole, chamado Fra Angélico, foi ordenado sacerdote entre 1423 e 1425 no convento São Domingos em Fiesole, arredores de Florença e dedicou-se com paixão à miniatura. Esta pequena tábua, exposta na Pinacoteca a partir de 1877. PETROSILLO, Orazio. *Cidade do Vaticano*. Cidade do Vaticano: Ufficio Vendita Pubblicazioni e Riproduzioni, 2002, p. 175.

¹⁴⁸ MARTÍN, Maria Isabel Fraile. La iconografía mariana em La catedral de Puebla. *NORBA-ARTE*, ISSN 0213-2214, vol. XXVII (2007), p. 207.

¹⁴⁹ *Akathistos*, ou seja, não sentado. É também um mandato para os fiéis porque, como o Evangelho e o *Te Deum*, Deve ser cantado ou recitado de pé, como sinal exterior de reverente atenção. (Catedral Santa Teresa, Caxias do Sul, RS)

¹⁵⁰ Catedral Santa Teresa, Caxias do Sul, RS

Éfeso, em 431 e em Calcedônia, em 451.” Portanto, “há quinze séculos, ele vive no coração de incontáveis gerações, que nele encontram alimento e verdadeira devoção à Virgem”.¹⁵¹ Já foi celebrado “em 7 de junho de 1981 na Basílica Patriarcal de Santa Maria Maior, e a 2 de fevereiro de 1982, na Basílica de São Pedro no Vaticano, na presença do Sumo Pontífice”.¹⁵² Neste canto, constam exaltações, agradecimentos, súplicas e saudações à Maria, dos quais destacamos algumas expressões de fé que parecem realimentar várias das invocações e características comunicadas por Sor Juana.

1	A ti, Maria, como ao general invencível!
2	Ave, reergues o Adão decaído!
3	Ave, tu estancas as lágrimas de Eva!
4	Ave, porque governas quem tudo governa!
5	Ave, ó Estrela que o Sol anuncias!
6	Ave, ó fé maturada em silêncio!
7	Ave, transcendes a ciência dos sábios!
8	Ave, ó mesa bem farta em perdões abundantes!
9	Ave, ante Deus dos mortais és audácia!
10	Ave, ó chave das portas celestes!
11	Ave, por ti terra e céus em uníssono cantam!
12	Ave, do apóstolo boca jamais silenciosa!
13	Ave, os mistérios de Deus iluminas!
14	Ave, alegria de todos os povos!
15	Ave, ó flor da total virgindade!
16	Ave, da ressurreição claro emblema!
17	Ave, de Virgem e Mãe as grandezas reúne!
18	Ave, os contrários a um fim tão igual consorcias!
19	Ave, sacrário da ciência divina!
20	Ave, os sapientes afirmas ignaros!
21	Ave, os astutos sofismas dos gregos desfazes!
22	Ave, iluminas inúmeras mentes!

¹⁵¹ FIORES, Stefano de. Meo, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 24.

¹⁵² Hino Acatístico em nome da Mãe de Deus. Catedral Santa Teresa, Caxias do Sul, RS, p. 15.

23	Ave, ó mestra das coisas sagradas!
24	Ave, instrutora das mentes dispersas!
25	Ave, tu és a salvação da minha alma!

Tabela 3- Características de Maria no Hino Acatístico.

Assim, mais como uma “liturgia de louvor do que de súplica”,¹⁵³ apresenta, nesse sentido, algumas semelhanças com as invocações e características atribuídas à Maria por Sor Juana. De outro modo, levando em conta nossa cultura ocidental, é interessante verificar como no período da Antiguidade, Maria era particularmente referida a Cristo e à Igreja assim como a Idade Média veria emergir uma figura mais individualizada, a ponto de adquirir um perfil próprio. Se na Patrística personalizava a Igreja como Mistério, agora passava a personalizar a própria Cristandade.¹⁵⁴

Antiguidade	Símbolo da doutrina ortodoxa vitoriosa ¹⁵⁵
Antiguidade	Promotora do poder pontifical (de Gregório Magno e Gregório VII)
Séculos VI-XI	Mulher de condição nobre (estirpe davídica), coroada no céu (<i>dormitio</i>)
Séculos VI-XI	Rainha (modelo das imperatrizes, rainhas e mulheres nobres)
Séculos VI-XI	Protetora (dos imperadores)
Séculos XII- XIII	Personificação da Cristandade por 250 anos (fim do século XI – início do XIV)
Séculos XII- XIII	Nossa Senhora (honrada pela cavalaria cristã e exaltada nas grandes catedrais românicas e góticas a Ela dedicadas)
Séculos XII- XIII	A Misericordiosa ou a Senhora do Grande manto, que protege os míseros, sejam eles pecadores ou pobres
Séculos XII- XIII	Paládio de diversas cidades (Siena, Strasbourg, Veneza, Milão, Gênova)
Séculos XII- XIII	A Conquistadora da época das Cruzadas e da Reconquista Espanhola
Séculos XIV-XV	Em majestade (símbolo do corpo civil dos cidadãos livres)
Séculos XVI-XVIII	Auxílio dos cristãos (das nações do Ocidente, em face das ameaças de

¹⁵³ Hino Acatístico em nome da Mãe de Deus. Catedral Santa Teresa, Caxias do Sul, RS.

¹⁵⁴ BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 272-273.

¹⁵⁵ A ortodoxia (*ortho doxa, ortho-doxia*) significa a opinião reta, designa a conformidade às doutrinas da Igreja e se aplica fundamentalmente à profissão de fé cristã, por oposição à heterodoxia ou à heresia; mas *doxa* significa também boa opinião ou glória, e o termo foi reinterpretado de maneira a insistir no caráter doxológico da fé ortodoxa, seu caráter de glorificação justa. Esta fé é da comunhão das Igrejas ortodoxas ou, num segundo sentido, da ortodoxia. A ortodoxia compreende assim um conjunto de Igrejas principalmente calcedonianas, mas também pré-calcedonianas, reunidas sob o apelo geral de Igreja ortodoxa. LACOSTE, Jean-Yves (Dir). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 1299.

	invasão do Oriente Islâmico - Lepanto)
Séculos XVI-XVIII	Patrona dos reinos católicos (consagração dos diversos reinos: Polônia, França e Portugal)
Séculos XVI-XVIII	Capitã dos exércitos católicos contra os protestantes e também das forças armadas da América Latina e do Caribe
Séculos XVI-XVIII	Conquistadora, em relação às novas terras “descobertas”: visão dos capitães espanhóis
Séculos XVI-XVIII	Libertadora, no evento Guadalupe e nas insurreições indígenas
Séculos XIX-XX	Baluarto do papado e de seus direitos, até mesmo temporais (Estados pontifícios)
Séculos XIX-XX	Padroeira das novas nações livres (títulos marianos nacionais: Aparecida, Luján, Carmo, Mercês, etc)
Séculos XIX-XX	Auxiliadora da Igreja e dos cristãos em face dos desafios das sociedades modernas: racionalismo, materialismo, anticlericalismo.
Séculos XIX-XX	Rainha da Paz, no contexto das contínuas ameaças de guerra, especialmente da guerra atômica
Século XX	Mulher Profética e Libertadora, na Teologia da Libertação
Séculos XX	Modelo de Mulher, na Teologia Feminista
Séculos XX	Mãe e Guardiã da Vida, nos movimentos ecológicos

Tabela 4- Características de Maria através do tempo.

A Virgem, no curso da história, além da figura doce e humilde, apresentou uma face forte e combativa, anterior à idade burguesa. “A tradição mariológica, porém, já tinha visto a Virgem de Nazaré como herdeira superior das mulheres libertadoras do Antigo Testamento, tais como Débora, Judite e Ester.”¹⁵⁶ Outros títulos, no entanto, ilustram a *Virgo pugnatrix* (Virgem combatente). São combativos e guerreiros, aplicados por escritores eclesiásticos à Virgem Maria.¹⁵⁷

<i>ACIES CASTRORUM</i>	Linha de batalha
<i>BELLATRIX</i>	Guerreira
<i>CASTELLUM</i>	Fortaleza
<i>CASTRUM</i>	Acampamento
<i>CASTRUM</i>	Praça forte
<i>CONCULCATRIX HOSTIUM</i>	Esmagadora dos inimigos

¹⁵⁶ BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 274-275.

¹⁵⁷ Conforme Hipólito Marracci na obra *Polyanthea mariana*, publicada em 1683. BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 275.

<i>DUCTRIX</i>	Capitã, condutora
<i>EREPTRIX</i>	Raptadora, espoliadora
<i>ESTER, JAEL, JUDITE</i>	Ester, Jael, Judite
<i>EXERCITUS DEI</i>	Exército de Deus
<i>MALLEUS</i>	Martelo, marreta
<i>PRAESIDIUM</i>	Guarnição
<i>VINDEX INNOCENTIUM</i>	Vingadora dos inocentes

Tabela 5- Características de Maria como a *Virgo pugnatrix*.

A imagem da Virgem guerreira, portanto, também pertence à história mariana, tanto, que as vezes chegou a ser representada com a armadura de cavaleiro. É uma imagem que embora tenha perdido vigor não desapareceu por completo. A própria Congregação Mariana, fundada pelos jesuítas no século XVI e que se disseminou mundo afora, “tinha uma espiritualidade mariana marcada por inegáveis traços combativos”.¹⁵⁸

Mais uma vez, as representações inspiradas na Mulher do Apocalipse mostram, na época moderna, Maria como a *Virgo dulcis et serena e potens et militans*, ao submeter o Dragão debaixo dos seus pés. Note-se, com atenção especial, o tipo iconográfico a ser formado no século XVII.

No fim do século XVI, quando a Cristandade enfrentava a potência turca, põe-se o Dragão debaixo dos pés da Virgem, ficando a meia-lua da imagem, ligada à meia-lua islâmica. Já no século XVII fixa-se o tipo iconográfico definitivo tal como conhecemos: Maria jovem, radiante de sol, coroada de estrelas, com o globo sob os pés, no qual se enrola uma serpente, cuja cabeça é esmagada pela Virgem com um pé, enquanto o outro se apoia sobre a meia-lua.¹⁵⁹

De igual modo, ao examinarmos a “Ladainha Lauretana de Nossa Senhora”, uma das mais conhecidas e difundidas no mundo católico, veremos que, ao longo do tempo, diversos formulários de ladainhas precederam aquele esquema.¹⁶⁰ É opinião comum que a Ladainha de Maria deriva da dos santos, cujo primeiro testemunho encontra-se no século V, num texto

¹⁵⁸ BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 277.

¹⁵⁹ BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 279.

¹⁶⁰ Ladainha significa oração de súplica, cuja característica principal é um elemento repetitivo (*ora pro nobilis*). Existem ladainhas de diversos tipos. Para mais detalhes ver BASADONNA, Giorgio. SANTARELLI, Guiseppe. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola, 2000.

grego da Ásia Menor, e cujo esquema-base é do século VII, que foi se ampliando sem cessar com o contínuo acréscimo de novos nomes de santos. Assim também ocorreu com a de Maria. Na primeira seção da ladainha dos santos, depois de certas invocações dirigidas a Deus, algumas se encaminhavam a Nossa Senhora e estava em primeiro lugar a invocação *Sancta Maria, ora pro nobilis*. Acrescentaram-se no século X *Sancta Dei Genitrix* (Santa Mãe de Deus) e *Sancta Virgo virginum* (Santa Virgem das virgens). Com o passar do tempo, outros títulos e louvores de conteúdo mariano foram acrescentados.

Os “materiais”, por assim dizer, da série desses títulos e louvores foram tirados da homilética e da hinologia, sobretudo orientais. Entre os textos latinos, citam-se como fontes as chamadas *laudes marianae*, composições poéticas medievais de versos breves e incisivos, as vezes rimados e quase sempre ritmados. As *laudes* são muito numerosas e floresceram notavelmente nos séculos X-XI. Logo abaixo, apresentamos um exemplo do século XI, que com sua estrutura breve e concisa, apresentava-se como uma espécie de Ladainha Mariana, embora sem o *ora pro nobis*.¹⁶¹ Alguns destes títulos podem ser encontrados nos versos em honra e glória da Santíssima, que foram escritos por Sor Juana.

<i>MATER MISERICORDIAE</i>	Mãe de misericórdia
<i>STIRPIS PUELLA REGIAE</i>	Menina de estirpe régia
<i>SEDES SAPIENTIAE</i>	Sede da sabedoria
<i>VIA POENITENTIAE</i>	Caminho da penitência
<i>DOMUS PUDICITIAE</i>	Casa da castidade
<i>JANUA CAELESTIUM</i>	Porta do céu
<i>VAS SPIRITUALE</i>	Vaso espiritual

Tabela 6-Características nas *laudes*, século XI, uma espécie de ladainha mariana.

Várias edições da Ladainha Lauretana foram impressas ao longo do tempo, sendo que apenas no século XVI, foi reimpressa umas vinte vezes, o que denota sua grande difusão, favorecida pelos peregrinos que visitavam a Casa Santa, provenientes de todos os cantos da Europa. Eles retornavam a seus “países” e ajudavam a torná-la conhecida. A língua latina, então oficial na Igreja Católica e usada em todo o lugar, favorecia sua universalização. Com o tempo e, principalmente com a reforma tridentina, as ladainhas modernas (*novae*), de

¹⁶¹ BASADONNA, Giorgio. SANTARELLI, Guiseppe. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 15-16.

conteúdo exclusivamente escriturístico, e as bíblicas (*antiquae*), sofreram uma reviravolta histórica com o decreto *Quoniam multi* de 1601, publicado por Clemente VIII (1536-1605), que tentou restringir a proliferação de fórmulas do gênero ladainha em geral, não só marianas.

O decreto afirmava que os que quisessem publicar outras ladainhas ou recitar ladainhas já publicadas nas igrejas, nos oratórios ou durante as procissões deveriam enviá-las à Congregação dos Ritos para a aprovação e, se necessário, para a correção. Determinava, inclusive, que ninguém tivesse a ousadia de publicá-las ou recitá-las publicamente sob pena de incorrer em graves sanções – além de que em pecado – a juízo do Ordinário e do Inquisidor. A proibição permaneceu em vigor praticamente até nossos dias.¹⁶² A seguir, parte do texto latino da Ladainha Lauretana, com algumas invocações de Maria.¹⁶³

<i>MATER CHRISTI</i>	Mãe de Cristo
<i>MATER INTEMERATA</i>	Mãe imaculada
<i>VIRGO PRUDENTÍSSIMA</i>	Virgem prudente
<i>VIRGO POTENS</i>	Virgem poderosa
<i>VIRGO CLEMENS</i>	Virgem clemente
<i>SPECULUM IUSTITIAE</i>	Espelho de perfeição
<i>SEDES SAPIENTIAE</i>	Sede da sabedoria
<i>CAUSA NOSTRAE LAETITIAE</i>	Fonte da nossa alegria
<i>VAS SPIRITUALE</i>	Vaso espiritual
<i>VAS HONORABILE</i>	Tabernáculo da eterna glória
<i>ROSA MYSTICA</i>	Rosa mística
<i>TURRIS DAVIDICA</i>	Torre da santa cidade de Davi
<i>TURRIS EBÚRNEA</i>	Fortaleza inexpugnável
<i>JANULA COELI</i>	Porta do céu
<i>STELLA MATUTINA</i>	Estrela da manhã
<i>REFUGIUM PECCATORUM</i>	Refugio dos pecadores
<i>REGINA ANGELORUM</i>	Rainha dos anjos
<i>REGINA PATRIARCARUM</i>	Rainha dos patriarcas

¹⁶² BASADONNA, Giorgio. SANTARELLI, Guiseppe. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 26-28.

¹⁶³ BASADONNA, Giorgio. SANTARELLI, Guiseppe. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 49-51.

<i>REGINA APOSTOLORUM</i>	Rainha dos apóstolos
---------------------------	----------------------

Tabela 7-Características de Maria na Ladainha Lauretana.

As invocações da Ladainha Lauretana, portanto, são frutos de séculos de tentativas no sentido de espelhar uma compreensão da figura de Maria e apresentam, como se pode perceber, uma grande diversidade de inclinações e reflexões. Por outro lado, o século XVI também foi o século da Reforma Protestante, que ao centrar-se na salvação em Cristo, promoveu corte radical na devoção dos santos e de Maria. “Em reação, a Contrarreforma católica, retomou com vigor a figura de Maria, em contexto polêmico. Fortaleceu o culto separado da pessoa de Jesus”.¹⁶⁴ Foi quando surgiu o primeiro tratado mariano elaborado por Francisco Suarez (1584) e o termo “mariologia” que foi cunhado por Plácido Nígido, em 1602.

Foi ainda, a partir do século XVI que se criou a Mariologia dos privilégios.¹⁶⁵ Mais tarde, com o crescimento da razão moderna antirreligiosa e antieclesiástica, cresceu a Mariologia devocional, de cunho mais afetivo, onde se misturaram elementos simbólicos e racionais. A proclamação dos dogmas da Imaculada Conceição (1854) e da Assunção (1950), aumentaram ainda mais a euforia mariana e, no início de 1960 novos dogmas estavam sendo preparados: o de Medianeira de todas as graças e co-redentora. O Concílio Vaticano II (1962-1965), porém, colocou em segundo lugar as devoções e Maria no capítulo VIII do documento *Lumen Gentium*, situando-a no Mistério de Cristo e da Igreja.

3.4 A Questão das definições dogmáticas de Maria

A questão dos dogmas marianos, segundo Clara Temporelli, é bastante delicada do ponto de vista ecumênico e teologicamente desafiadora já que “nos convida a esquadrihar a Palavra de Deus e a Tradição e a descobrir o impacto da revelação nos diferentes séculos, em cada um de nós e nas diferentes realidades sociais”.¹⁶⁶ O conceito de dogma¹⁶⁷ foi

¹⁶⁴ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 18.

¹⁶⁵ “Tratava-se de mostrar tudo que Deus concedeu a Maria, que a faz ser melhor do que os outros seres humanos. De acordo com a escolástica, faz-se uso do método dedutivo e do silogismo, acrescidos de argumentos de conveniência. Eles funcionavam assim: “Deus podia; convinha que fizesse; logo, fez”. Por exemplo: Deus, que é todo-poderoso, podia criar uma filha que não fosse manchada pelo pecado original. Ora, convinha que ele fizesse isso em vista da obra redentora de Cristo. Então, Deus concedeu a Maria o privilégio da Imaculada Conceição.” MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 18.

¹⁶⁶ TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*. São Paulo, Paulus, 2010, p. 9.

estabelecido durante o Concílio Vaticano I (1870), em busca de “garantir a continuidade entre a pregação da Igreja pós-tridentina e a Igreja das origens e combater a mentalidade racionalista que ameaçava subordinar a transcendência da fé ao predomínio da razão humana”.¹⁶⁸ Suas origens mais remotas se encontram na Igreja primitiva, na convocação do Concílio de Jerusalém devido ao conflito entre judaizantes e não judaizantes, enviando às outras Igrejas o seguinte parecer: “Decidimos, o Espírito santo e nós...” (At 15,28). O dogma seria, pois, o parecer do “Espírito Santo e o nosso”, dos apóstolos responsáveis pela comunidade para assegurar a unidade da fé dessa comunidade em função da verdade salvadora do evangelho. No entanto, a Mariologia que vem se desenvolvendo paralelamente à Cristologia e à Eclesiologia, chegou aos últimos séculos com afirmações dogmáticas que muitos especialistas consideram audazes e sem precedentes, embora não se possa esquecer que os dogmas marianos foram formulados com palavras e categorias teológicas do seu tempo e do momento teológico vivido pela Igreja. Esses dogmas nasceram e evoluíram em estreita relação com a vida concreta da Igreja e da sociedade. Assim, por exemplo, seria necessário salientar o contexto político-ecclesiástico violento e tumultuado em Éfeso, quando se deu a definição do dogma da Maternidade Divina de Maria, em 431. Da mesma maneira, o dogma da Imaculada Conceição foi declarado num contexto social de tensão, onde a Igreja enfrentava a modernidade e suas vigorosas reivindicações.¹⁶⁹

Os dois primeiros dogmas marianos, portanto, foram formulados nos séculos iniciais do Cristianismo e estão relacionados com a Cristologia. O primeiro deles, o dogma “Maria, Mãe de Deus” tem base bíblica, pois todos os evangelhos afirmam, sem sombra de dúvida, que Maria de Nazaré é a Mãe de Jesus. No entanto, é verdade que os evangelistas pareciam valorizar muito mais algumas características especiais de Maria como “a perfeita discípula que ouve, medita e frutifica a Palavra; a peregrina na fé; a mulher perseverante no amor de Jesus até a cruz, a guia e mãe da comunidade”. Assim, “o único versículo que ressalta a

¹⁶⁷ O Concílio Vaticano I, sem utilizar diretamente o conceito, definiu o dogma como um enunciado contido na palavra de Deus e posto pelo magistério ordinário e universal da igreja como o que se deve crer. “Acrescentamos que se deve crer de fé divina e católica tudo o que está contido na palavra de Deus, escrita e transmitida pela Tradição, e que a Igreja propõe a crer como divinamente revelado, seja por um julgamento solene, seja por seu magistério ordinário e universal” (DS 3011). O mesmo concílio apresentou a infalibilidade pontifícia, cuja doutrina estabelece, como um “dogma revelado por Deus” (DS 3073). Com isso, o conceito passou definitivamente para o uso oficial da Igreja. LACOSTE, Jean-Yves (Dir). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 570.

¹⁶⁸ TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*. São Paulo, Paulus, 2010, p. 10.

¹⁶⁹ TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*. São Paulo, Paulus, 2010, p. 9-10.

maternidade de Maria está na saudação de Isabel: Como mereço que a mãe do meu Senhor venha me visitar? (Lc, 1,43)”.¹⁷⁰

Orígenes, Basílio e Epifânio usaram a palavra grega *Theotókos*, que significa a parturiente de Deus. O dogma da Maternidade surgiu em meio a discussões sobre a pessoa de Jesus, e acabou por levar um bispo de nome Nestório e seus companheiros da Igreja de Antioquia a defender que a humanidade e a divindade de Jesus eram realidades distintas e separadas, afirmações estas que provocaram fortes polêmicas e reações. A problemática foi resolvida, em parte, no Concílio de Éfeso, em 431, que afirmou a unidade da pessoa de Jesus. Mais tarde, em 451, o Concílio de Calcedônia resgatou a contribuição de Nestório invocando Maria como a Mãe de Deus segundo a humanidade, mãe do Filho de Deus encarnado. No sentido teológico, Maria não se tornou deusa nem entrou na Trindade como quarta pessoa, nem tão pouco foi considerada a face humana do Espírito Santo. Em relação ao Deus Filho, é mãe, educadora e discípula. O dogma da Maternidade foi aquele que encontrou maior consenso entre as Igrejas cristãs devido à base bíblica e por ter sido formulado num concílio dos primeiros séculos, embora houvesse controvérsia com o que os católicos chamavam de maternidade espiritual.¹⁷¹

O segundo dogma foi o de Maria Virgem. Durante muitos séculos Maria foi associada à virgindade. Os evangelhos de Lucas e Mateus narram que a concepção de Jesus foi obra do Espírito Santo, sem a participação de ser humano do sexo masculino. O Credo cristão¹⁷² elaborado nos primeiros séculos, assim também o afirma. “Tal identificação entre Maria e virgindade foi tão forte no Catolicismo que nos países de língua espanhola Maria é tradicionalmente chamada de ‘A Virgem’”.¹⁷³ No entanto, o dogma da Virgindade é bastante polêmico.

Vários pesquisadores da história e da antropologia mostraram que a imagem da Virgem Maria foi usada como modelo ideal da mulher na sociedade patriarcal e sexista para fortalecer o poder masculino. Tal estereótipo reduziu a mulher a duas alternativas: ser mãe, restar confinada ao espaço da casa e estar voltada unicamente para satisfazer ao marido e cuidar dos filhos; ou ser virgem consagrada. Além disso, ao se associar os dois dogmas,

¹⁷⁰ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 135.

¹⁷¹ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 135-146.

¹⁷² “e em Jesus Cristo, seu único Filho nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria” (Creio).

¹⁷³ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 150.

Maria Mãe e Virgem, se tornou um modelo inatingível para as mulheres concretas.¹⁷⁴

Para a medicina e a biologia, a concepção virginal é inexplicável até mesmo pelas três afirmativas que constituem o dogma, ou seja, que a concepção de Jesus se deu sem intervenção humana ou sexual, pela virgindade perpétua de Maria e pela virgindade no próprio parto, dogma este formulado no II Concílio de Constantinopla, em 553.¹⁷⁵

O terceiro e quarto dogma, o da Imaculada Conceição e o da Assunção são questionados quanto à sua legitimidade, por não apresentarem base bíblica concreta, nem terem sido proclamados em Concílio Ecumênico. O Cristianismo Católico viveu sem eles por dezenove séculos, embora a definição dogmática apenas tenha confirmado aquilo que já era aceito por boa parte dos católicos. Resta acrescentar que após a proclamação de um dogma, é impossível voltar atrás. Atualmente são então reinterpretados através da “Tradição viva da Igreja, dos avanços da reflexão teológica e da experiência cristã no mundo contemporâneo”. O fato é que, inclusive, na América Latina, estátuas barrocas da Conceição, vindas de Portugal e Espanha podiam ser encontradas já no tempo da colonização. Da mesma maneira, os *villancicos* compostos por Sor Juana para serem cantados na Igreja Metropolitana do México ou na Catedral de Puebla, em honra de Maria Santíssima, nas festividades da Assunção e da Conceição, em pleno século XVII, são parte e comprovam essa aceitação e exaltação em tempo anterior à proclamação oficial dos dogmas.

Para os protestantes e ortodoxos, no entanto, o dogma da Imaculada Conceição chegava a ferir o princípio cristão de todos sermos considerados pecadores. Os Reformadores não aceitavam, inclusive, a invocação dos santos em busca de suas orações e favores, porque não haveria amparo das escrituras para esta prática, bem como diminuiria a mediação de Cristo. Os dirigentes teológicos da Reforma, porém, não se voltaram contra os santos ou Maria em si mesmos. “Lutero, por exemplo, escreveu comoventemente sobre a comunidade dos santos e alguns comentários sobre o *Magnificat* no qual Maria é descrita como mulher de fé e o maior exemplo da graça de Deus”.¹⁷⁶

¹⁷⁴ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 150.

¹⁷⁵ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 150-152.

¹⁷⁶ FIORENZA, Francis S. GALVIN, John, P. *Teologia Sistemática: perspectivas católico-romanas*, vol II. São Paulo: Paulus, 1997, p. 208.

Maria não diz que vão falar muito bem dela, elogiar sua virtude, exaltar sua virgindade ou humildade ou, talvez, cantar um hino para engrandecer seu feito. Pelo contrário, falarão somente do fato de Deus ter posto os olhos nela. Será dito que ela é bem-aventurada por causa disso. Isso significa dar glória a Deus da maneira mais pura possível. Por isso Maria aponta para o contemplar e diz: “Eis que de agora em diante me dirão bem-aventurada, etc.” Isto é, a partir do momento em que Deus contemplou minha nulidade, serei declarada bem-aventurada. Com isso não se louva Maria, mas a graça de Deus para com ela.¹⁷⁷

Essas discussões, é claro, não eram recentes. Desde os primeiros séculos do Cristianismo surgira o paralelismo entre Maria e Eva, uma virgem desobediente e a outra obediente, uma abrindo as portas da vida e a outra as portas da morte. Na época, tinha lugar a famosa discussão entre Pelágio e Agostinho, em pleno século V. Pelágio entendia que o ser humano poderia salvar-se por seu próprio esforço e Agostinho, baseado em São Paulo e na sua própria experiência da luta do bem contra o mal, sustentava que a humanidade estaria marcada pelo Pecado Original de Adão¹⁷⁸, necessitando da salvação de Cristo, através da graça, ou seja, “como pelo pecado de um só homem caímos em tão deplorável miséria, assim pela graça de um só homem, que ao mesmo tempo é Deus, chegaremos à posse de nosso soberano bem”.¹⁷⁹

Pelo que sabemos, inclusive, o século VIII já vira nascer no Oriente a festa da Conceição de Maria, celebrada como devoção no dia 9 de dezembro, o que no século seguinte foi introduzida na Itália e posteriormente no Ocidente, espalhando-se para a França, Espanha e a Itália de tradição ocidental. Tais questões suscitaram discussões teológicas que acabaram por se polarizar em duas escolas de pensamento, a dos maculistas (dominicanos) e a dos imaculistas (franciscanos). Segundo os maculistas, Maria teria sido purificada do Pecado Original durante a gestação; para os imaculistas, no momento da concepção.

Tempos depois, o franciscano João Duns Scotus (1265-1308) criou a expressão “pré-redenção” e considerou que a graça de Cristo teria atuado de forma preventiva em Maria. No correr dos séculos, cresceu a devoção à Imaculada Conceição, especialmente promovida pelas Ordens religiosas. Espalhou-se pelas dioceses a prática do Ofício e da Missa da Imaculada, mesmo sem a aprovação do Vaticano. No século XV dois documentos eclesiais a favor da

¹⁷⁷ LUTERO, Martim. *O Louvor de Maria*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 51.

¹⁷⁸ A expressão “pecado” original foi criada por Agostinho para designar aquele pecado que “entrou no mundo” pela falta de Adão e que afeta todo homem pelo fato mesmo de nascer; é o que se chamará mais tarde de pecado original “originado”, por oposição ao pecado original “originante” do próprio Adão. A análise teológica dele está sempre ligada a uma reflexão sobre o livre-arbítrio, a graça e a concupiscência (ou cobiça). LACOSTE, Jean-Yves (Dir). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004, 1370.

¹⁷⁹ AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Petrópolis, VOZES, 2002, p. 505.

Imaculada se apresentariam, “o do confuso Concílio de Basileia (1431-1449) e a constituição apostólica de Sisto IV em 1447”.¹⁸⁰

No século XVI, Lutero rejeita a visão medieval da remissão dos pecados, baseada em méritos e ritos religiosos. Enfatiza que a justificação vem somente pela fé em Cristo. Lutero leva ao extremo a visão de Agostinho, ao defender que o ser humano está definitivamente marcado pela força do mal, a ponto de comprometer sua consciência. Somente a entrega nas mãos de Jesus pode libertá-lo. O justo vive da fé, não das suas obras!¹⁸¹

Em compensação, o Concílio de Trento acabou por rebater as teses de Lutero em 1547 e, nos séculos seguintes, a Contrarreforma e a reação à Modernidade que começava a despontar foram marcadas, como já vimos, por uma euforia mariana na Igreja Católica, que enaltecia cada vez mais os privilégios de Maria. Em 1854 o dogma da Imaculada Conceição foi proclamado pelo papa Pio IX com a bula *Inefabilis Deus*. Em 1950, por sua vez, coube ao papa Pio XII proclamar o dogma da Assunção através da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*,¹⁸² que não entrou em detalhes se Maria havia mesmo morrido ou não. É fato que, embora nos primeiros séculos houvesse todo um cuidado em guardar os restos mortais dos santos, não existem notícias sobre o corpo de Maria e até o final do século IV, existiam apenas referências à festa devocional da “dormição de Maria” e do túmulo vazio em uma capelinha de Jerusalém. Alguns Pais da Igreja falavam em glorificação ou exaltação, mas eram testemunhos isolados.¹⁸³

Dessa maneira, os dois primeiros dogmas, o da Maternidade e o da Virgindade, pertencem à Antiguidade, aos primórdios do Cristianismo, são inseparáveis entre si e basicamente cristológicos, porque vinculados à Cristo, na sua formulação histórico-dogmática. Os dois últimos, o da Imaculada Conceição e o da Assunção aos céus de corpo e

¹⁸⁰ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 163-164.

¹⁸¹ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 164.

¹⁸² Definição solene do dogma: “pelo que, depois de termos dirigido a Deus repetidas súplicas, e de termos invocado a paz do Espírito de verdade, para glória de Deus onipotente que à virgem Maria concedeu a sua especial benevolência, para honra do seu filho, Rei imortal dos séculos e triunfador do pecado e da morte, para aumento da glória da sua augusta mãe, e para gozo e júbilo de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos s. Pedro e s. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial”. Constituição Apostólica do Papa Pio XII, *Munificentissimus Deus*, “dado em Roma, junto de São Pedro, no ano do jubileu maior, de 1950, no dia 1º de novembro, festa de todos os santos, no ano XII do nosso pontificado”.

¹⁸³ MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012, p. 181-182.

alma, ocorrem num novo contexto, onde o caminho da vida cristã e o destino do ser humano são exemplificados no caminho para o Plano de Salvação de Deus. Maria é uma peça-chave da história e da fé cristã e, embora, não conheçamos verdadeiramente seu rosto, ele pode ser imaginado e retratado pelos inúmeros filhos que anseiam, através da fé, por aproximar-se da sua Mãe e protetora.

3.5 A Imaculada Conceição e a Assunção de Maria na documentação mariana dos concílios ecumênicos e papais

A história da Igreja assistiu até o momento, a procissão de 266 Papas contados a partir de São Pedro, o Príncipe dos Apóstolos. Uma documentação emitida pelos sumos Pontífices acerca de Maria é apresentada, em ordem cronológica de publicação, num extenso trabalho desenvolvido pelo padre Hilário Marin,¹⁸⁴ que elucida serem tais documentos por ele transcritos, em parte, no seu livro, inicialmente, de duas classes. A primeira, diretamente doutriniais, como encíclicas, bulas, breves, epístolas e outras. A segunda, indiretamente doutriniais como orações e práticas piedosas em honra da Virgem Santíssima. Examinamos a referida documentação sintetizada no livro do padre Marin, desde o seu início até o tempo do papa Inocêncio XII, que exerceu esta função de 1691 a 1700, pelo fato de Sor Juana ter morrido em 1695. Dessa maneira, foi possível refletir sobre algumas invocações e características de Maria atribuídas por Sor Juana e que, naturalmente, fazem parte desses documentos. É interessante lembrar que o contexto dos papas e dos concílios sofreu influências de questões políticas, sociais e religiosas, motivando, muitas vezes, determinações mais rígidas e até mesmo sérios enfrentamentos.

No que se refere aos papas na história da Igreja, então, nos deparamos, inicialmente com São Lino que exerceu seu papado desde o ano de 67 até 76, logo após São Pedro. Este papa teria sido o responsável pela obrigação, para as mulheres, de entrarem na Igreja cobrindo a cabeça com um véu.¹⁸⁵ Ao papa São Calisto I (217-222) deve-se a “construção da primeira igreja dedicada Nossa Senhora; Santa Maria *in Trastevere*”.¹⁸⁶ É dito, também, que o papa São Libério (352-366) durante o seu pontificado e, segundo reza a tradição, após uma visão da

¹⁸⁴ A referida documentação está compilada na seguinte obra: MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Católica S. A., 1954. Cabe salientar que o livro foi publicado em 1954, sob o papado de Pio XII, que havia proclamado o dogma da Assunção em 1950. A apresentação do trabalho, inclusive, é datada de 15 de agosto de 1954, *Zaragoza*, durante a festividade da Assunção da Virgem Santíssima aos céus (p.XXV).

¹⁸⁵ MONGE, Roberto (coord. e prefácio). *Papas*. Porto: Fubu, 2005, p. 14.

¹⁸⁶ MONGE, Roberto (coord. e prefácio). *Papas*. Porto: Fubu, 2005, p. 42.

Virgem, mandou “construir uma grande basílica, que a Mãe de Deus lhe tinha pedido para erigir em sua honra. Concluída, posteriormente, por João I, foi consagrada no ano de 533 como basílica Liberiana, atual Santa Maria Maior, a indicar que, de todas as igrejas dedicadas à Virgem, esta ocupava o primeiro lugar”.¹⁸⁷

À época de São Sirício (384-398), o primeiro dos pontífices a usar o nome de “papa”, um homem bastante zeloso da disciplina eclesiástica e muito firme contra os heréticos, chegou a escrever numa epístola ao bispo de Tessalônia, Anísio, sobre a virgindade de Maria: “ não podemos, por certo negar que haveis repreendido com razão aos que falavam dos filhos de Maria”, pois “o Senhor Jesus não havia escolhido nascer da virgem se a houvera tido por tão incontinente que se haveria de manchar com sêmen humano”, pois quem essas coisas inventa “não faz mais do que forjar o que a perfídia judia trama dizendo que não pode nascer de virgem”.

São Celestino I (422-432) foi um dos papas mais famosos. No seu tempo ocorreu o Concílio de Éfeso (junho-agosto, 431) onde foram condenadas as doutrinas de Nestório, que afirmavam ter Cristo duas naturezas, uma humana e outra divina bem como recusava-se a considerar a Virgem Santíssima como Mãe do Filho de Deus. O Concílio, que teve antes de tudo uma definição cristológica, foi também imediata e diretamente uma definição mariana, uma vez que a contenda doutrinal que havia provocado o evento teve sua origem em uma afirmativa concreta relativa à Virgem. Assim, conforme a epístola II de São Cirilo a Nestório lida e aprovada no Concílio “os Santos Padres se atreveram a chamar Mãe de Deus à santa Virgem”.

São Sixto III (432-440) merece um lugar de honra entre os pontífices marianos, por sua confirmação do Concílio de Éfeso e pelo esplendor que deu à basílica de Santa Maria Maior. Conforme a Fórmula de união aprovada por este papa, “confessamos que a santa Virgem é Mãe de Deus”. São Leão I, numa epístola enviada ao imperador Leão alerta para que “seja anatematizado, pois, Nestório, acreditou que a virgem Maria havia sido apenas a Mãe do homem, não de Deus”.¹⁸⁸ Em alguns dos seus sermões, ressaltou que “nenhuma mãe concebe sem a mancha do pecado, que depois passa para sua descendência, mas onde não houve intervenção paterna na concepção, não houve pecado”, e que “com os mesmos

¹⁸⁷ MONGE, Roberto (coord. e prefácio). *Papas*. Porto: Fubu, 2005, p.82.

¹⁸⁸ Msi VI 351,354. Epístola de São Leão M. ao imperador Leão. Cf. Pio XI. *Lux veritatis*, n. 623. MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 14.

sentimentos com que nasceu Cristo das entranhas de uma mãe virgem, assim renasce o cristão do seio da santa igreja”.¹⁸⁹

Na epístola do papa Honório I (625-638) a Sérgio, patriarca constantinopolitano podia-se ler “porque concebido do Espírito Santo sem pecado, também foi dado à luz sem pecado pela santa e imaculada virgem Mãe de Deus, sem experimentar contágio algum da viciada natureza” e, quando presidiu o IV Concílio de Toledo “concebido sem sêmen, saiu sem corromper a Virgem, o Deus que se encarnou por nós”.¹⁹⁰ O referido papa mandou ler a profissão de fé composta pelo imperador Heráclito como reação aos hereges, onde fala sobre as duas natividades do mesmo Deus verbo “uma antes dos tempos, do Pai sem tempo e incorporal, a outra, do mesmo nos próximos dias da santa e intacta Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, com seu corpo animado e intelectual”. O papa Teodoro I (642-649) teria sido quem instituiu em Roma, a festa da Assunção.

No IV Concílio Ecumênico (680-681) convocado por São Agatão (678-681) na X reunião aceitou-se a seguinte profissão de fé: “desceu do céu e se encarnou do Espírito Santo e da santa gloriosa Senhora nossa, Mãe de Deus e sempre virgem Maria a qual confesso *Theotókos*, isto é, própria e verdadeiramente Mãe de Deus”. O papa Sergio I (687-701), sírio de origem, ordenou que nos dias da Anunciação, Natividade, Assunção e Purificação se celebrassem as procissões romanas a Santa Maria a Maior. No II Concílio Niceno, VII Ecumênico, no pontificado de Adriano I (772-795) numa epístola do patriarca de Constantinopla pode-se ler: “pois a veneramos como a própria e verdadeira Mãe de Deus e a engrandecemos e julgamos superior a toda criatura visível e invisível”.¹⁹¹ Sob papa Eugênio IV (1431-1447) a Bula *Cantate Domino* de 4 de fevereiro de 1441, propõe dogmas de fé para a concórdia dos jacobitas do Egito, quando diz que “Santa Maria sempre virgem era não só *Christotókos*, como também *Theotókos*, isto é, não apenas mãe do homem como Mãe de Deus”.¹⁹²

¹⁸⁹ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 14-18.

¹⁹⁰ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 22.

¹⁹¹ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 35.

¹⁹² MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 70.

Importante salientar que esta foi uma época em que os papas estavam preocupados com doutrinas que eram por eles identificadas como heresias ¹⁹³ em relação à Igreja Católica, e onde os concílios, ou seja, as assembleias dos assim considerados representantes legítimos da instituição se reuniam para deliberar ou estatuir em matéria de unidade, fé e organização eclesiástica. O concílio entendia possuir a consciência de falar por todos os demais membros da Igreja diante da assistência do Espírito Santo.

Dessa maneira, tivemos também o papa São Gregório II (715-731) que acabou por obter como maior infortúnio do seu pontificado a perseguição iconoclasta suscitada por Leão Isaurico, imperador do Oriente, que proibia o culto das imagens sagradas e ordenava a sua destruição e queima (iconoclastia). O papa, na sua Epístola I de 726 ao imperador Isaurico escreve que “nós mesmos, ao entrar na igreja e contemplar as pinturas dos milagres do Senhor Jesus e de sua santa Mãe, que tem em seus braços mamando o Senhor e Deus nosso [...] nos retiramos, não sem pesar [...]”. São Gregório III (731-741) no II Concílio Romano II de 732, diz que “se alguém adiante, depreciando aos que observam o uso fiel dos antigos costumes e da Igreja apostólica, contra a mesma veneração das sagradas imagens, de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo”, incluindo Maria “e de sua mãe sempre virgem imaculada e gloriosa Maria [...] as remover e destruir e profanar e blasfemar, seja privado do corpo e do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo”. ¹⁹⁴

Na segunda reunião do Concílio Niceno II, VII Ecumênico contra os iconoclastas, na epístola do papa Adriano I (772-795) pode-se ler: “oh! Loucura dos que se enfurecem contra a fé e religião cristã dizendo que não reverenciem e venerem as imagens nas quais aparecem as efigies do Salvador e da sua Mãe!”. O papa Adriano II (867-872) no Concílio Constantinopolitano IV (869-870), Ecumênico VIII contra Fócio, na VII reunião decretava que “as imagens sagradas de nosso Senhor Jesus Cristo e da sempre virgem Mãe de Deus [...] sejam íntegra e santamente veneradas, como antigamente recebeu a Igreja por todo o orbe da terra”. ¹⁹⁵ No II Sermão do papa Inocêncio III (1198-1216), sobre o nascimento do Senhor, ressalta o papa que “uma coisa nova foi feita na mãe, porque uma virgem deu à luz um

¹⁹³ No sentido tradicional, tal como define o direito canônico católico, a heresia consiste num batizado negar ou colocar em dúvida obstinadamente determinada verdade de fé, distinguindo-se do cisma, no qual o crente recusa a comunhão com o papa ou outros membros da Igreja Católica e da apostasia, que é a rejeição total da fé. LACOSTE, Jean-Yves (Dir). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 815.

¹⁹⁴ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Católica S. A., 1954, p. 30-32.

¹⁹⁵ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Católica S. A., 1954, p. 34-42.

homem, uma estrela produziu um sol, uma filha concebeu a seu pai, uma criatura gerou o Criador”.¹⁹⁶

Sob o papa Nicolau IV (1288-1292) que edificou e consagrou, em 1290, um belo templo à Maria, Rainha dos anjos, e cuja Bula de 1288 diz que “esta é a mulher vestida de sol e sob cujos pés está a lua, que com sua virgindade fecunda nos gerou o Salvador”. Ainda falando de Maria, “Esta é aquela que, sendo mãe e virgem, teve a Deus por Filho, foi levada sobre os coros de anjos aos reinos celestiais, Esta é a Mãe de Cristo, nascida de regia prosápia”.¹⁹⁷ João XXII (1316-1334) difundiu na Igreja a devoção mariana do *Angelus* ao entardecer e concedeu 40 dias de indulgência a quem recitasse a antífona *Salve Regina*, que é como um hino oficial da realeza de Maria. Com ele “a santa mãe Igreja piedosamente crê e evidentemente supõe que a bem-aventurada Virgem foi assunta em alma e corpo”.¹⁹⁸

No II Concílio Niceno, VII Ecumênico contra os iconoclastas, na III reunião da epístola dirigida por Tarasio, patriarca de Constantinopla, a Antioquia e Alexandria, pode-se ler acerca da Virgem Maria: “suplicando as intercessões da santíssima e imaculada senhora nossa Mãe de Deus e sempre virgem”, assim como na profissão de fé adotada pela Igreja de Jerusalém que o concílio aprova: “se dignou a nascer da santa e imaculada senhora nossa Mãe de Deus”.¹⁹⁹

Em diversos sermões do papa Inocêncio III (1198-1216) podemos constatar várias invocações e características de Maria como: o castelo em que Jesus entrou onde o muro exterior é a virgindade do corpo e a torre interior é a humildade do coração; mãe do amor formoso e da santa esperança; a que ora pelos miseráveis, suplica pelos aflitos e intercede pelos pecadores; formosa como a lua, que por ser fria simboliza a virgindade e por ser úmida simboliza a humildade; eleita como o sol, escolhida para brilhar e acalentar, brilhar pela sabedoria e acalentar pela caridade; a virtude do Altíssimo a cobriu com sua sombra para dar-lhe a inteligência da sabedoria; aquele que se sente acometido pelo inimigo, dirija seu olhar para o exército posto em ordem de batalha e ore a Maria, para que ela, por seu Filho, envie seu auxílio; esperança do mundo, Virgem doce e serena; Imperatriz dos Anjos; a que amamentou de modo maravilhoso; Consoladora dos pecadores; Rainha do céu; não sejas inimiga minha;

¹⁹⁶ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, .48.

¹⁹⁷ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 60-61.

¹⁹⁸ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p 62.

guardiã do meu coração; rosa sem espinho; medicina dos pecadores.²⁰⁰ A partir de 1387, depois das teses de João de Montesono em Paris, começa a agitar-se e propagar-se cada vez mais o privilégio da Imaculada Conceição.²⁰¹

No Concílio de Basiléia, de 1439, sob o papa Eugênio IV (1431-1447) ficou decretado que a gloriosa Virgem Maria, assistida de graça singular “nunca esteve atualmente sujeita ao pecado original”, que sempre foi imune de toda culpa original e atual, santa e imaculada e que “a ninguém é lícito predicar ou ensinar o contrário”. Renovando a instituição acerca da celebração da sua santa conceição, no dia 8 de dezembro,

ordenamos que a mesma celebridade se há de festejar com os devidos louvores no mesmo dito dia em todas as igrejas, monastérios e conventos de religião cristã, sob o nome de *A Conceição* e que todos os fiéis que verdadeiramente arrependidos e confessados se fizerem presentes no mesmo dia à missa solene, concede este santo sínodo cem dias de indulgência; outros tantos, se às primeiras e segundas vésperas, e se ao sermão da festividade, cento e cinquenta dias.²⁰²

O papa Sixto IV (1471-1484) foi um grande apoiador da doutrina imaculista. Na Constituição *Cum praeexcelsa* de 28 de fevereiro de 1476, cita Maria como Rainha dos céus, caminho de misericórdia, amiga consoladora da linhagem humana, aquela que intercede ante o Rei, salientando a sua maravilhosa conceição. A Bula *Ea quae ex fidelium*, de 12 de maio de 1479, aprova o rosário da Santa Virgem e concede indulgências a sua reza. A Bula *Romanus Pontifex* de 8 de dezembro de 1479 erige na Basílica vaticana uma Capela dedicada à Conceição de Maria, outorgando graças espirituais. A primeira Constituição *Grave nimis* de 1481 é dirigida contra os predicadores que atacavam o ministério da conceição, em concreto o P. Bandello, e ousavam murmurar contra o papa Sixto IV que acabara de instituir a festa da Imaculada.²⁰³

A Igreja deve a Paulo III (1534-1549) a celebração do Concílio de Trento. Na Constituição *Breviarium Divini Officii* de 3 de julho de 1536, aprovando o breviário do cardeal Francisco de Quiñones, com os hinos correspondentes à Purificação, Anunciação,

¹⁹⁹ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 34-35.

²⁰⁰ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 51-56.

²⁰¹ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 63.

²⁰² MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p 67-68.

Visitação, Assunção, Natividade e Conceição de Santa Maria Virgem, onde podemos verificar as seguintes invocações e características de Maria: intercessora junto a Deus; *hermosa* como a lua, escolhida como o sol; elevada hoje ao céu; elevada sobre os coros de anjos aos reinos dos céus; subiu aos céus e reina com Cristo para sempre; nascida de estirpe régia, brilha; ajuda com suas orações a mente e o espírito; minha amiga entre as filhas de Adão; Imaculada Conceição; toda *hermosa* e sem mancha original; estrela do mar; ditosa porta do céu; tomando a Ave da boca de Gabriel, trocando o nome de Eva; desata as ataduras dos réus; dá visão aos cegos; a nós, livra das culpas; prepara-nos um caminho seguro; elevada por sobre as estrelas; amamentastes com teu sagrado peito; convertida em janelas do céu; porta do elevado Rei; a que a terra, o mar e o céu veneram adoram e glorificam; a que governa a tríplice máquina; a que a lua, o sol e todas as coisas servem no correr dos tempos; mar da graça, mãe de misericórdia.²⁰⁴

São Pio V (1566-1572) foi o artífice da vitória de Lepanto, motivo que o levou a instituir a festa de Nossa Senhora da Vitória. O papa que havia ordenado silêncio a Miguel Bayo acabou por condená-lo na Bula *Ex omnibus afflictionibus* de 1º de outubro de 1567: “nada, fora de Cristo está sem pecado original, logo a bem-aventurada Virgem morreu pelo pecado contraído por Adão e todas as aflições da sua vida, como também dos outros justos, foram castigos do pecado atual e original”. Essas sentenças escreveu o papa “as condenamos respectivamente por heréticas, errôneas, suspeitas, temerárias, escandalosas e ofensivas aos ouvidos piedosos”. Na Constituição *Super Speculam Domini*, de 30 de novembro de 1570, logo na introdução, apresenta “com dor o escândalo produzido pelas encarniçadas disputas sobre a conceição da gloriosa Virgem Maria”.²⁰⁵

Gregório XIII (1572-1585) modificou a festa de Nossa Senhora da Vitória que passou a chamar-se Nossa Senhora do Rosário e, na Bula *Monet Apostolus* de 1º de abril de 1573 ressaltou que “a armada turca em numero muito superior e ufanista por suas passadas vitórias, foi quase totalmente vencida em 7 de outubro, não longe do golfo de Corinto, pela armada cristã, que lutava em virtude do Senhor Deus dos exércitos”, mais adiante lembra São Domingo que “instituiu o muito piedoso método de orar que se chama rosário ou saltério da Santíssima Virgem Maria, para aplacar a ira de Deus e implorar a intercessão da Santíssima

²⁰³ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 71-73.

²⁰⁴ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 78-82.

²⁰⁵ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 85-87.

Virgem”. Lembra que no mesmo dia 7, o dia da vitória, o primeiro domingo daquele mês de outubro, todas as confrarias invocando o Rosário “elevaram a Deus piedosas orações as quais deve-se crer foram muito proveitosas para conseguir a dita vitória por intercessão da Santíssima Virgem”, uma vitória concedida pelo céu “e para dar graças a Deus e a Santíssima Virgem, instituímos uma festa solene denominada do Rosário, que haveria de celebrar-se no primeiro domingo de outubro”. No *Breve Pastoris Aeterni*, de 12 de outubro de 1576, o papa chama a Virgem de “gloriosíssima Virgem Maria”²⁰⁶

Sisto V (1585-1590) na Bula *Intemeratae Matris* de 1º de setembro de 1585, restabelece a festa da Apresentação de Nossa Senhora no templo. Durante seu papado concede, ainda, favores aos concepcionistas (*Constituição Expositum Nobis*, 1586 e Bula *Ineffabilia*, 1588), estende em 1587, a festa de Nossa Senhora da Carmem a toda Ordem carmelitana, restabelece a festa do nome de Maria e aprova oficialmente a antiga festa de Nossa Senhora da Carmem. Na Bula *Dum ineffabilia*, de 30 de janeiro de 1586, confirma e amplia as graças concedidas pelo rosário através das seguintes invocações e características de Maria: “Mãe de Deus Santa Virgem Maria, gloriosa Rainha dos céus, anteposta às moradas estelares, esplendidamente brilha como estrela matutina”, por isso “meditamos no íntimo do coração que Ela, como Mãe de misericórdia, Mãe de graça e de piedade, Amiga e Consoladora da linhagem humana, ativa e vigilantíssima Advogada” e que “as igrejas e capelas e confrarias erigidas e instituídas em sua honra sejam obsequiadas com perdões gratuitos e honradas com presentes de indulgências” bem como “sejam defendidas pelo peso da nossa aprovação, as indulgências e privilégios às mesmas concedidas pelos romanos pontífices, nossos predecessores” e que “sejam renovadas conforme consideremos saudável e oportuno”; chamando a atenção para os frutos que a instituição do santíssimo Saltério “tem sido para a nossa religião, da gloriosa sempre Virgem Maria, Alma Mãe de Deus”. Na Bula *Gloriosae*, de 8 de junho de 1587, ao erigir uma Capela *Ad praesepe Iesu* em Santa Maria Maior, exalta Maria como a “gloriosa e sempre virgem Mãe de Deus”, pois “quase desde a nossa infância escolhemos a Santíssima Virgem, Mãe de graça e de misericórdia”, como “Advogada nossa, por cujo patrocínio e intercessão fomos livrados de muitos perigos e recebemos de Deus, doador de todos os bens, muitos benefícios”.²⁰⁷

²⁰⁶ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 87-89.

²⁰⁷ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 90-93.

Clemente VIII (1592-1605) em *Motu proprio Pastoralis Romani* de 15 de julho de 1598, manda a São Roberto, cardeal Belarmino, doutor da Igreja, que componha uma Doutrina Cristã que aprova e impõe à Roma e a seu distrito além de recomendá-la à Igreja universal (*Dottrina cristiana breve y Dichiarazione più copiosa della Dottrina Cristiana breve*, Roma 1598). Os sumos pontífices e a Sagrada Congregação de *Propaganda Fide* mandam traduzir em todas as línguas. Salientamos o terceiro artigo do Credo: “porque tomou a carne humana da Imaculada Virgem Maria por virtude do Espírito Santo”, mais adiante explica o que isso quer dizer “declara este artigo de modo novo e maravilhoso da encarnação do Filho de Deus; sabeis que todos os demais homens nascem de pai e mãe e que a mãe não permanece virgem depois de conceber”; mas o Filho de Deus “não quis ter pai na terra, apenas mãe”. Dessa maneira “em seu ventre um corpo perfeitíssimo de um menino”, ao mesmo tempo “que criou uma alma nobilíssima e a uniu a sua pessoa o Filho de Deus e assim Jesus Cristo que primeiramente era somente Deus começou a ser homem; e assim como enquanto Deus tem pai sem mãe, assim enquanto homem tem mãe sem pai” Nasceu de Maria Virgem “porque o Filho de Deus saiu do ventre da mãe no fim do nono mês, sem dor não deixando sinal algum na sua saída”, exatamente como “fez ao ressuscitar, saiu do sepulcro fechado e quando logo entrou e saiu do cenáculo, onde estavam os discípulos, permanecendo sempre fechadas as portas”. No sexto artigo, esclarece que “Cristo subiu ao céu, e da mãe santíssima se diz que foi subida e não se diz que subiu”; a causa é que “a mãe, que era criatura, ainda que digníssima entre todas, não por virtude própria, se não por virtude de Deus foi ressuscitada e conduzida ao reino celestial”. O oitavo artigo busca explicar o Espírito Santo em forma de pomba, principalmente sobre Cristo e a Senhora. Pergunta, logo após, porque dizemos “Ave Maria” depois do “Pai Nosso”, ou seja, “a fim de alcançar mais facilmente, por intercessão da Santíssima Virgem, o que peço a Deus; Ela é advogada dos pecadores, cheia de misericórdia, e ao mesmo tempo está no céu sobre todos os coros de anjos e é gratíssima a Deus”.

Ao explicar o que quer dizer o “Pai Nosso” que une a “Ave Maria” mais do que qualquer outra oração, esclarece que por não termos “advogado mediador cabe a Cristo mais poderoso que sua Mãe”, uma vez dita a oração que ele mesmo nos ensinou, nos dirigimos à Mãe, para que ela interceda e nos ajude a alcançar o que pedimos. E segue perguntando quem compôs a “Ave Maria” e qual o significado de cada expressão que forma a oração. Esclarece o porquê de tocar a “Ave Maria” três vezes ao dia; pela manhã, ao meio-dia e a tarde, que isso se deve a ajuda divina por estarmos em meio a inimigos visíveis e invisíveis e que não devemos nos contentar com recorrer à oração ao princípio das nossas obras, mas fazer o

mesmo no meio e no fim. Há também outro mistério no toque repetido três vezes da “Ave Maria”, e é que a santa Igreja nos quer recordar continuamente os três Mistérios principais da nossa redenção: a encarnação, a paixão e a ressurreição; e por isso quer que saudemos Nossa Senhora pela manhã em memória da ressurreição do Senhor, ao meio-dia para recordar a paixão e pela noite, para recordar a encarnação, porque assim como estamos certos que nosso Senhor foi crucificado ao meio-dia e ressuscitou pela manhã, assim se crê que a encarnação se realizou à noite.²⁰⁸

Na Bula *Immensae bonitatis* do papa Paulo V (1605-1621) “pois Ela, anunciada antes com tantas visões e vaticínios dos profetas e esperada por tanto tempo pelos Santos Padres”, por fim “aparecendo adornada do brilho das virtudes e de toda sorte de graças, nos livrou do cativo com sua saudável fecundidade e triturada a cabeça da serpente, vestida de sol, tendo a lua por estrado de seus pés, vitoriosa e triunfadora, mereceu ser coroada” com “coroa de doces estrelas e louvada sobre os coros de anjos, ser chamada Rainha do céu e da terra” e, ainda, “como Mãe de misericórdia intercede em favor do povo cristão, Advogada diligente e vigilantíssima, ajudando-nos em toda sorte de dificuldades e trabalhos, nós em quanto podemos a honraremos na terra”.²⁰⁹

O papa Gregório XV (1621-1623) fomentou ainda mais o culto da Imaculada e de Santa Ana e São Joaquim e, num Breve de 4 de novembro de 1622 caracteriza e inova Maria como “Rainha celestial”. Urbano VIII (1623-1644) na Bula *Imperscrutabilis* de 12 de fevereiro de 1623, instituiu uma religião militar “sob a invocação da concepção da Mãe de Deus, Virgem imaculada”, “Advogada ante seu Filho unigênito”, “Mãe de graça e piedade sempre intercede pela linhagem humana”. Na S. Congregação S. Ofício em 23 de janeiro de 1625: “em prol da opinião favorável a Imaculada Conceição, os predecessores de Sua Santidade chegaram tão adiante que nada hoje falta, senão definir a questão, ou estabelecer algo equivalente a esta definição”. Assim como no Breve *Sanctae* de 26 de novembro de 1631, na celebração da festa da Imaculada Conceição na Igreja de Santiago, em Roma: “desejando aumentar o culto e veneração da santa e imaculada Virgem Mãe de Deus Maria”, “os queridos filhos administradores da igreja do hospital de Santiago, da nação espanhola, da

²⁰⁸ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 94-100.

²⁰⁹ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 101-102.

Cidade, nos expuseram principalmente a devoção com que a dita nação inteira celebra a festa da Conceição de Santa Maria Virgem”.²¹⁰

Alexandre VII (1655-1667) na Bula *Sollicitudo omnium* de 8 de dezembro de 1661, reconhece a antiguidade da piedade dos fiéis cristãos para com “a santíssima Mãe Virgem Maria”, que veneram e celebram “com solene cerimônia a festa de sua conceição” e que “quase todos os católicos a admitem”, que a “santa romana Igreja celebra solenemente a festividade da Conceição da Imaculada sempre Virgem Maria”, “apaziguados os choques e as contendas e removidos os escândalos”, “proibimos, sob as penas e censuras contidas no Indice dos livros proibidos, os livros nos quais se coloca em dúvida a mencionada sentença, festa ou culto” da Virgem. Alexandre VII não bem *ceñida* a tiara, mandou cunhar uma medalha comemorativa com a imagem da Imaculada Conceição; no Breve *Exponi Nobis* de 9 de dezembro de 1665, confirmou os privilégios da Ordem da Santíssima Trindade, Redenção de cativos e das Confrarias da mesma e da Santíssima Virgem Maria dos Remédios; no DAU I n. 1268 de 5 de agosto de 1662 determinou que o ofício da Assunção prevalecesse sobre o de Santa Clara; S. Congr. S. Ofício de 6 de novembro de 1655, onde ao requerimento do rei católico Felipe IV permite dar à Virgem Santíssima nos impressos, o título de Imaculada Conceição; em 28 de julho de 1656 outorgou à Espanha a festa do Patronato da Virgem; em 7 de setembro de 1658 e devido aos rogos de Luis XIV, curado de uma grave enfermidade, foi concedida a festa da Rainha da Paz; S. Rit. Congr., de 2 de julho de 1664 concede nas Espanhas a reza obrigatória do ofício e missa da Imaculada Conceição com oitava a todos os que deveriam recitar o ofício divino; entre outros diversos documentos relativos à Virgem.²¹¹

Clemente IX (1667-1669) aprova em diversas ocasiões o culto ao Coração de Maria, no Breve *Augustissimae* de 17 de setembro de 1667 onde atende aos rogos do reverendo P. General da Companhia de Jesus João Paulo Oliva para que seus sacerdotes possam recitar e celebrar o ofício com oitava de preceito e a missa da Conceição de Santa Maria Virgem Imaculada, cuja “virtude e *hermosura* admiram o sol e a lua, a natureza contempla com estupor, o inferno estremece ante Ela”. O Breve *Sincera Nostra* de 21 de outubro de 1667 determina que o ofício e a missa da Conceição de Santa Maria Virgem Imaculada com oitava seja rezado em Roma e nos Estados Pontifícios, “nossa sincera devoção para com a gloriosíssima Virgem Mãe de Deus Maria, Patrona e Advogada”. No Breve *Exigit* de 31 de

²¹⁰ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p.105-106.

²¹¹ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 107-114.

outubro de 1667 fala de Maria como “promover na terra a veneração da gloriosíssima Virgem Maria de Deus, a qual, elevada sobre os coros dos anjos, diligente advogada em favor do povo cristão, intercede com assiduidade ante o Rei que gerou”.²¹²

Clemente X (1670-1676) chama a Virgem “Gloriosíssima Virgem Mãe de Deus, Patrona e Advogada nossa” no Breve *Ad Pastorale* de 20 de agosto de 1671. No Breve *Caelestium munerum* de 16 de fevereiro de 1671, faz concessão e extensão das indulgências concedidas aos confrades das Confrarias do Santíssimo Rosário a todos que assistirem a missa e a procissão mensal do Rosário; Breve *Praeclara* de 26 de janeiro de 1671 e *Alias* de 7 de outubro de 1671, sobre o ofício do nome de Maria nos domínios espanhóis; em 26 de setembro de 1671 estende aos domínios espanhóis a festa da Virgem do Rosário; em 20 de setembro de 1673 (S.Congr. S. Ofício) aprova uma novena em honra da Imaculada Conceição; DAU I n.1490 sobre a missa das Sete Dores da Virgem Santíssima na diocese de Córdoba em 21 de junho de 1673; em 21 de novembro de 1674 estende a festa de Nossa Senhora de Carmem aos estados do Rei Católico.²¹³

Inocêncio XI (1676-1689) no Breve *Eximia* de 26 de maio de 1679 exalta a devoção de Carlos, rei das Espanhas para com “a augustíssima e gloriosíssima Virgem Maria Mãe de Deus” que com laudável empenho “se encaminham o aumento e a propagação da veneração, na terra da Rainha do céu, exaltada sobre os coros de anjos”, enquanto no Breve *Nuper pro parte* de 31 de julho de 1679 confirma indulgências do Santíssimo Rosário, cujo documento cita diversas fontes pontifícias que impressiona e leva a imaginar a importância que os papas conferiram ao santo rosário e dos grandes bens que operavam. Alexandre VIII (1689-1691) com um Decreto de 7 de dezembro de 1690, condenou erros jansenistas como: o louvor que se tributa a Maria como Maria, é vão. Inocêncio XII (1691-1700) no Breve *In Excelsa* de 15 de maio de 1693 visa “aumentar na terra o culto e a veneração da gloriosíssima Virgem Maria Mãe de Deus”, a devoção a mesma “santíssima e augustíssima Virgem, rainha do céu”, enquanto que na Bula *Sacrosancta* de 5 de agosto de 1698 “e na verdade, sendo venerado aquele sagrado aposento, a chamada santa casa Lauretana”, na qual “a gloriosíssima Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, como aurora que se levanta, anunciou com sua gloriosa natividade o gozo ao mundo universal”, e na qual “concebeu ao unigênito Filho de Deus por obra do

²¹² MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 114-116.

²¹³ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 116-117.

Espírito Santo”.²¹⁴ Assim que, diante dos inúmeros atributos de Maria que estão relacionados em parte dos documentos oficiais da Igreja, ao longo do tempo, pelo menos até onde nos foi dado pesquisar, podemos sugerir que algumas invocações e características que Sor Juana dedica à Maria, não puderam aqui ser encontradas, como veremos posteriormente. Nesse sentido e para facilitar nosso estudo, apresentamos, a seguir, um breve resumo dos atributos marianos encontrados nesses documentos.

01	Mãe de Deus
02	Santa Virgem Mãe de Deus
03	Onde não houve intervenção paterna na concepção, não houve pecado
04	Santa e imaculada virgem Mãe de Deus
05	Santa e intacta Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, com seu corpo animado e intelectual
06	Santa gloriosa Senhora nossa, Mãe de Deus e sempre Virgem Maria
07	Superior a toda criatura visível e invisível
08	<i>Christotókos</i> como também <i>Theotókos</i>
09	Uma virgem deu à luz um homem, uma estrela produziu um sol, uma filha concebeu a seu pai, uma criatura gerou o Criador
10	Maria, Rainha dos anjos
11	Mulher vestida de sol e sob cujos pés está a lua
12	Com sua virgindade fecunda nos gerou o Salvador
13	Sendo mãe e virgem, teve a Deus por Filho, foi levada sobre os coros de anjos aos reinos celestiais
14	Assunta em corpo e alma
15	Intercessões da santíssima e imaculada senhora nossa Mãe de Deus e sempre virgem
16	O castelo em que Jesus entrou
17	O muro exterior é a virgindade do corpo e a torre interior é humildade do coração
18	Mãe do amor formoso e da santa esperança
19	A que ora pelos miseráveis, suplica pelos aflitos e intercede pelos pecadores
20	Formosa como a lua, que por ser fria simboliza a virgindade e por ser úmida simboliza a humildade
21	Eleita como o sol, escolhida para brilhar e acalantar, brilhar pela sabedoria e acalantar pela caridade

²¹⁴ MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Catolica S. A., 1954, p. 118-123.

22	A virtude do Altíssimo a cobriu com sua sombra para dar-lhe a inteligência da sabedoria
23	Para o exército posto em ordem de batalha, ore à Maria
24	Esperança do mundo, Virgem doce e serena
25	Imperatriz dos anjos
26	A que amamentou de modo maravilhoso
27	Consoladora dos pecadores
28	Rainha do céu
29	Não sejas inimiga minha
30	Guardiã do meu coração
31	Rosa sem espinho
32	Medicina dos pecadores
33	Imune de toda culpa original
34	Caminho de misericórdia
35	Amiga consoladora da linhagem humana
36	Aquela que intercede ante o Rei
37	<i>Hermosa</i> como a lua, escolhida como o sol
38	Elevada sobre os coros de anjos aos reinos dos céus
39	Subiu aos céus e reina com Cristo para sempre
39	Nascida de estirpe régia, brilha
40	Ajuda com suas orações a mente e o espírito
41	Minha amiga entre as filhas de Adão
42	Imaculada Conceição
43	Estrela do mar
44	Ditosa porta do céu
45	Tomando a Ave da boca de Gabriel, trocando o nome de Eva
46	Desata as ataduras dos réus
47	Dá visão aos cegos
48	A nós, livra das culpas
49	Prepara-nos um caminho seguro
50	Elevada por sobre as estrelas
51	Amamentastes com teu sagrado peito

51	Convertida em janelas do céu
52	Porta do elevado Rei
53	A que a terra, o mar e o céu veneram, adoram e glorificam
54	A que governa a tríplice máquina
55	A que a lua, o sol e todas as coisas servem
56	Mar da graça, mãe de misericórdia
57	Santíssima Virgem
58	Anteposta às moradas estelares, esplendidamente brilha como estrela matutina
59	Mãe de graça e piedade
60	Ativa e vigilantíssima Advogada
61	Alma Mãe de Deus
62	Enquanto Deus tem pai sem mãe, assim enquanto homem tem mãe sem pai
63	Aquela que nos livrou do cativoiro
64	Mãe de misericórdia intercede em favor do povo cristão
65	Rainha celestial
66	Rainha da paz
67	Culto ao Coração de Maria
68	O inferno estremece ante Ela
69	Intercede com assiduidade ante o Rei que gerou
70	Patrona e Advogada

Tabela 8- Características de Maria resumo da subseção.

Como Sor Juana, além de religiosa, foi uma reconhecida poetiza e escritora, até aqui procuramos dialogar, inicialmente, com algumas questões relativas ao campo da Literatura. Além disso, nos dedicamos a estabelecer contato com, pelo menos, parte da sua vida e obra, bem como o contexto teológico e filosófico da sua época, principalmente no que tange à temáticas mariológicas. Dessa maneira, após termos relacionado alguns dos mais diversos títulos e atributos tradicionais de Maria, passamos para o estudo e a comparação com aqueles que são nomeados por Sor Juana nos seus *villancicos* e nos escritos em prosa selecionados, com o objetivo final de realizar uma “breve leitura dessas invocações e características de Maria”.

4 SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: UMA BREVE LEITURA DAS INVOCAÇÕES E CARACTERÍSTICAS DE MARIA

*Maria no es Dios, pero es
quien más a Dios se parece.*

Sor Juana

Sor Juana não é uma “Décima Musa” em um deserto, como tão bem definiu Plancarte, em relação ao clima estético e ao contexto histórico da poesia mexicana, nem tão pouco uma exceção absoluta que salvaria do naufrágio total a produção do século XVII da Nova Espanha.²¹⁵ No entanto, ela desenvolve certos elementos de caracterização na sua obra, em geral, não apenas por ser mulher e religiosa, mas também por isso. Sor Juana é uma pensadora. Pensa a religião, a filosofia, as relações sociais, a ciência e o seus espaços naquele mundo, tentando reconstruir o seu próprio lugar, quem sabe, a partir das representações de Maria, uma figura feminina de reconhecida e indiscutível importância para o Cristianismo Católico e a História da Igreja.

4.1 Maria nos *villancicos* de Sor Juana

O nome *villancico* e suas variantes mais arcaicas *villancejo* e *villancete* é um diminutivo de *villano* que era em sua origem, qualquer canto ou diálogo pastoril ou mais em geral, *rusticano*, sendo indiferente o conteúdo profano ou sacro. Entre esses cantos pastoris, levados a um gênero especial de lira culta, prevaleceriam as *coplas* dos Pastores de Belém e da véspera de Natal na missa do Galo. Com o passar do tempo, e sob outras denominações, estendeu-se a todas as restantes letras vernáculas igualmente cantadas nos Templos, e não apenas sobre o Deus-Menino, como em qualquer festa da Virgem ou dos Santos e em outras comemorações sagradas como na Profissão de uma religiosa ou a Dedicção de uma Igreja. Este foi o significado mais duradouro do vocábulo, uma composição poética popular, com estribilho e especialmente de assunto religioso que se cantava, então, nas Igrejas na véspera de Natal ou em outras festividades. No final dos anos 1600, os *villancicos* passaram a ser quase

²¹⁵ PLANCARTE, Alfonso Méndez Plancarte. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol. I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951.

exclusivamente aqueles que se intercalavam nas matinas das várias festas litúrgicas, deixando-se aos outros o nome mais genérico de Letras, conforme se observa no caso da própria Sor Juana. Quando mais exatamente os *villancicos* para matinas começaram na Nova Espanha, não é bem certo, mas provavelmente por volta de 1648.²¹⁶ Foi assim que, logo em seguida a essa época, Sor Juana acabou por escrever vários deles que se cantaram na Igreja Metropolitana do México, em honra de Maria Santíssima.



Figura 23-Representação da Catedral da Cidade do México, anônimo, séc. XVII.²¹⁷

Diante de uma vasta sinfonia de *villancicos*²¹⁸ os de Sor Juana conquistaram seu lugar e admiração, marcados por uma época de intenso fervor católico, o jansenismo e a ilustração.

²¹⁶ PLANCARTE, Alfonso Méndez. *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. XI-XXXV.

²¹⁷ Disponível em < <http://www.arts-history.mx/sitios> > acesso em 28.09.2014.

²¹⁸ É bem verdade que no tempo em que Sor Juana escreveu seus *villancicos* em honra da Virgem Maria, vários outros poetas também o fizeram. Dentre esses poetas, poderíamos citar Dom Alonso Ramírez de Vargas, nobre *criollo* do México e Alcaide Maior de Misquiguala, que dedicou à Natividade de Maria, no México de 1689, os seguintes versos: “[...] *La que, teniéndose / por Sierva párvula / Juzgarse Mínima / turvo por máxima*”. Ou os versos do Presbítero Dom Antonio Delgado Buenrostro que em 1686, escreveu um *Villancico Castellano-Latino* dedicado à Puríssima: “*Phoenix divina, Maria / si alta mente te praeservas*”. Ou o frei Dom Nicolás Ponce de León, agostiniano, um poeta um pouco esquecido, mas que chegou a escrever sobre as Aves: “*Qué Ave será María? No Fénix, ni Paloma, ni Águila, ni Pavón, sino ‘Ave de Gracia’*”. Também o Presbítero Dom Ambrósio Francisco de Montoya y Cárdenas, em homenagem à Assunção, em Puebla, prestava suas homenagens: “*Ay, cómo sube! Mas ay, cómo vuela, / pues más alta la vemos que los Planetas [...] Triunfante la Reina sube / en su Assunción, porque sabe - pisando perlas, ser Nave; / astros abatiendo, Nube [...]*”. O próprio Presbítero Dom Francisco de Azevedo, que havia dado a Sor Juana o primeiro lugar num dos certames do *Triunfo Parthénico*, escreveu *Villancicos* da Assunção, no México de 1689: “*Explicación del Arco Triunfal / con que el Reino Celestial / a María aclama*”. O Presbítero Dom Gabriel de Santillana, no México de 1688, considerado muito *sorjuanescos*, pelos seus “Cânticos à mais bela Infanta”, cuja estilização poderia ser uma imitação inicial ou imediato modelo daquela “*Lamina sirva o Céu ao retrato*”[...], em que Sor Juana pintava a Lysi: “*A dónde Pedro se iría / a llorar com sus corrientes? - Mas si eran sus ojos fuentes / al Mar se fué de María. - Oh cómo ribiría / llanto que nació de amar! - Al Mar, al Mar, al Mar*”. Ou, ainda, Dom Felipe de Santoyo y García, que cantou uns *villancicos* a Nossa Senhora de Guadalupe, na Catedral Metropolitana do México, em 1690: “*una vez se transfigura / el Verbo Humanado, y miro - que en María fueron dos: / una en rosas y outra en brillos - y de la América forma Tabores - con un Juan y Diego, sin Pedro e sin Cristo*”. PLANCARTE, Alfonso Méndez.

Não é de se estranhar, portanto, que Sor Juana, muitas vezes, parecesse tomada de um sentimento de exaltação a ponto de querer tocar o místico, mas, por outras, se deixasse dominar pela complexidade Barroca que vista pelos olhos do nosso tempo, seria passível de críticas mais duras ou anacrônicas. Tais críticas foram direcionadas às novas escolas que estavam surgindo, na época. Eram escolas em princípio literárias que, grosso modo, buscavam freneticamente aquilo que entendiam como o mais refinado e culto, que não se contentavam em modificar apenas a aparência externa, procurando sutilizar ao máximo o próprio conceito e ideia. Foram taxativamente acusadas de obscuridade, extravagância e de caírem em vazios sem sentido. No entanto, conforme acompanhamos com Hatzfeld, esta poesia tão característica da época dos vice-reis, não significou apenas um sinônimo de mau gosto como quis sinalizar o século XIX. Apesar do seu estilo extremado, alguns poetas tiveram ressonância e deram sua colaboração para a literatura universal e religiosa, onde poderíamos, com certeza, incluir Sor Juana. Tal fato, hoje, pode ser constatado pela quantidade expressiva de artigos, debates, livros e teses editadas sobre ela no México, na Espanha, em Portugal, nos Estados Unidos. Atualmente, inclusive, onde era o Convento de São Jerônimo, desde 1982, localiza-se a Universidade do Claustro de Sor Juana, um imóvel de propriedade da Nação e o único caso, no México de um resgate conventual para ser convertido em Universidade.

Plancarte nos afirma que Sor Juana escreveu 12 *villancicos* ao total, uma vez que outros 10 são apenas atribuídos. Entre os 12 reconhecidamente escritos por ela, 3 são dedicados a São Pedro Apóstolo, 1 à Natividade, 1 à São José, 1 à Santa Catarina, 4 à Assunção e 2 à Conceição.²¹⁹ Os últimos seis, ou seja, aqueles em honra da Assunção e da Conceição de Maria foram os selecionados para o nosso trabalho, visando identificar e relacionar as diversas invocações e características de Maria a partir dos aspectos teológicos mais tradicionais, com o objetivo de refletir sobre como Sor Juana articulou essas noções em um determinado tipo de narrativa que acabou por sinalizar, ou mesmo adquirir um sentido próprio. Um sentido próprio que, no nosso entender, coloca em Maria, parte dos silêncios que se viu, talvez, obrigada a guardar. Quem sabe, como parte daquela realidade que não poderia ser captada por uma via mais direta que assinalamos, anteriormente, ao discutir questões relativas à Literatura, de uma realidade que não se mostra apenas como “aparece na mente do artista, como se reflete na sua imaginação”, mas uma forma de conhecimento e compreensão

Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. XXXVIII – XLIII.

²¹⁹ PLANCARTE, Alfonso Méndez Plancarte. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lirica Personal*. Vol. I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951.

das relações do seu tempo e do seu mundo que pretendia denunciar. Um questionamento sobre o que seja e o que possa ser realmente considerado como “natural”, pois muito do que se quer fazer crer como natural, na maioria das vezes, não passa de construção social e histórica do próprio homem. No sentido também literal.

No entanto, com relação aos *villancicos*, começamos, então, por definir as datas e locais em que foram apresentados.

<i>Villancico</i>	Data e Local de apresentação
Conceição	1676, 1689, Catedral do México e Catedral de Puebla.
Assunção	1676, 1679, 1685, 1690; todos cantados na Catedral do México.

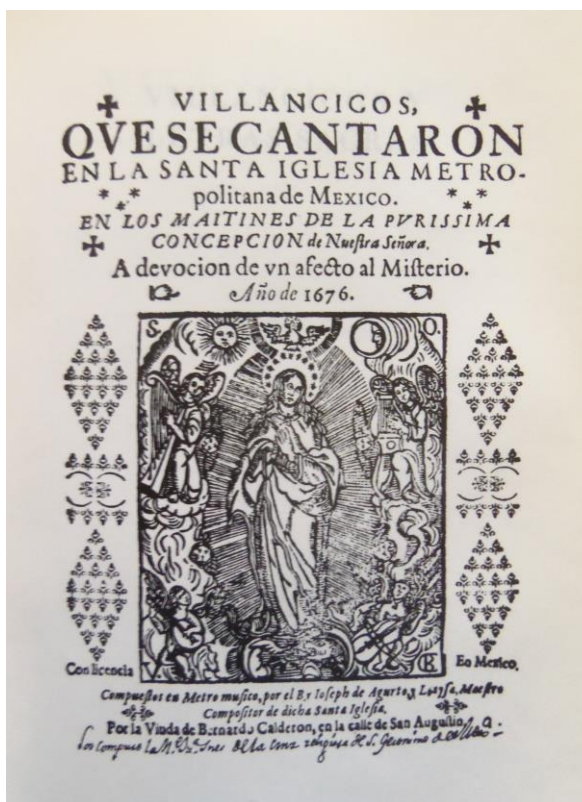
Tabela 9-*Villancicos* da Assunção e Conceição.

É nossa intenção complementar este quadro inicial com as imagens de duas portadas que correspondem aos *villancicos* que se cantaram na Igreja Metropolitana do México, em honra de Maria Santíssima, sendo a primeira sobre a Assunção Triunfante, no ano de 1686, e a segunda sobre a Conceição, em 1676. Note-se que na portada que corresponde à Assunção, Maria tem as mãos postas em oração (ou súplica) e está sendo conduzida por dois anjos que a tocam levemente.

Já na portada que corresponde à Imaculada Conceição, Maria, além das mãos em oração apresenta-se rodeada por anjos que parecem louvá-la e que tocam instrumentos musicais, está em pé sobre uma lua invertida e acima da sua cabeça, um sol, o Espírito Santo e uma auréola formada por doze estrelas (“apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa com doze estrelas”, Ap. 12,1). Ao final da figura é possível atestar por escrito a composição em nome de Sor Juana, quando se lê “*los compuso la Me. Ju^a. Inés de la Cruz, relig^a. de S. Gerônimo de Mex^o.*”



Figura 24-Portada dos villancicos em honra da Assunção, 1686.



25-Portada dos villancicos em honra da Conceição de Maria, 1676.

4.1.1 Invocações e Características nos villancicos da Conceição

Em princípio, Sor Juana escreveu apenas dois *villancicos* dedicados à Puríssima Conceição de Nossa Senhora, que se cantaram o primeiro em 1676 na Igreja Metropolitana do México e o segundo, em 1689, na Catedral de Puebla. Vimos, no capítulo anterior, que à Maria foram concedidos, ao longo do tempo, vários atributos, invocações e títulos honoríficos, tendo sido referenciada, em especial, como Mãe e Virgem, Senhora e Rainha. Todas essas características podem ser encontradas com bastante frequência na poesia de Sor Juana, como no exemplo abaixo.

*A la fiesta del Cielo! Las voces claras
una Reina celebran, Pura e sin falta
Vengan, vengan,*²²⁰

*Quien la hizo Virgen y Madre
por qué también no la haría
Hija de Adán y sin mancha?*²²¹

²²⁰ *Concepción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez Plancarte. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p.18.

Nas duas séries da Conceição, Maria também foi louvada com festiva alegria, como aquela que venceu o dragão, numa clara referência à mulher do Apocalipse, prevenida contra a astúcia da serpente.

*Venciendo al fiero Dragón
que a sus pies holló triunfante.*²²²

*Contra la serpiente astuta
que ocasionó la ruína
de todo el género humano
siempre estuvo prevenida.*²²³

Em certo momento, Maria é saudada em contraposição ao gênero humano, uma vez que foi a primeira e a única a ser concebida de uma maneira tão nova e surpreendente, que não passou pelo pecado original.

*Con mucha gracia María,
siendo del género humano,
una Concepción estrena
tan nueva, que no há pecado.*²²⁴

Diferentemente do *Auto de la Caída* de Adão e Eva, narrado por Motolinia e representado pelos índios em sua própria língua, por volta de 1538, que dizia *para qué comió/la primer casada/la fruta vedada*, é interessante observar que Sor Juana, ao falar da mesma “queda”, em geral, não faz atribuições à Eva, mas apenas a Adão, apresentando Maria como aquela que “*Mujer parece Divina*”, mas sem a mancha da culpa de quem se concebe filha de Adão.²²⁵

²²¹ *Concepción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p.102.

²²² *Concepción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p.19.

²²³ *Concepción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 24.

²²⁴ *Concepción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p.18.

²²⁵ *Concepción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p.25.

- *Pudo caer en la culpa
de Adán, de quién ella es hija?* ²²⁶

[...] *Que en Adán pecaron todos* ²²⁷

Por sua vez, nos versos que foram cantados em Puebla, em 1689, defendeu que o Mistério da Conceição deveria ser aceito mais como uma evidencia do que como fé, sustentando que era uma questão “de razão” o fato de Maria ter sido preservada antes mesmo de ser criada. Aqui, Sor Juana, talvez pensando com Santo Tomás de Aquino, apresentou o fato como evidente e racional e não apenas como uma questão de fé. Plancarte sustenta que a afirmação de Sor Juana “*no es de fe*” é motivada pelo fato do mistério ainda não estar definido, muito embora já ocorresse a plena crença. Assim, por razões teológicas ela estimaria como evidente, pensando, inclusive, na proposta da mesma verdade poder coexistir simultaneamente com a fé e a evidência. Alerta o autor para que entendamos o termo *repugnante* (nos versos abaixo), no sentido de *Madre de Dios y pecado* serem coisas absolutamente incompatíveis.

*Oigan un Misterio, que
aunque no es de Fe, se cree!
- Verdad es, en mi conciencia:
que para mi, es evidencia,
y la evidencia no es Fe.*

*Madre de Dios, y pecado,
es cosa tan repugnante,
que aun para el más ignorante
queda el Misterio aclarado.* ²²⁸

A Maternidade sacra de Maria, portanto, seria prova da sua Conceição sem mancha, pois apenas para isso foi Preservada; logo, a Preservação prova a Maternidade, diz a crença que Maria sem mancha foi concebida e que foi interesse próprio de Deus para enobrecer sua família. Sendo assim, sempre foi Limpa, pois devemos pensar que ela é tudo o que não é ser

²²⁶ *Concepción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p.20.

²²⁷ *Concepción*, 1689. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 103.

²²⁸ *Concepción*, 1689. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 99.

Deus. Maria é bela: céu, sol, lua e estrelas admiram sua beleza. Venus, Cintia, Palas e Flora invejam sua beleza. Judite, Ester, Raquel e Sara, cuidado, apenas em vislumbres a pintem, de tão bela que é Maria. Água, Terra, Vento e Fogo, todos a seus planos se rendem. É fácil perceber que Sor Juana evoca os astros, os elementos da natureza, as mulheres da Bíblia e da mitologia, mas Maria é mais do que todas essas invocações, além do que, foi concebida sem mancha e sem culpa:

*La que en el Siglo de Oro
se concebió, pues es cierto
que, al tiempo de concebirse,
no hubo un instante de hierro.*²²⁹

Das mais diversas formas é invocada como a Ester que salvou todo o gênero humano da miséria, como o Trono de Deus Soberano, o Arquivo de todo o bem, a defesa dos Mortais, a sempre armada e vigilante, mas, também, a Mãe digna de um Deus *Humanado*. Se relacionarmos, porém, as invocações e características atribuídas à Maria por Sor Juana nos seus *villancicos* da Conceição teremos como principais referências o próprio nome de Maria (citado 17 vezes), seguido pela abordagem como Mãe (11 vezes), Esposa (9 vezes) e Rainha (7 vezes), *Morenica* (7 vezes) e Senhora (4 vezes). A seguir, então, listamos as 38 características encontradas e, ao lado de cada uma, o número de vezes que aparecem nos dois *villancicos* da Conceição.

01	Rainha	7
02	Pura e sem falta	1
03	Maria	17
04	Mente Divina	1
05	<i>Concepção estrena</i>	2
06	Templo de Deus	1
07	Vitoriosa e sem desgraça	1
08	Porque vencer a sombra, o Dragão, que se assombra, se deve a sua claridade	1
09	Porta- <i>Caeli</i> / Porta	2

²²⁹ *Concepción*, 1689. PLANCARTE, Alfonso Méndez (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 108.

10	<i>Regina</i>	1
11	Azucena (que pura entre todas brilha)	2
12	Ave Maria	1
13	Ave de graça, por Deus eterno, concebida sem mancha	1
14	Em um Instante, a livrou Deus de culpa, para ser sua Mãe	1
15	A doce Triaca (antídoto do veneno)	1
16	Rosa	3
17	Mãe	11
18	Mulher parece Divina	1
19	Jacarandina	2
20	Madre de Dios	2
21	Pura	1
22	Senhora	4
23	Virgem e Mãe	1
24	Sempre Limpa e <i>Hermosa</i>	1
25	<i>Morenica</i>	7
26	Criatura	1
27	Esposa	9
28	Negra	2
29	Escrava	1
30	<i>La que en el Siglo de Oro se concebió</i>	1
31	<i>Poblana</i>	1
32	Mas, vós como <i>puderas</i> ser negra?	1
33	Lua	1
34	Arca de seu Testamento	1
35	Da Trindade Assento	1
36	Iris <i>hermoso</i> de paz e trezentas coisas mais	1
37	Como Lirio descolado, Vaso de Ouro fino, Balsamo queimado, Fogo reluzente, Apolo refulgente, Aroma de cheiro pleno e trezentas coisas mais	1
38	Trono de Deus Soberano, Arquivo de todo o bem, Gloria de Jerusalém, Alegria do Cristão	1

Tabela 10- Características de Maria nos *villancicos* da Conceição.

Dessa maneira, constatamos o predomínio de invocações e características de Maria como Mãe, Esposa, Rainha e Senhora (além de referências à *Morenica*), o que aproxima Sor Juana dos aspectos teológicos mais tradicionais, embora quando se refira à Virgem como “arquivista”, atividade que ela mesma teria exercido no Convento, a “descola” e contrasta com tudo aquilo que possa ser considerado como mais tradicional. Parece existir nesta metáfora, um significado mais implícito, principalmente em se tratado de Sor Juana e do seu mundo. Aliás, quando contextualizamos Sor Juana no seu mundo, convém lembrar Benassy-Berling, ao lembrar que nenhuma sociedade talvez tenha conferido as religiosas uma importância social tão grande como a da Nova Espanha, ao mesmo tempo em que não deve assombrar o fato de ver que o país do “machismo” honrava as comunidades de virgens e, paralelamente impulsionado pela mesma psicologia profunda, colocava no centro da sua devoção a Imaculada Conceição.²³⁰ Um tema pelo qual os novos doutores da Universidade da Cidade do México tinham que prestar juramento para receber seus diplomas, mas que Sor Juana vai defender até o fim de sua vida por devoção e com seu sangue.

4.1.2 Invocações e Características nos *villancicos* da Assunção

Como vimos anteriormente, foram em número de quatro os *villancicos* escritos especialmente em honra da Assunção de Maria. Sor Juana, por um lado, colaborava no sentido de poetizar e popularizar mistérios complexos da Igreja, através dos seus *villancicos*, que também buscavam atrair o povo para as festas em honra da Nossa Senhora. Embora muitos críticos salientem o fato de que tenham sido escritos por encomenda, um *conceptismo* mais pessoal de Sor Juana, se é que se pode sustentar tal ideia, perpassava pelas possíveis tentativas de engessamento do seu lirismo e pensamento. Até porque, vimos anteriormente, que esse gênero poético já existia na Espanha e que os temas em comum foram exportados para Nova Espanha. Góngora utilizara o mesmo gênero para escrever sobre os negros e suas relações sociais decorrentes. Os versos de Sor Juana, no entanto, tinham um claro objetivo de transmitir os ensinamentos da cristandade e poderia se dizer que até mesmo num sentido mais explícito de evangelização. De maneira semelhante, Sor Juana apresentava Maria como aquela que era temida pelo seu desejo de vingança, aquela que vingava as injúrias, anulava as leis injustas, que pela sua eloquência o Juiz Eterno seria capaz de perdoar, aquela que mantinha a paz e a justiça social e era a rainha de todos. Algumas dessas referências estavam em perfeita

²³⁰ BENASSY-BERLING, Marié-Cécile. *Humanismo y religión en Sor Juana Inés de la Cruz*. México: UNAM, 1983, p.51.

consonância com aqueles títulos que ilustravam a *Virgo pugnatrix* por serem mais combativos e guerreiros e que foram aplicados à Virgem Maria, por escritores eclesiásticos. Mas, ao mesmo tempo, Maria se encontrava ao lado daqueles seres que estavam “presos”, dos marginalizados, fosse essa prisão entendida como a do corpo ou mesmo a da alma.

*La celebrada de hermosa
y temida por sañuda...
La que venga los agravios
y anula leyes injustas...
La que libertó los presos
de la Carcél donde nunca,
a no intervenir su aliento,
esperaran la soltura* ²³¹

Com relação a essa temática, embora de forma não tão semelhante, poderíamos lembrar e complementar com um trecho daquele poema em que Sor Juana se dedica a solicitar especial indulto para um réu, poema este que tem aparentemente o objetivo principal de prestar uma homenagem ao vice-rei por ocasião do primeiro aniversário do seu filho.

*Vos sois Príncipe Cristiano,
y yo, por mi estado, debo
pediros lo más benigno
y Vos no usar lo sangriento.
muerte puede dar qualquiera;
vida, solo puede hacerlo
Dios: luego solo com darla
podeis a Dios pareceros.* ²³²

Em outro momento, Sor Juana parece exaltar Maria como aquela que é Rainha do céu e da terra e que, em torno dela, todos se unem e aclamam seu nome e confiam em suas promessas, quem sabe, de paz e justiça social.

*A la aclamación festiva
de la Jura de su Reina
se junto la Plebe humana
con la Angélica Nobleza.
Y como Reina es de todos,
su Coronación celebran* ²³³

²³¹ Asunción, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 11.

²³² PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 78.

Mais precisamente no seu *villancico* da Assunção, datado de 1676, Sor Juana inicia seus versos apontando para uma interessante disputa que, por suposição, realizam o Céu e a Terra em nome de Cristo e Maria. Cristo baixa à Terra como um Deus humanado e que desce para sofrer; Maria sobe ao Céu, como a criatura que sofreu aqui na Terra e agora então sobe a triunfar. Quanto a tais paradoxos, como tão bem nos alerta Becerril, é meio nessa contramão do Barroco que Sor Juana parece mesmo estabelecer um vínculo e uma interdependência possível entre o Céu e a Terra, entre o divino e o humano. Para ela, Maria apresentava atributos e características que serviam para distinguí-la dos demais seres humanos, ao mesmo tempo em que “poderia também ser patrimônio de cada pessoa que lograsse imitá-la”.²³⁴

*El Cielo y Tierra este dia
compiten entre los dos:
ella, porque bajó Dios,
y el, porque sube María.*

*...pues Dios vino a padecer
María sube a triunfar...²³⁵*

Encontramos, ainda, certos versos de Sor Juana sugerindo que Maria seria capaz de ensinar tudo o que deve ser aprendido para que todos os seres humanos e o povo em geral, pusessem seguir o seu exemplo e também subir ao Céu, já que ela, como criatura humana foi a primeira a trilhar o caminho para a Salvação. Ela era a Mestra Divina capaz de ensinar as virtudes necessárias para ir da Terra ao Celeste e onde, mesmo salientando a inteligência de Deus e seus grandes Mistérios, a invocação de Maria como a Soberana Doutora poderia significar uma aproximação com aspectos mais implícitos. O aspecto mais explícito ficaria por conta da certeza de Maria ter o conhecimento e participar das coisas de Deus e o implícito pelas coisas de Deus que pautavam e sustentavam as teorias mais filosóficas e científicas em geral, ou seja, aplicadas às coisas da Terra. Não é difícil perceber, portanto, que Maria, mesmo sendo mulher, foi aclamada como Soberana das Escolas Divinas, escolas divinas que se faziam representar aqui na Terra mesmo, além de ser aclamada como aquela que fala, canta e, naturalmente, sabe ensinar; aquela que não está em silêncio ela mesma, mas que merece

²³³ *Asunción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 14.

²³⁴ BECERRIL, René Roberto. *La maestra divina y su enseñanza infinita. los inicios del barroquismo educativo de Sor Juana Inés da la Cruz*. Viento Del Sur, nº 11, invierno 1997, p.68.

silêncio e atenção para que se escute seu canto e sua Voz Divina. Sor Juana coloca Voz em Maria.

*La SOBERANA Doctora
de las Escuelas divinas
de que los Ángeles todos
deprenden sabiduria,
por ser quien inteligência
mejor de Deus participa,
a leer la suprema sube
Cátedra de Teología.²³⁶
Para quien quisiere oír
o aprender a bien hablar,
y lo quiere conseguir,
María sabe enseñar
el arte de bien decir.²³⁷*

*SILENCIO, atención,
que canta María!..
que a su voz Divina,
los vientos se paran
y el Cielo se inclina.²³⁸*

Diante de Maria, o próprio Céu se inclina e os ventos param para ouvir sua Voz Divina. Não é difícil perceber pela abordagem de Sor Juana, que a devoção à Virgem Santíssima é uma constante nos seus escritos. Ela mesma confirma, quando declara na sua *Respuesta* que “eu nunca escrevi coisa alguma por minha própria vontade [...] e que somente uns “Exercícios da Encarnação” e uns “Oferecimentos das Dores” foram impressos com minha satisfação pela pública devoção”.²³⁹ E que “só me ajudou neles, o fato de serem coisas de nossa grande Rainha: que é admirável como tratando-se de Maria Santíssima acende-se o coração mais gélido”. Se partirmos do pressuposto de que grande parte da sua obra, como ela mesmo diz, tenha sido escrita por encomenda, inclusive seus *villancicos*, isso não impede que a devoção declarada à Virgem seja uma chave reveladora no que diz respeito a intensidade da

²³⁵ Asunción, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 3.

²³⁶ Asunción, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 6.

²³⁷ Asunción, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 6.

²³⁸ Asunción, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 7.

sua abordagem, à sua própria religiosidade e, principalmente, como manifestação da “grande devoção do seu tempo pela Mãe de Deus”.²⁴⁰ Assim como não impede que ela coloque em Maria seus anseios por aquilo que considera mais justo, tanto para a sociedade em que vive, como para o papel desempenhado pelas mulheres da sua época. Reconhece como justo, portanto,

*que no muera como todas
quien vivió como ninguna!*²⁴¹

Adornada de *hermosas* contradições que justamente formam suas perfeições, a Assunção de Maria é definida e, embora sob o manto dessas variedades, ela mesma, em si, não varia (ou ainda, numa semelhança ao Hino Acatístico, quando reza: Ave, os contrários a um fim tão igual consorcias!). Aqui é um ponto onde Sor Juana lida com uma estratégia que é tipicamente Barroca, embora exerça um esforço no sentido de tentar superar o mero entendimento da sua época, buscando compreender para além das aparências e da própria linguagem humana, embora a exaltação e as revelações de Maria sejam, mais uma vez, prova da devoção que permeia seus versos o tempo todo.

*Del Cielo y tierra extranjera,
en ambas partes la extrañan:
muy mujer para Divina,
muy Celestial para humana...
muy fecunda para Virgen,
muy Pura para casada...
para combatir, muy tierna;
para niña, muy armada...
para mandar, muy pequeña;
para humillarse, muy alta...
muy terrible para hermosa;
para espantar, muy amada.*²⁴²

Outra característica religiosa da sua abordagem que parece contrastar com aqueles aspectos mais tradicionais ocorre ao intitular Maria como “Astrônoma grande”²⁴³, mesmo

²³⁹ Referência a “Resposta da poetisa à mui ilustre Sor Filotea de La Cruz”.

²⁴⁰ BENASSY-BERLING, Marié-Cécile. *Humanismo y religión en Sor Juana Inés de la Cruz*. México: UNAM, 1983, p.234.

²⁴¹ *Asunción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 12.

²⁴² *Asunción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 64.

para logo em seguida, se reaproximar desses mesmos aspectos tradicionais, quando faz referência àquela que em sua virginal pureza possui as duas Naturezas que causaram a abertura das portas no Céu,²⁴⁴ aquela que foi recebida pelas Três Divinas Pessoas e aplaudida por ser Filha, Mãe e Esposa.²⁴⁵ E, assim como Lutero, em certos momentos, Sor Juana salienta, mas também eleva a humildade de Maria.

*Como nadie es tan humilde,
nadie más bajar desea,
y baja tanto, que sube
a la parte contrapuesta.*²⁴⁶

Por vezes, pensa em propor um grande silêncio acentuando pontos mais reflexivos e uma certa surpresa ao se colocar frente ao grande Mistério, reconhecendo que não temos como explicar com palavras e características humanas, onde somente Aquele totalmente Outro tem o perfeito entendimento. E aí encontramos, ao mesmo tempo, uma aproximação e um contraste teológico: o de não haver como explicar. Ou entender.

*Siendo Virgen, há nascido
el Verbo, de ella humanado:
énfasis tan escondido
y enigma tan intrincado,
que sólo Dios lo há entendido.*²⁴⁷

Seja como for, prevalece o entusiasmo, a certeza e a alegria que dvém da obra bem feita de Deus em Maria. Por isso, Maria é vitoriosa (Vítor, em latim).

*Vítor, Vítor, Vítor, Vítor María,
apesar del Infierno y de su envidia!
Vítor, Vítor, Vítor, Vítor María!*²⁴⁸

²⁴³ Asunción, 1679. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 65.

²⁴⁴ Asunción, 1679. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 66.

²⁴⁵ Asunción, 1679. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 70-71.

²⁴⁶ Asunción, 1690. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 154.

²⁴⁷ Asunción, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 14.

Em relação a essas invocações e características que aparecem nos *villancicos* da Assunção, podemos perceber que na grande maioria das vezes, Sor Juana se reporta à Maria simplesmente pelo nome (60 vezes), numa possível referência de completa intimidade, proximidade ou mesmo, quem sabe, por vezes, identificação. Numa menor proporção a faz surgir como Rainha (34 vezes) ou Virgem bela/Virgem (12 vezes) e Senhora (11 vezes).

01	Maria	60
02	A Soberana Doutora das Escolas Divinas de que todos os Anjos depreendem sabedoria	1
03	É quem participa melhor da inteligência de Deus	1
04	Caridade, Graça: soube antes de nascer	1
05	Mestra Divina	1
06	Jacarandina (musica para cantar ou bailar a jácara-cantata, composição poética popular: Maria corre como uma jácara)	1
07	Valente de aventuras	1
08	Desatadora de <i>tuertos</i>	1
09	Destroçadora de injurias	1
10	A que vinga os agravios e anula leis injustas, asilo dos pupilos e amparo das viúvas	1
11	A que libertou os presos do Cárcere que não esperavam a soltura	1
12	A que faz tremer o inferno	1
13	A mais bizarra Guerreira	1
14	A Paladina famosa – conquistou a Terra Santa	1
15	Andante das Esferas	1
16	Maria sabe ensinar a arte do bem dizer, “que como seu assunto é Deus, sempre é questão infinita”	1
17	Bendita	2
18	Rainha/Reina <i>hermosa</i>	34
19	Senhora	11
20	Protetora	1
21	Rainha do Céu	4
22	Virgem bela/Virgem	12

²⁴⁸ *Asunción*, 1676. PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol.II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. 7.

23	Fenix rara/Fenix	2
24	Gloriosa	1
25	Mãe e Advogada	1
26	Divina Maria	1
27	Angelica <i>Scala</i>	1
28	Arca prodigiosa	1
29	Pacifica Oliva	1
30	Palma (vitoriosa)	3
31	Alta mente culta	1
32	Castissima Flora	1
33	Cândida Pomona	1
34	De <i>hermosas</i> contradições	1
35	A Grande Astrônoma (a que melhor sabe contar as estrelas)	1
36	Conjuntas as Naturezas: Divina e Humana	1
37	A recebê-la saíram as 3 Pessoas da Trindade com os aplausos de quem é Filha, Mãe e Esposa	1
38	Mãe de Deus	5
39	Virgem Mãe	2
40	Virgem Sacra	1
41	Mãe	6
42	Estrela Matutina	2
43	Espelho de Justiça	1
44	Imaculada	1
45	<i>Azucena</i>	3
46	Imaculada Donzela	1
47	Rosa	2
48	Imperatriz	2
49	<i>Caudal Águila vuela a las alturas</i>	1
50	<i>Fragante Vara sube a las esferas</i>	1
51	Escrava	2
52	<i>La Silla suprema</i>	1
53	<i>Norabuena</i>	4

54	Pura Criatura	1
55	Esposa	4
56	Templo de Deus (Deus é seu Templo ao mesmo tempo)	1
57	<i>Hermosa, Hermosura</i>	8
58	Mãe do Sol	1
59	Advogada	2
60	Amiga minha	1
61	Paloma minha/Paloma	4
62	Aurora	6
63	Esquadrão	1
64	Humildade/ humilhar-se	5

Tabela 11-Características de Maria nos *villancicos* da Assunção.

Embora não se possa ignorar a força da repetição de determinadas palavras num discurso, no nosso caso específico, o fato de algumas das invocações e características surgirem apenas uma vez no texto pode, justamente por essa atitude, assumir um significado não menos relevante, mais sutil, quem sabe, uma vez partindo de uma escritora e religiosa que demonstra, ao longo da sua obra, transcrever seu tempo e suas contradições. Em busca desses “esconderijos” é preciso sublinhar certas referências como: “é quem participa melhor da inteligência de Deus, destroçadora de injúrias, a que libertou os presos do Cárcere que não esperavam a soltura, a grande Astrônoma e a que melhor sabe contar as estrelas, amiga minha”. Algumas semelhanças com tais características até podemos encontrar no Hino Acatístico, quando invoca Maria como aquela que “transcende a ciência dos sábios, sacrário da ciência divina, instrutora das mentes dispersas”; na Ladaínha Lauretana como “sede da sabedoria, rainha dos anjos, patriarcas e apóstolos”; nos sermões do papa Inocência III como “aquela que foi coberta pela sombra do Altíssimo para dar-lhe a inteligência da sabedoria”, na Constituição *Breviarium Divini Officii* como “minha amiga entre as filhas de Adão”, na Bula *Dum ineffabilia* como “Amiga e Consoladora da linhagem humana, ativa e vigilantíssima Advogada” e na Bula *Immensae bonitatis* como “aquela que nos livrou do cativeiro”.

4.2 Maria nos escritos em prosa de Sor Juana

Parte dos textos em prosa de Sor Juana foi escrito nos últimos três ou quatro anos antes da sua morte. São declarações assumidamente de fé e culpabilidade, mas que exaltam a

fidelidade à Virgem e evidenciam invocações e características, agora, de cunho exclusivamente dogmático. Anunciam um tempo de abandono dos livros profanos e renunciam de uma forma muito clara ao seu empenho de uma vida dedicada a defender determinados pontos de vista que até então pautavam seus escritos. Nas palavras de Octavio Paz “uma pessoa que escreve com tanta efusão e entusiasmo no seu ofício não está às vésperas de abandoná-lo”.²⁴⁹ Mas abandonou.

4.2.1 Exercícios para os nove dias antes da Puríssima Encarnação

Segundo Plancarte, os “Exercícios da Encarnação” e os “Oferecimentos do Rosário” são de uma prosa mística e de grande mérito, onde sua fé e sua chama divina se unem com seu cosmos poético e filosófico.²⁵⁰ Não convém esquecer a importância de tais escritos, uma vez que conforme a *Respuesta a Sor Filotea* (datada de 1º de março de 1691), a própria Sor Juana afirmou que “somente uns Exercícios da Encarnação (escritos, talvez, entre 1684-1686) e uns Oferecimentos das Dores se imprimiram com meu gosto, pela devoção pública, mas sem meu nome”. Diz, ainda, que os fez somente para a devoção das suas Irmãs, e depois é que foram divulgados. Na mesma *Respuesta*, referiu-se à Maria dizendo que “cujos assuntos são mui desproporcionados a meu pouco fervor como a minha ignorância” e que “só me ajudou neles o fato de serem coisas de nossa grande Rainha: que é admirável como tratando-se de Maria Santíssima acende-se o coração mais gélido”. É notável, não podemos deixar de dizer mais uma vez, a especial devoção à Maria professada por Sor Juana não apenas nos “Exercícios” e nos demais textos em prosa. O próprio medalhão que carregava no peito, como parte integrante da vestimenta adotada pela Ordem era uma reprodução pictórica da cena da Encarnação, cujo dogma pode ser considerado o núcleo do Cristianismo e onde a humanidade e a divindade de Cristo se encontram unidas numa só pessoa.

²⁴⁹ PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A., 1982, p. 592.

²⁵⁰ PLANCARTE, Alfonso Méndez. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lirica Personal*. Vol.I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951, p. XXXII.



Figura26- Destaque de Sor Juana e o medalhão da Ordem.

Na introdução dos “Exercícios Devotos”, Sor Juana apontou que entre os favores que Maria recebeu por ter sido escolhida como Mãe de Deus, estava o de “mostrar-lhe toda a criação do Universo, fazendo com que todas aquelas criaturas a fossem jurando rainha e dando-lhe obediência”, onde a honra e glória de Maria era conhecida de toda a Corte Celestial, menos da própria Senhora, a quem o sacramento foi ocultado até ser anunciado pelo anjo Gabriel.

Convém que conheçamos os principais aconselhamentos que formam os “Exercícios” compostos por Sor Juana para esta novena que antecede a festa da Encarnação. Os Exercícios de cada dia são integrados por três partes: a meditação, o oferecimento e os Exercícios propriamente ditos. Nos sete primeiros dias, a meditação está ligada aos relatos do Gênesis, mas sempre em relação com a figura de Maria. Os três últimos dias ocupam-se das três hierarquias de coros angélicos. O oferecimento invoca a Virgem e os Exercícios dedicam-se às práticas religiosas, salmos e orações, aludindo durante os primeiros sete dias aos sete pecados capitais ao mesmo tempo em que exorta suas virtudes correspondentes, recomendando, por fim, a superação de todos os vícios que prejudicam o homem. Dessa maneira, Sor Juana inicia lembrando que no princípio de tudo Deus criou o Céu e a Terra, concebendo a primeira de todas as criaturas: Faça-se a Luz! E salienta que essa foi a primeira

criatura desses nove dias que ofereceu obediência à Mãe de Deus, a Rainha da Luz, que não sofreu as trevas do pecado, rogando que ela iluminasse os entendimentos dos fiéis e dedicando, então, esse primeiro dia à Pura Conceição de Maria. Recomendava que para a Luz Puríssima de Maria poder alcançar a todos, seria necessário rezar uma Salve e nove vezes o *Magnificat*, boca na terra; sugeria a abstenção da SOBERBA, o 1º pecado capital e a pratica da HUMILDADE.

No segundo dia Deus criou o Firmamento (de firme) ao qual chamou de Céu, 2ª obra de Deus, a Potencia infinita e Sabedoria imensa, submetidas a sua Mãe porque só ela entre os Filhos de Adão foi criada como o Firmamento, entre as cristalinas correntes da graça. Assim como o Firmamento e as estrelas, Maria recebeu virtudes fixas e imóveis, que diferentemente daquelas presentes nos filhos de Adão (sem citar Eva), são errantes e não fixas. O segundo dia, deve ser dedicado a abstenção do pecado da AVAREZA, o 2º pecado capital e a pratica da GENEROSIDADE. No terceiro dia, Deus criou esse globo poderoso, a Terra, realizou a congregação das águas, o mar e produziu na Terra as ervas, sementes, árvores, frutos e as águas alegraram-se de ser símbolo das virtudes e excelências de Maria – *Mare Magnum* (mar grande), salientando a sua humildade, tratando-a como o compendio das virtudes, o arquivo das excelências e a tesoureira de toda santidade. Pede que se abstenham do pecado da VAIDADE e pratiquem a CASTIDADE, sugerindo ainda que cuidem o pecado da corrupção e que tragam cilício. (Note-se aqui, as seguintes características: compendio, arquivo, tesoureira)

No quarto dia relata que Deus criou o sol, a lua e as estrelas para iluminar a Terra, advertindo que Maria conhecia toda essa natureza e o movimento dos astros, lembra a sabedoria da Virgem, sendo ela mais douta e sábia do que a Rainha de Sabá.²⁵¹ Sendo Maria a Intercessora, descreve a altíssima SABEDORIA da grande Senhora que conheceu todas as naturezas e qualidades de todos os astros, seus influxos, giros, movimentos, retrogressões, eclipses, conjunções, minguentes, crescentes e todos os efeitos que podem produzir nos corpos sublunares, com perfeitíssima intuição (Maria, como Astrônoma?). Diz, ainda, que ela conhece, também, a geração das chuvas, granizos e raios, sabendo com claríssimo conhecimento todas as causas destes admiráveis efeitos que por tantos séculos estiveram suspensos e fatigaram os entendimentos dos homens que não chegaram a desenvolver uma

²⁵¹ Presente no Judaísmo, no Velho Testamento, conhecida nos povos etíopes, em algumas fontes árabes, no Cristianismo é possivelmente citada em Mateus e Lucas. < <http://pt.wikipedia.org/wiki> > acesso em 05.11.2014. “No dia do juízo, a rainha do Sul vai levantar-se contra esta geração e a condenará. Porque ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e aqui está alguém maior que Salomão” (Mt, 12,42). “No dia do juízo, a rainha do Sul se levantará contra os homens desta geração e os condenará. Porque ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e aqui está alguém maior do que Salomão” (Lc, 11,31).

perfeita ciência sobre tais fatos. Pede, então, que todos se alegrem com sua sabedoria da qual se admiram as puras inteligências angélicas. Nesse dia, é importante a abstenção da IRA, o 4º pecado capital e a prática da PACIÊNCIA.

No quinto dia, Deus criou as aves e os peixes, deu alma às aves e peixes e alma vegetativa às plantas, vassalos de Maria Santíssima, Ave tão ligeira, que de um voo se colocou sobre todos os Coros Angélicos, voos tão rápidos que ainda à vista dos Serafins era imperceptível. Ave graça plena, saudada pelo Arcanjo Gabriel com este nome. Nesse dia pede que se abstenham da GULA. No sexto dia, Deus criou os animais da Terra e o homem como varão e mulher, à sua imagem e semelhança. Novamente cita a queda de Adão (sem citar Eva) e todos os seus filhos, em comparação com Maria, preservada de toda culpa original, a quem as criaturas estavam sujeitas, aquela de Conceição Imaculada e a única a ser restaurada na imagem e semelhança de Deus. Nas palavras da própria Sor Juana, “*guardar y observar, especialmente, el de vuestra Inmaculada Concepción, haciendo desde luego voto de defenderla todo lo posible, hasta derramar en su defensa la sangre*”.²⁵² Suplica, ainda, a proteção e defesa dos inimigos espirituais e temporais, especialmente daquele adversário, o demônio, o serafim rebelado contra o filho de Maria e nosso Rei. Neste dia, portanto, é importante a abstenção da INVEJA e a prática da CARIDADE.²⁵³

No sétimo dia, conforme o Gênesis, Deus descansou, mas ele fez favores a Maria. Os privilégios e méritos de Maria romperam todas as margens da Natureza e chegaram às puras Substâncias Angélicas, gozando de Poder sobre todo o criado e especialmente sobre os Coros Angélicos. A partir daí, Sor Juana passa a dividir os Coros em 3 hierarquias que serão apresentadas no 7, 8 e 9º dia, conforme pregava São Gregório, em Anjos, Arcanjos e Virtudes, cuja inteligência pura deram obediência à Mãe de Deus, a mais perfeita dos 3 Coros. E clama por Maria, Senhora dos Anjos, Rainha dos Arcanjos e Imperatriz das Virtudes. Importante se precaver nesse dia do sétimo vício, a PREGUIÇA e exercer a virtude da DILIGÊNCIA. O oitavo dia é dedicado a 2ª Hierarquia, que se divide em outros 3 Coros: Potestades,

²⁵² SALCEDA, Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, volume IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 492.

²⁵³ Em defesa da Caridade, escreve Sor Juana: “*consideremos que si una imagen de leño o bronce, por ser del Señor nos mueve a veneración y reverencia, cuanto más lo debe hacer la imagen y semejanza viva que está en nuestros prójimos [...] pues cómo has de querer tú mal y desear mal, a quien Dios quiere bien y desea bien? Yo creo que, con el favor de Dios, no cometeréis este vicio de la envidia, tan ajeno de los hombres y propio del Demonio*”. SALCEDA, Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, volume IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 493. Tanto nesta como em outras passagens é possível observar em Sor Juana, uma tendência muito mais voltada para os aspectos moral e filosófico, que propriamente a escrita de uma mística. Sor Juana parece buscar o entendimento racional e não uma experiência de ordem mais transcendente.

Principados e Dominações. Clama por Maria, a Senhora mais poderosa que as Potestades, a Princesa que rege os Principados e aquela que domina sobre as Dominações celestiais. Pede proteção ao “nosso rei católico” e sugere a abstenção dos pecados mortais e veniais, imitando a pureza angélica, bem como não mentir, pois a mentira é filha do Demonio.²⁵⁴

No nono dia, seguindo o mesmo doutor, São Gregório, apresenta a 3ª Hierarquia, dividida em 3 Coros, os Tronos, Querubins e Serafins. E aclama Maria como Senhora cujo trono está sobre os Tronos, a plena de sabedoria, mais que os Querubins, a mais entendida em caridade, mais que os Serafins. Também a chama de divina Ester e soberana Judite (numa referência às mulheres libertadoras do Antigo Testamento). Sugere uma confissão bem feita, porque véspera do dia do alto mistério. No dia da Encarnação, diz que se rezará o *Magnificat* nove vezes, o hino *Ave, maris Stella*, entre outros. No décimo dia, por fim, Sor Juana exalta os elevados favores recebidos por Maria, discorridos durante os 9 dias e questiona quantos ainda infinitos e desconhecidos a Santíssima foi honrada, pois logo depois de Deus, não há perfeição como a dela. Pois, “*sólo Dios, que la crio, las puede comprender, y solo la Señora las pudo explicar cuando dijo que habia hecho Dios cosas grandes con su Majestad*”.²⁵⁵

A intenção principal do texto parece estar concentrada em acabar com os vícios, uma maneira de evangelizar, mas também de exaltação de Maria, aquela que não é Deus, mas é a mais perfeita e incomparável. Em relação a data em que teria sido escrito, Salceda localiza entre 1684 e 1685 (p. 663) e Georgina Sabat, no seu artigo, situa entre 1685 ou 1686, garantindo ser anterior a questão das “Cartas”. Mais uma vez, as invocações e características de Maria que aparecem no corpo do texto e o número de vezes que aparecem, estão descritas na tabela logo abaixo. Das 68 referências à Maria, as invocações que surgem em maior quantidade são: como Mãe (22), Senhora (19), Rainha (14), Maria Santíssima (11).

01	Imperatriz Suprema dos Anjos	01
02	Rainha Soberana dos Céus	01
03	Absoluta Senhora de Todo o Criado	01

²⁵⁴ “*Pues si el mundo, que es todo falacia y falsedad, aborrece la mentira, como la abominará Dios, que es la Suma Verdad?*”. SALCEDA, Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, volume IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 499. A ideia do mundo regido pelos homens, ou, pelo menos, o mais próximo de Sor Juana, não aparece como uma imagem muito positiva para a mulher e religiosa mexicana.

²⁵⁵ SALCEDA, Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, volume IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 503.

04	Princesa Imaculada	01
05	Médio e Porta da Misericórdia de Deus	01
06	Maria Santíssima	11
07	Venerável Mãe Maria de Jesus	01
08	Majestade Divina	01
09	Mãe	22
10	Grande Senhora	06
11	Divina Clemencia	01
12	Majestade Soberana	01
13	Majestade	03
14	Rainha da Luz	02
15	Maria	11
16	Grande Rainha	03
17	Senhora	19
18	Rainha e Senhora Nossa	02
19	Rosa de Jericó	01
20	Azucena dos Vales	01
21	Rosa	01
22	Madre Comum dos Viventes	02
23	Polvo	01
24	Rainha	14
25	<u>Compêndio</u> das virtudes, <u>arquivo</u> das excelências, <u>tesoureira</u> de toda santidade	01
26	Majestade	01
27	Mar das Perfeições	01
28	Docíssimo nome de Maria	01
29	Estrela do Mar	02
30	Senhora da Terra	01
31	Imperatriz dos Anjos	01
32	Rainha da Sabedoria	01
33	Mestra Benigníssima	01
34	Ave de Pureza	02

35	Garça	01
36	Fenix	01
37	Rainha das Aves	01
38	Celestial Princesa	01
39	Ave Celestial	01
40	Soberana Imperatriz	01
41	Mãe e Advogada	01
42	Rainha de todos os Homens	01
43	Honra da Natureza	01
44	Coroa da linhagem humana	01
45	Restauradora da nossa honra perdida em Adão (não cita Eva)	01
46	Glória de Jerusalém	01
47	Alegria de Israel	01
48	Honorificencia de nosso povo cristão	01
49	Restauradora da imagem de Deus na natureza	01
50	Perfeição ultima de todo o criado	01
51	Porta do céu e médio de nossa Redenção	01
52	Único refúgio e amparo nosso	01
53	A Virgem	04
54	Venerável Madre Maria de la Antigua	01
55	Mãe do Altíssimo	01
56	Mãe de Deus	10
57	Senhora dos Anjos	01
58	Rainha dos Arcanjos	01
59	Imperatriz das Virtudes	01
60	Rainha e Senhora	01
61	Cheia de Sabedoria (mais que os querubins)	01
62	Entendida na caridade (mais do que os serafins)	01
63	Divina Ester	01
64	Soberana Judite	01
65	Grande Senhora e Mestra	01
66	Mãe do Verbo	01

67	Senhora do Mundo	01
68	Rainha dos Anjos	01

Tabela 12- Características de Maria nos Exercícios para os nove dias.

Como se pode ver, as características mais citadas são de clara e visível aproximação com os títulos mais dogmáticos e tradicionais. No entanto, cabe salientar as referências à Ester e Judite, cuja tradição mariológica já desenvolveu estudos que indicam a Santíssima como herdeira superior das mulheres libertadoras do Antigo Testamento. Gostaríamos de chamar a atenção para as atribuições que aparecem de Maria como “arquivista e tesoureira”, funções estas exercidas pela própria Sor Juana no Convento da Ordem.

4.2.2 Oferecimentos para o Santo Rosario de quinze mistérios

De nome completo “Oferecimentos para o santo rosário de quinze mistérios que se há de rezar no dia das Dores de Nossa Senhora a Virgem Maria” e sem uma data precisa de quando teria sido realmente escrito, comunica Maria como Mãe e Senhora, exaltando a dor que transpassou seu coração maternal por ver o corpo atormentado na cruz de madeira do seu Filho e Salvador. Fala de Maria Santíssima, mas também de Maria angustiadíssima, atribuladíssima, desconsolada e atormentada, só e desamparada, martirizada, mas que, apesar de infatigável no seu padecer, também é uma Mulher Forte e uma Alma Santíssima. Aqui é a exaltação da Mãe, uma das características mais atribuídas por Sor Juana, nos textos que até aqui estudamos, cuja dor é impossível medir e por isso mesmo os fiéis devem se dedicar à contemplação e a oração. Senhora e Mãe são as características que surgem com mais intensidade nesses “Oferecimentos”.

01	Madre Santíssima	03
02	Senhora	14
03	Mãe	14
04	Maria, mar de graças e virtudes, agora mar de dores	01
05	Mulher das Dores	01
06	Viuva do melhor Esposo e órfã do melhor Pai	01
07	A Triunfante	01
08	Mulher Forte	01

09	Alma Santíssima	01
10	Rainha da Humildade	01

Tabela 13- Características de Maria nos Oferecimentos para o Santo Rosário.

4.2.3 Douta Explicação e Voto de defender a Puríssima Conceição

“A Douta Explicação do Mistério e voto que fez de defender a puríssima conceição de nossa senhora, a madre Juana Inés de la Cruz” é o título completo do voto de defesa da Puríssima Conceição, cuja cópia consta no tomo IV das “Obras Completas”, assinado por Sor Juana e datado de 17 de fevereiro de 1694. O texto começa com a religiosa declarando ser ela, a mais mínima dos escravos de Maria Santíssima Nossa Senhora, debaixo da correção da Santa Madre Igreja Católica Romana, cujo ditame sempre seguirá e,

diante da Santíssima Trindade e da mesma Virgem Mãe do Verbo Eterno Encarnado, nosso Senhor e de todos os cidadãos da Corte Celestial, especialmente o gloriosíssimo Patriarca Senhor São José, o Santo Anjo da minha Guarda, meu pai São Pedro, São Jerônimo, Santa Paula, Santo Agostinho, Santo Inácio, Santa Rosa, São Felipe de Jesus, Santa Eustoquia e todos os santos e santas patronos advogados e tutelares de minha Nação e Pátria e de todas as criaturas do céu e da terra, a quem faço testemunhos deste ato, livre e espontaneamente, de todo meu coração...²⁵⁶

A partir daí pronuncia que Maria Santíssima etc., no primeiro instante em que foi criada sua puríssima alma unida à matéria de sua carne virginal esteve “adornada com a graça santificante e prevenida por singular dom e privilégio da Santíssima Trindade, para não incorrer na culpa original”. Mais adiante, ressalta que não se opõe “com esta pureza original o benefício da Redenção com que foi redimida pelos méritos da Paixão e Morte do seu precioso Filho”. Jura crer, afirmar e confessar o dogma “até derramar o seu sangue”. As invocações e características de Maria que aparecem no corpo do texto e o número de vezes que aparecem, estão descritas na tabela logo abaixo.

01	Maria Santíssima Nossa Senhora	02
02	Virgem Madre do Verbo Eterno Encarnado	01
03	Sempre Virgem e verdadeira Mãe de Deus Homem	01
04	Madre Santíssima	01

²⁵⁶ SALCEDA, Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, volume IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 516-517.

05	Puríssima Madre Senhora Nossa	01
----	-------------------------------	----

Tabela 14- Características de Maria na Douta Explicação e Voto de defender a Puríssima Conceição.

4.2.4 Protesta rubricada com seu sangue

Esta retratação intitulada “PROTESTA que, rubricada com seu sangue, fez de sua fé e amor a Deus, a madre Juana Inés de la Cruz, ao tempo de abandonar os estudos humanos para prosseguir, desembaraçada deste afeto, no caminho da perfeição”, data de 5 de março de 1694, menos de um mês após a “Douta Explicação do Mistério da Puríssima Conceição”. Sor Juana começa dizendo que protesta para agora e para toda a eternidade a crença em um só Deus todo poderoso, criador do Céu e da Terra e segue ressaltando o Credo, que consiste, ainda, na exaltação do Sacramento da Eucaristia do Corpo de Cristo e diz que na obediência à Santa Mãe Igreja Católica quer morrer e viver, que mil vezes dará a vida primeiro que faltar ou duvidar de algo que manda crer, por cuja defesa se diz, novamente, prestes a derramar seu sangue e defender com todo *riesgo* a santa Fé que professara, não apenas crendo e adorando com o coração, mas confessando-a com a boca em todo tempo e a todo *riesgo*. Pede confissão de suas culpas, ainda que faltem signos exteriores que o expressem. Fala de um duelo íntimo por haver ofendido a Deus, fazendo, então esta nova protesta, reiteração e confissão da santa Fé. Reitera o voto de defender que a sempre Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem pecado no primeiro instante de seu ser puríssimo e, crendo que só ela tem maior graça a que corresponde a maior glória de todos os anjos e santos juntos e faz voto de defender e crer qualquer privilégio seu que não se oponha a nossa santa Fé, crendo que é todo o que não é ser Deus. Por fim, escreve que “em sinal de quanto desejo derramar o sangue em defesa dessas verdades, assino com ele”.²⁵⁷ E assim o faz realmente, como comprova a página do livro de Profissões do Convento, na parte central do manuscrito, onde ela reiterou seus votos em 1694.

Segundo Bernassy-Berling, as controvérsias mais ligadas à Imaculada Conceição e a questão do “voto de sangue” nos coloca diante de uma faceta da história sociocultural do mundo hispânico. Crer na Imaculada Conceição significava acreditar que desde o instante da sua concepção, Maria esteve preservada da “mancha original”, da tendência de fazer o mal que os homens trazem ao nascer. Como nos escritos que tratam do assunto, não há nada muito explícito, julga-se que se trata justamente da *vox populi*. Diante das controvérsias, no entanto, foi Duns Scotus quem argumentou que se poderia falar da Imaculada Conceição de Maria,

²⁵⁷ SALCEDA, Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, volume IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 518-519.

considerando-a não como um ser que não precisaria ser salvo por Cristo, mas como o ser que foi salvo por excelência. O século de Juana trouxe essa controvérsia histórica e transformou na região de Andaluzia a saudação popular numa Ave Maria Puríssima, cuja resposta conveniente era sem pecado concebida. Em 1616, o rei instituiu a Real Junta da Imaculada Conceição, encarregada de trabalhar para conseguir a definição do papa como dogma desta piedosa crença. Em 1617 Paulo V proibiu atacar publicamente a crença piedosa e em 1622, Gregório XV estendeu aos escritos privados, assim como a bula *Sollicitudo omnium* de 1661, de Alexandre VII.

Nesse contexto, é possível compreender os “votos de sangue”, onde na Espanha, o zelo pela Imaculada Conceição adquiriu proporções surpreendentes. Em Andaluzia, alguns fanáticos chegaram a fabricar falsos documentos em busca de comprovar a crença. A partir de 1615, aproximadamente, os “votos de sangue” se converteram numa prática bastante comum, foi firmado por universidades e mesmo por algumas cidades, sendo que de 1652 a 1653, foi a vez das Ordens militares espanholas. Calderón, em versos, referiu-se a Imaculada Conceição e a votos, que, muitos deles eram de sangue: *Qué mucho (ay de mi) qué mucho / que com tales preeminencias / reyes, cortes, tribunales / ciudades, grêmios, escuelas, / cabildos, congregaciones / lo jurem.*²⁵⁸

Com a mesma intenção, Ugarte nos relata, por exemplo, que as Universidades americanas não podiam deixar de contribuir para a difusão dessas doutrinas da Imaculada Conceição. A Lei décima quinta das Universidades de *Recopilación* das Índias ordenava que para todos os graus maiores e para o *bachiller* em Teologia se exigisse o juramento de “*siempre creerá y enseñará de palabra y por escrito haber sido la siempre Virgen María, Madre de Dios y Señora nuestra, concebida sin pecado original en el primero instante de su ser natural*”, juramento este que deveria ser colocado no título do grau a ser concedido. “*Y si sucediere, añadia, haber alguno, lo cual Dios Nuestro Señor no permita, que rehusare hacer el juramento, le será por el mismo caso denegado el grado*”, e aquele que “*se atreviere a dársele incurra por el mismo caso en pena de 100 ducados de Castilla y en privación de oficio de Secretario de la Universidad que no lo denunciare ante el Rector*”. Portanto, “*fiamos tanto de la devoción de la Madre de Dios, que nunca sucederá el caso de obligar a la ejecución de estas penas*”.²⁵⁹ Por sua vez, no livro de Profissões do Convento de São

²⁵⁸ BENASSY-BERLING, Marié-Cécile. *Humanismo y religión en Sor Juana Inés de la Cruz*. México: UNAM, 1983, p. 244-246

²⁵⁹ UGARTE, Ruben Vargas, S.J. *História Del Culto de Maria em Iberoamérica y de sus imagenes y santuários mas celebrados*. Madrid: Talleres Gráficos Jura, 1956, 135-136.

Jerônimo, na Cidade do México, Sor Juana reiterou seus votos em 1694 e assinou com seu próprio sangue na parte central do manuscrito.

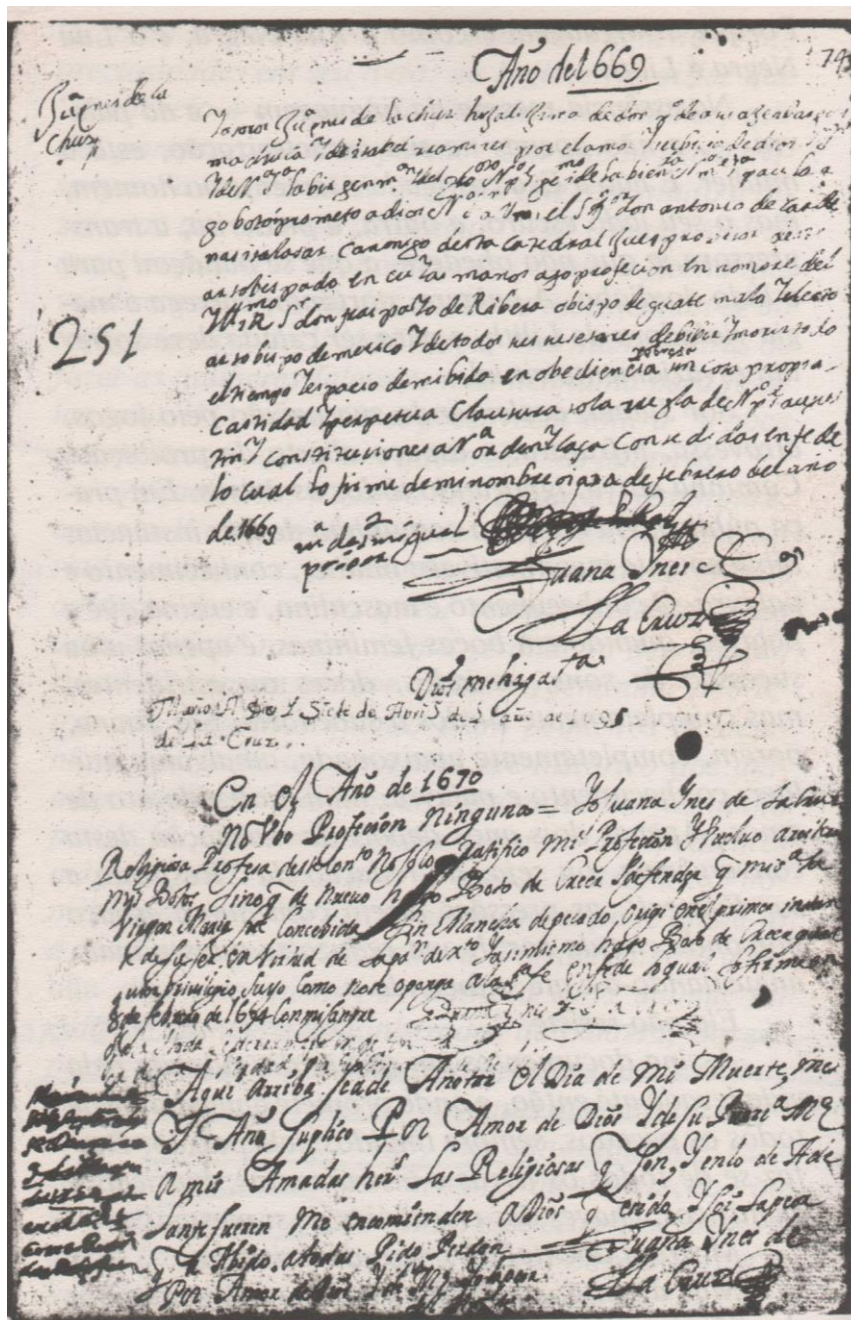


Figura 27-Protesta de Sor Juana rubricada com seu próprio sangue. ²⁶⁰

Mais uma vez, assinalamos as invocações e características de Maria que aparecem no corpo do texto e o número de vezes que aparecem, conforme tabela logo abaixo.

²⁶⁰ BARRETO, Teresa Cristófani. *Sor Juana Inés de la Cruz, Letras sobre o Espelho*. São Paulo: Iluminuras, 1989, p. 42.

01	Maria Santíssima sempre Virgem e Senhora Nossa	01
02	Madre puríssima	01
03	A sempre Virgem Maria Nossa Senhora	01
04	Divina Senhora	01

Tabela 15- Características de Maria na Protesta rubricada com seu sangue.

4.2.5 Petição em forma casuística ao Tribunal Divino

Nesta petição (talvez com data um pouco posterior a março de 1694), mais uma vez Sor Juana se apresenta como a mais “indigna e ingrata criatura de quantas criou vossa Onipotência e a mais desconhecida de quantas criou vosso amor”. Dirige-se ao Tribunal Divino e diz que conforme o Fiscal do Crime da sua própria consciência deveria ser condenada à morte eterna, não bastando infinitos Infernos para seus inumeráveis crimes e pecados, mas que mesmo assim “apela para vosso infinito amor e imensa misericórdia”, recorrendo da sentença ao “Tribunal de vossa Misericórdia”. Mais adiante, pedindo a justificação de suas graves culpas, escreve: “e com ela ofereço todos os vossos méritos e o amor mesmo que me tens e os méritos de vossa Virgem e Santíssima Mãe, e Senhora minha, e de seu esposo e meu amado advogado São José, Anjo Santo da minha Guarda”, acrescentando “e de meus Devotos e Universidade de Bem-aventurados”. Confessa, ainda, que no seu entender, tem vivido “sem religião ou pior que pudera um pagão” e que “é minha vontade voltar a tomar o Hábito e passar pelo ano de aprovação, a qual há de examinar vosso Ministro e padre de minha alma” e, por fim, pede permissão para receber o sagrado hábito de São Jerônimo “meu advogado e intercessor”, como se ela já não vestisse o hábito da Ordem.

Da mesma forma, Salceda entende a Petição como sendo a última obra literária de Sor Juana, embora ali não conste nenhuma data. É fato que o referido texto aponta para um estilo basicamente forense e atribui à Consciência a função de Fiscal do Crime, ou seja, o acusador das causas criminais. Na segunda parte, quando Sor Juana solicita a retomada do hábito, isso se daria num sentido mais simbólico e até mesmo místico, chamando a atenção para a coincidência da data da Petição, que seria posterior a março de 1694, justamente o ano de provação que se daria no ano da morte da monja jerônima (abril de 1695), reforçando o significado de uma profissão mística.²⁶¹ As invocações e características de Maria que

²⁶¹ SALCEDA, Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, volume IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 671.

aparecem no corpo do texto e o número de vezes que aparecem, estão descritas na tabela logo abaixo, sintetizadas como Puríssima Virgem e Santíssima Mãe e Senhora.

01	Virgem e Santíssima Mãe e Senhora minha	01
02	Mãe	01
03	Puríssima Virgem Maria	01

Tabela 16- Características de Maria na Petição em forma casuística.

É especialmente elucidativo constatar que Sor Juana, à medida que salienta suas crenças até mesmo nos privilégios da Virgem, ressalta que crê, “desde que não se oponha a santa Fé”. Nesse sentido, inclusive, Octavio Paz reconhece que a Igreja havia sido sempre o amparo dos talentos pobres e dos literatos sem recursos. Era assim que no clero secular, nos conventos e nas ordens abundavam os poetas, os dramaturgos e ainda os romancistas. Nenhum deles havia sofrido perseguições por escrever obras profanas; a liberdade de que gozavam era bastante ampla, com a limitação de não afirmar nada que fosse contrário ao dogma.²⁶²

Estes escritos de Sor Juana, portanto, com exceção dos “Exercícios da Encarnação”, de 1684-1686, embora já professassem a sagrada Conceição de Maria, poderiam ser considerados como seus “posfácios de vida”, porque muito próximos a data de sua morte e distantes do seu ritmo literário e ousadia teológica anterior, embora, é claro, não possamos ignorar todo um contexto adverso e anteriormente apontado que provavelmente também colaborou para as mudanças que foram se apresentando. Daquele ritmo literário e teológico anterior, os *villancicos* aqui estudados se apresentaram como um dos melhores exemplos dessas fronteiras, pois sugeriam uma abertura e um convite para outras reflexões e hermenêuticas. Apesar de ressaltarem com maior ênfase numérica as invocações e características mais tradicionais, não se furtaram a contrastar o modelo mais reconhecido e aprovado de Maria, aquele da mulher mais calada, obediente e silenciosa, com Aquela que tem Voz, que Canta e Ensina, um exemplo não só para as mulheres, mas para todo o gênero humano.

²⁶² PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A., 1982, p. 554.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da trajetória e da leitura da obra de Sor Juana Inés de la Cruz, no nosso entender, no mínimo mostrou três valores: o primeiro por Sor Juana lembrar, em diversas oportunidades, aquilo que Santo Tomás de Aquino, numa “grande síntese entre conhecimento e fé”, entendeu como “a possibilidade de dois caminhos que conduzem a uma verdade, um que pode ser reconhecido pela razão através da observação, e o outro pela revelação da Palavra de Deus, mediante a Bíblia”;²⁶³ o segundo por nos colocar em contato com a vida e a obra da religiosa mexicana do século XVII e os diversos autores e autoras que escreveram sobre ela e sobre a sua literatura e religiosidade; o terceiro, por nos conduzir ao seu mundo de então e, a partir desse exercício, quem sabe, contribuímos mesmo de uma maneira singela, para a História da Igreja que enquanto valorizando a Literatura, a Poesia e toda a forma de expressão capaz de transmitir o belo e o transcendente, nos tornam mais sensíveis para os caminhos deste mundo que nos levam a Deus.

Sabemos que a história humana não é composta por períodos exatamente definidos e hermeticamente isolados uns dos outros. Assim como não fomos dormir um dia na Idade Média e acordamos, de repente, no outro dia, na Modernidade, ideias, pensamentos e atitudes por vezes adquirem novas formas, mas podem não ter mudado tanto quanto imaginamos mesmo juramos vê-los nas suas novas roupagens. O historiador Georges Duby, no seu livro “Ano 1000, ano 2000, na pista dos nossos medos”, sustenta que as pessoas que viviam nesse passado não eram nem menos nem mais inquietas do que nós e penetrar no espírito dessa sociedade, onde o invisível estava tão presente e era tão digno de interesse que detinha tanto poder quanto o visível, nos leva a refletir sobre os problemas do nosso tempo, sobre nossas diferenças, mas também, nossas semelhanças.

Sabemos que grande parte da obra de Sor Juana, da sua vida e seu entorno ficaram à margem da nossa exposição, uma vez que não poderíamos tratar tantos temas e possibilidades ao mesmo tempo. Ou pelo menos assim pensamos. Por isso mesmo, a pesquisa pode ser considerada apenas como um ponto de partida, uma discussão que se inicia num campo de estudos disposto a nos receber com muitas surpresas e descobertas inesperadas, principalmente, se levarmos em conta sua produção poética, na íntegra. Ao optar pela proposta de “identificar e relacionar as diversas invocações e características de Maria”, no entanto, procuramos, mesmo assim, pelo menos elencar alguns temas que julgávamos importantes e que ajudariam a compor o estilo e as tendências de Sor Juana, bem como um

breve olhar sobre o seu tempo. Com esse propósito acompanhamos a chegada dos espanhóis e de Maria na Nova Espanha. Maria chegou como a Conquistadora e tornou-se praticamente universal no reino da Nova Espanha como a Virgem de Guadalupe, a *Morenita*, que hoje está gravada no coração do México, na sua história e na formação do seu povo. Seguimos observando a relação de proximidade que se deu entre a Igreja e o “mundo das letras”, fortificada durante o Período Colonial, com os missionários, as Ordens religiosas e a Universidade. Nesse sentido, é inegável que Sor Juana foi uma representante desse seletor “mundo das letras” e não podemos negar os possíveis privilégios advindos desse pertencimento. No entanto, assim como grande parte da sua produção intelectual esteve voltada para peças de ocasião, o que era muito comum naquela época, ao mesmo tempo, seus escritos surpreendem pela ousadia com que expressou as heterodoxias das suas ideias, inclusive, nos escritos por encomenda.

A vida e a obra de Sor Juana foram marcadas pela vontade de conhecer. Isso ficou bastante evidenciado em toda a sua trajetória: a constante reivindicação do direito aos estudos e ao conhecimento para ela e para todas as mulheres. Como chegamos a especificar, para as mulheres do século XVII, na Nova Espanha, não restavam muitas alternativas a não ser o matrimônio e a vida religiosa. E foi no Convento que nossa poetiza encontrou uma possibilidade para sua alma e seus estudos, como ela mesma declarou, diante da “total negação que tinha eu ao matrimônio, era o menos desproporcionado e o mais decente que poderia escolher em matéria de segurança que desejava para minha salvação” e diante da vontade que tinha de querer viver sozinha “de não querer ter ocupação obrigatória que embaraçasse a liberdade do meu estudo, nem rumor de comunidade que impedisse o sossegado silêncio dos meus livros”. Embora vivendo em pleno Barroco, Sor Juana não se restringiu apenas a esses modelos literários. Escreveu muitas vezes sobre as mulheres tendo sido, inclusive, uma mulher sobre a qual ela escreveu, a responsável por publicar grande parte das suas obras na Espanha: a Condessa de Paredes, a *Lysi* para quem dedicou várias poesias.

Em relação aos *villancicos* e textos em prosa aqui trabalhados, nosso exercício constituiu-se numa dupla tentativa: 1) num primeiro momento analisar as características “normalmente” atribuídas à Maria pelas fontes mais tradicionais da Igreja e listá-las uma a uma; 2) relacionar, de maneira semelhante, as características atribuídas à Maria por Sor Juana em cada um dos textos trabalhados e listá-las uma a uma. Em comparação, foi possível

²⁶³ ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 65.

constatar algumas tensões entre os dois procedimentos ao perceber que Sor Juana comunicava algumas características que não foram encontradas nas fontes mais tradicionais.

Embora a quase totalidade das invocações ou características por ela apresentadas seja de caráter tradicional e o número de vezes em que aparecem nos textos seja de longe superior às “inovadoras”, entendemos que esta expressão quantitativa mais discreta, quase despercebida, não invalida a sua importância e o seu peso de significação, embora o quase silêncio da referência. Assim, por exemplo, quando se refere à Maria como “contadora” e “arquivista”, parece associar funções que ela mesma exerceu na vida real, na casa conventual onde viveu. Em outros momentos, refere-se à Maria como “astrônoma”, uma profissão sabidamente masculina, mas que, de certa forma está vinculada a Sor Juana, uma vez que ela possuía diversos aparelhos científicos e também estava habituada a discussões do gênero. Sor Juana parece se colocar muito próxima de Maria, até mesmo identificando-se com ela, fazendo-a “emergir na forma de uma figura mais individualizada, a ponto de adquirir um perfil próprio”, à semelhança das transformações do final da Idade Média.

Nesse sentido, outros pontos podem e devem ser considerados. O primeiro deles é perceber quão notável é a quantidade e a diversidade de invocações e características que Sor Juana utiliza para referir-se à Maria. Levando em conta apenas os versos escritos em espanhol, conseguimos pontuar 38 características nos dois *villancicos* da Conceição analisados, 64 nos quatro *villancicos* da Assunção e 68 nos “Exercícios Devotos”, para falar apenas daqueles textos que apresentaram maior diversidade quantitativa de características, uma vez que os assim chamados “textos finais” não apresentam nem de longe tal diversidade. As evidências de cunho mais tradicional dominam os escritos de Sor Juana, onde Maria é exaltada como Mãe, Senhora, Rainha e Esposa, embora o principal referimento seja dado pelo próprio nome “Maria”.

No entanto, a possível novidade da pesquisa fica por conta da comunicação de Maria como “astrônoma, arquivista, tesoureira, contadora e compêndio”. Como “arquivo do bem”, aparece nos *villancicos* da Conceição; como “soberana doutora das escolas divinas”, “mestra divina”, “alta mente culta”, “a grande astrônoma” nos *villancicos* da Assunção; como “compêndio das virtudes, arquivo das excelências, tesoureira de toda santidade”, nos “Exercícios para os nove dias”. Os “Exercícios” são datados de 1684-1686, portanto bem antes dos assim conhecidos “textos finais”, e sobre o qual Sor Juana declara que foram impressos com sua satisfação, ou seja, que não foram escritos por encomenda. Posteriormente, os registros da “Douta explicação, da Protesta e da Petição”, datados de 1694, isto é, cerca de

um ano antes da morte de Sor Juana, apresentam Maria como Mãe, Virgem e Senhora. Nesses registros, Sor Juana não mais aparece nomeando as várias santas letradas, nem as inúmeras mulheres da Bíblia ou da mitologia, mas pedindo perdão para suas graves culpas e reconhecendo faltas e delitos.

Octavio Paz alerta que “o estilo impessoal destes escritos, como copiados de um formulário devoto, revela que Sor Juana não os escreveu”, que ao renunciar efetivamente à literatura, se ateu a fórmulas usadas na época. Afirma, ainda, que segundo Calleja e Oviedo, por essa data teria começado a castigar o corpo, seguindo o exemplo do seu confessor, o padre Antonio Nunes de Miranda, que regia a Congregação da Puríssima, uma confraria que reunia as personalidades mais influentes da Nova Espanha, e que embora fosse professor de Filosofia e Teologia, não seria um verdadeiro intelectual nem nunca teria mostrado paixão pelo conhecimento.

Sor Juana parece ter escondido no manto sagrado de Maria alguns elementos “inoportunos” para uma sociedade comandada por homens e onde as poucas mulheres que participavam do “mundo das letras” significavam uma exceção e não a regra. Talvez, buscando construir e justificar uma imagem intelectual para as mulheres tenha protegido essa imagem na própria figura de Maria, da qual, não temos a menor dúvida, era fervorosa devota. O grande detalhe, ao que tudo indica, é que essa imagem da mulher intelectual transferida para Maria, foi composta com base nela mesma, isto é, na própria Sor Juana. Essa imagem de Maria como uma mulher intelectualizada poderia estar presente em lugares onde Sor Juana não podia estar até mesmo por sua vida de clausura. Este não era o caso de Maria, “Ave tão ligeira, que de um voo se colocou sobre todos os Coros Angélicos”. Assim, seus *villancicos* levavam uma mensagem mais sutil em meio aos cantos nas Catedrais e às devoções marianas. Em determinado momento, porém, quando olhamos para os seus “textos finais” e a sua desistência dos livros, aparelhos científicos e da luta pelo direito aos estudos e ao conhecimento, isso parece ter mudado radicalmente. E Sor Juana “descolou” a sua imagem da imagem de Maria. E do voo de Maria. “*Al Cielo subió Maria*”.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Petrópolis, VOZES, 2002.
- AQUINO, Tomás de. *Comentário à Ave -Maria: "In Salutationem Angelicam Expositio"*. São Paulo: Eunate, 2006.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- AVILA, Santa Teresa de. *Livro da vida*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- BARRETO, Teresa Cristófani. *Sor Juana Inés de la Cruz, Letras sobre o Espelho*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- BASADONNA, Giorgio. SANTARELLI, Guiseppa. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BECERRIL, René Roberto. *La maestra divina y su enseñanza infinita. Los inicios del barroquismo educativo de Sor Juana Inés da la Cruz*. Viento Del Sur, nº 11, inverno 1997.
- BENASSY-BERLING, Marié-Cécile. *Humanismo y religión en Sor Juana Inés de la Cruz*. México: UNAM, 1983.
- BERNAND, Carmen. GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, uma Experiência Europeia, 1492-1550*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.
- BETHELL, Leslie (Org). *América Latina Colonial*, vol. I. São Paulo: Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.
- BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía en el México Colonial*. Barcelona: Herder S.A., 1996.
- BÍBLIA Sagrada. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BRUSTOLIN, Leomar Antonio (org.). *50 Anos do Concílio Vaticano II recepção e interpretação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- CAMPOAMOR, Clara. *Sor Juana Inés de la Cruz*. Madrid: Ediciones Júcar, 1983.

- CANAL, Fredo Arias de la. *Fama y obras posthumas del fênix de México, dezima musa, poetisa americana, Sor Juana Inés de la Cruz*. México: Frente de Afirmacion Hispanista, A.C., 1989.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, Loyola, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo, Loyola, 2010.
- COMISSÃO Internacional Anglicano-Católica Romana. *Maria: graça e esperança em Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CONTI, Servílio. *O santo do dia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- COSTA, Frei Sandro Roberto da (org.). *Imaculada Maria do Povo, Maria de Deus*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- CRUZ, Sor Juana de la. *Obras Escogidas*. México: Espasa-Calpe Mexicana S.A., 1959.
- CRUZ, São João da. *São João da Cruz: Poesias completas*. São Paulo: Consejería de Education de La Embajada de España, 1991.
- CUESTA, Angel Martínez, O.R.A. *Las Monjas en la América Colonial*. Centro Virtual Cervantes, Thesaurus. Tomo L. Números 1, 2 e 3. (1995). Disponível em < http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/f/50/TH_50_123_594_0.pdf > acesso em 21.08.2013.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental, Autores e obras mais fundamentais*. São Paulo: Ática, 2000.
- ELIADE, Mircea. COULIANO, Ioan P. *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERNANDEZ, Cristina Beatriz. *La Escritura de Sor Juana Inés de la Cruz: el caso de sus villancicos*. *Revista Digital de Estudios Humanísticos de la Universidad FASTA*. Ano II, vol. II, num. 1, enero/junio, 2002.
- FIORENZA, Francis S. GALVIN, John, P. *Teologia Sistemática: perspectivas católico-romanas*, vol. II. São Paulo: Paulus, 1997.
- FIORES, Stefano de. Meo, Salvatores. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GÖSSMANN, Elisabeth et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUTIERREZ, León Guillermo. *Crónica de una vida de disfarces y subversiones, Sor Juana Inés de la Cruz*. *Revista de la Universidad de México*, p. 38. Disponível em < <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx> > acesso em 28.09.2014.

- HINO Acatístico em nome da Mãe de Deus. Catedral Santa Teresa, Caxias do Sul, RS.
- LABRIOLA, Rodrigo. As iconografias da Malinche e Sor Juana. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense*. Disponível em < <http://www.propi.uff.br/ciberlegenda/iconografias-malinche-e-sor-juana> > acesso em 29.09.2014.
- LACOSTE, Jean-Yves (Dir). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.
- LARRALDE, Américo. Neptuno Alegórico Vislumbre del Arco de Sor Juana. *Revista de la Universidad de Mexico*. Disponível em < <http://www.revistadelauniversidad.unam> > acesso em 12.08.2013.
- LEÓN, Luis de. *Poesías de Fray Luis de León*. Barcelona: FAMA, 1953.
- LONGHENA, Maria. *O México Antigo. Coleção Grandes civilizações do passado*. Barcelona: Folio, S.A., 2006.
- LOPEZ, Garcia J. *História de la Literatura Española*. Barcelona: Vicens-Vives, 1987
- LUTERO, Martim. *O Louvor de Maria*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- MARIN, S.I. Hilário. *Doctrina Pontificia IV: Documentos marianos*. Madrid: Editorial Católica S. A., 1954.
- MARTÍN, Maria Isabel Fraile. *La iconografía mariana en la Catedral de Puebla*. *NORBA-ARTE*, ISSN 0213-2214, vol. XXVII (2007).
- MAZA, Francisco de la. *Sor Juana Inés de la Cruz ante la Historia*. México: Universidad Nacional autónoma de México, 1980.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MONGE, Roberto (coord. e prefácio). *Papas*. Porto: Fubu, 2005.
- MURAD, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Paulinas, Santuário, 2012.
- MUSEU de Antropologia, México. Disponível em < <http://es.wikipédia.org> > acesso em 22.09.2014.
- MUSEU da América, Espanha. Disponível em < <http://www.mecd.gob.es/museodeamerica> > acesso em 29.09.2014.
- NAVARRO, Ana (Ed.). *Antología Poética de escritoras de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Castalia S.A., 1989.
- NERVO, Amado. *Obras Completas Tomo II, Prosas, Poesias. Juana de Asbaje*. Madrid: Aguilar, S.A., 1952.

- OVIEDO, José Miguel. *História de la literatura hispanoamericana*. Madrid: Alianza editorial, 1995.
- PAREDES, José Cristo Rey Garcia. *Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática*. São Paulo: Ave-Maria, 2011.
- PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la Fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A, 1982.
- PELAYO, Marcelino Menéndez. *História de la poesia hispano-americana*. Santander: Audus, S.A.de Artes Gráficas, 1948.
- PEÑA, Carlos González. *Historia de la Literatura Mexicana desde los Orígenes hasta nuestros días*. México: Porrúa S.A., 1954.
- PENNA, Angelo. *San Jerónimo*. Barcelona: Luis Miracle, 1952.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PETROSILLO, Orazio. *Cidade do Vaticano*. Cidade do Vaticano: Ufficio Vendita Pubblicazioni e Riproduzioni, 2002.
- PICH, Roberto Hormeister. PULIDO, Manuel Lázaro. CULLETON, Alfredo Santiago. (Eds). *Ideias sem fronteiras nos limites das ideias. Scholastica Colonialis: Status quaestionis*. Cáceres: Instituto Teológico San Pedro de Alcântara (UPSA), Diócesis de Coria-Cáceres, 2012.
- PICH, Roberto Hofmeister. *Antecedentes à Investigação filosófico-historiográfica da Escolástica Colonial: a contribuição de Mauricio Beuchot*. Cauriensia, vol. VI, 2011.
- PICH, Roberto Hofmeister. *Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18: notas sobre a contribuição de Walter Bernard Redmond*. SCRIPTA, vol. 4, nº 2, 2011, PP 81-102. Disponível em < <http://bdigital.uncu.edu.ar> > acesso em 20.06.2014.
- PIO XII. Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, de 1/11/1950.
- PLANCARTE, Alfonso Méndez Plancarte. (edición, prólogo y notas). *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Lírica Personal*. Vol. I. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- _____. *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Villancicos y Letras Sacras*. Vol. II. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- _____. *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Autos y Loas*, vol. III. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense S.A.,1985.

- RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação O Discurso e o Excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, Lda., 2013.
- RIEGL, Alois. *El culto moderno a los monumentos*. Madrid: Visor Distribuciones, 1987.
- SALCEDA, Alberto G. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz, Comedias, Sainetes y Prosa*, vol. IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.
- SALVADOR, Rodolfo Aguirre. *Sigüenza y la Real Universidad de México: el intelectual frente a la corporación*. *Signos históricos*, num. 8, Julio-diciembre, 2002. Disponível em <<http://biblio.juridicas.unam.mx/www.juridicas.unam.mx>>. Acesso em 20.06.2013.
- SANTARELLI, G. BASADONNA, G. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SARANYANA, Josep-Ignasi (Dir.). GRAU, Carmen-José Alejos (Coord.). *Teología em América Latina, Desde los Orígenes a la Guerra de Sucesión (1493-1715)*. Vol. I. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt AM Main: Vervuert, 1999.
- _____. *Teología em América Latina, Escolástica barroca, Ilustración y preparación de la Independência. (1665-1810)*. Vol. II. Madrid: Iberoamericana, 2005.
- SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*, volume II. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- SCHONS, Dorothy. *Bibliografía de Sor Juana Inés de la Cruz*. México: Imprensa da Secretaria de Relações Exteriores, 1925.
- SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*. São Paulo, Paulus, 2010.
- THOMASSET, Alain. Paul Ricoeur e a Bíblia: poética e argumentação. In: MIES, Françoise (org.). *Bíblia e Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2007.
- UGARTE, Ruben Vargas, S.J. *História del Culto de Maria en Iberoamérica y de sus imagenes y santuários mas celebrados*. Madrid: Talleres Graficos Jura, 1956.
- VIER, Frederico (coord. geral). *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ZANON, Darlei. *Nossa Senhora de Todos os Nomes*. São Paulo: Paulus, 2005.
- ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011.